

UMA HISTÓRIA DE AMOR E PAIXÃO WELINGTON RIBEIRO BORGES



WELINGTON RIBEIRO BORGES

UMA HISTÓRIA DE AMOR E PAIXÃO

50 ANOS DA ENCENAÇÃO DA PAIXÃO
DE CRISTO EM CUBATÃO

Inteligência

WELINGTON RIBEIRO BORGES

UMA HISTÓRIA
DE AMOR E PAIXÃO

50 ANOS DA ENCENAÇÃO DA PAIXÃO
DE CRISTO EM CUBATÃO

editora

InteliGência

Copyright © 2019 Weligton Borges

Ana Lúcia da Silva Borges

Assessoria de Comunicação/entrevistas e transcrições

Dilson Silva Mato Grosso

Coordenação Editorial

Juliana Souza da Silva

Coordenador de Pesquisa

Carlos Roque Barbosa de Jesus - INSTAGRAN: @carlosroque.bj

Ilustração da Capa

Izabel Ferreira Mendes

Arte da Capa

Vivian Alamo

Revisão de texto

Dados internacionais de Catalogação na Publicação(CIP)

B734u

Uma história de amor e paixão: 50 anos da encenação da paixão de Cristo em Cubatão / Welington Ribeiro Borges (org.); prefácio: Sérgio Mamberti. — Cubatão: Editora Inteligência, 2019.

121 p.: il.

ISBN : 978-85-62237-39-3

1. Jesus Cristo. 2. Paixão. 3. Teatro. 4. História. I. Borges, Welington Ribeiro. II. Mamberti, Sérgio.

CDD B869.2

Índices para o catálogo sistemático

1.Literatura Brasileira B869

2.Teatro Brasileiro B869.2

email: umahistoriadeamorepaixao@gmail.com



"Katia e Maneco os amigos de muitos"

Desenho de Jean Ange Luciano - CRAYON SOBRE PAPEL (0,29 x 0,29 CM) - Hyères (Fr.), 2018

À memória de **Manuel Alves Fernandes**, Maneco, (*26/04/1945 – †26/10/2018) , que no ofício de jornalista, dedicou grande parte de sua vida profissional ao município de Cubatão. Uma significativa parte das citações jornalísticas contidas no presente livro é de sua lavra.

“A população de Cubatão tem vocação de artistas natos!”

Cônego Antonio Pedron

*12-3-1917 † 29-9-1998

Uma reverência à cultura

A Unipar, uma das empresas líderes no segmento químico na América do Sul e que traz em seus valores o comprometimento com as comunidades onde atua, tem o prazer de patrocinar esta obra, através do Programa de Ação Cultural (PROAC), da Secretária da Cultura do Estado de São Paulo. O resgate histórico dos 50 anos da Encenação da Paixão de Cristo em Cubatão (SP) é uma iniciativa de grande relevância para a cidade e reconhecida pela empresa como fundamental no processo de valorização da cultura local.

Entender as origens da encenação, a consolidação desse tradicional espetáculo ao longo dos anos, as dificuldades e os grandes feitos dessa jornada de meio século, certamente contribuirão para apresentar ao público leitor um pouco mais sobre uma faceta marcante da cidade de Cubatão, a de celeiro de grandes artistas de diferentes manifestações culturais. A história presente no livro é um registro ímpar, que traz à luz alguns dos traços culturais importantes de um município que cresceu, evoluiu, reinventou-se e que até os dias atuais se mantém como um dos polos industriais de maior destaque do Brasil.

O espetáculo é o mais tradicional do gênero em toda a Região Metropolitana da Baixada Santista e é marcado por grande envolvimento dos moradores da cidade, que em todos os anos participam como atores nas apresentações realizadas a céu aberto. A plateia, geralmente superior a duas mil pessoas, é um espetáculo à parte e um sucesso que se repete constantemente desde as primeiras apresentações, que ocorriam em frente à Igreja Matriz Nossa Senhora da Lapa, no centro da cidade. Trata-se de um marco no calendário oficial do município e de um evento presente na memória afetiva do cubatense.

Deve-se ressaltar cada pessoa que contribuiu para que o espetáculo continue vivo até hoje. Cada ator, produtor, roteirista, diretor, anônimo ou de destaque no meio teatral, foi e continua sendo peça singular para a manutenção desta tradição da cidade. Admirável também é a capacidade destes artistas de a cada novo ciclo recriar a maneira de contar essa que é uma das histórias mais conhecidas do público em geral, sempre trazendo

do novos elementos, novas nuances e gerando grande impacto sobre o público.

A Unipar, sempre parceira da comunidade cubatense, com relação forte e longa com o município, reafirma seu compromisso social e com a cultura tornando possível a publicação deste livro. A empresa reverencia e aplaude de pé ao espetáculo, desejando que esta obra contribua para que ele possa continuar por mais 50 anos emocionando e orgulhando pessoas de todas as idades.



Salvaguardando a História

Comemorar os 50 anos de uma encenação não é só digno de um livro, mas de um filme – foram cinco gerações de famílias, amigos, encontros, desencontros e reencontros.

Resgatar essa memória registrando em um livro é, acima de tudo, salvaguardar a história de muita gente de Cubatão que deixou seu legado e pôde dar seu testemunho aqui, recordando os bons momentos da Encenação. Já outras, que não estão mais fisicamente conosco, foram lembradas pela importância de suas passagens entre nós.

O livro nos mostra a importância de um registro que não é só tradição, mas a cultura de uma cidade.

Conheci a Associação Incena Brasil em 2014, e hoje sou Presidente da entidade, abraçando a causa de resgatar comunidades carentes, elevando a autoestima de todos por meio da Cultura, disseminada pelas oficinas culturais que o projeto oferece – de interpretação, maquiagem artística, figurinos, objetos e adereços cênicos e dublagem. Cada ano se aprimorando, se especializando e se profissionalizando para atender cada vez melhor as pessoas.

Que venham mais 50 anos do Projeto Encenação da Paixão de Cristo de Cubatão. Evoé!

Rose Vieira
Presidente da Associação Incena Brasil

SUMÁRIO

PREFÁCIO -13

INTRODUÇÃO -15

PARTE 1 – O TEATRO E O DRAMA SACRO DA PAIXÃO DE CRISTO - 19

1. Antecedentes Históricos - 19
2. O “Mártir do Calvário” - 20
3. Nova Jerusalém - 20

PARTE 2 – A ENCENAÇÃO DA PAIXÃO DE CRISTO EM CUBATÃO - 22

1. Antecedentes históricos e culturais do município - 22
2. A Comissão Organizadora da Paixão e Morte de Cristo – COPMC - 25
3. A estreia do primeiro espetáculo - 30
4. “Paixão e Morte Foi Atração”- 36
5. Os altos e baixos da Paixão - 37
6. Novos rumos - 40
7. Os palcos da Paixão em Cubatão - 54
8. Inovações técnicas - 59
9. Participações especiais - 60
10. Os “Cristos” da Paixão - 62
11. Quem fez e quem faz a Paixão - 67
12. Enfim, o Jubileu de Ouro - 68

PARTE 3 – ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS - 72

EPÍLOGO - 105

ANEXOS - 106

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - 109

PREFÁCIO

Recebi com muito prazer a incumbência de prefaciar sua obra, que se debruça e abraça tão intensamente, esta história de amor e de profunda dedicação, que se desenrola desde 1970 na cidade de Cubatão: a encenação da Paixão de Cristo.

Com o mesmo fervor e devoção que tem mobilizado sem interrupção, durante 50 anos toda a comunidade cubatense - cidadãos, poder público, a igreja e o empresariado regional, este livro além de recuperar e registrar com precisão todos os episódios que constituíram sua trajetória cumpre o importante papel de garantir também sua continuidade.

Nesse evento, que se tornou uma marca identitária da cidade, o autor ressalta sobretudo a importância desta iniciativa no panorama cultural do município e da região, promovendo a iniciação de centenas de pessoas nas artes cênicas, seu papel fundamental para formação de plateia, congregando desde os mais humildes às classes privilegiadas. Cumprindo uma tradição que remonta à Idade Média, ela também atua como fator de integração e de desenvolvimento humano, além do aperfeiçoamento profissional de cada um dos seus participantes.

A criação do COTAC (Centro Organizador do Teatro Amador de Cubatão) é uma evidência do papel formador dessa duradoura atividade, que tem revelado talentos, os quais se destacam em palcos de todo Brasil a exemplo do que acontece também em outros municípios brasileiros, cujas apresentações se tornaram tradicionais pela riqueza de sua contribuição.

Valendo-se de uma rigorosa pesquisa consultando as mais variadas fontes, abrangendo uma extensa bibliografia referente ao tema, recortes da imprensa local e regional, além de outras colaborações de pessoas diretamente envolvidas desde as primeiras encenações, o autor pôde contar também com riquíssimo acervo iconográfico, que lhe permitiu ilustrar e tornar

acessível o seu trabalho. Cumpriu assim, a expectativa de todos, de que a Paixão de Cristo de Cubatão seja assimilada, como ele próprio reafirma como genuíno patrimônio da nossa gente, o qual precisa ser preservado e apoiado por toda a comunidade e pelo Poder Público, sobretudo o local.

Este ano tive a honra de participar pessoalmente desta belíssima encenação, vivenciando e compartilhando com seus idealizadores e uma plateia numerosa e vibrante que ali compareceu para juntar-se a esta celebração. Isso me faz crer cada vez mais que é através da Cultura e da valorização do nosso patrimônio material e imaterial, que poderemos realmente promover as transformações que o Brasil necessita, para garantir uma nova ordem social mais justa e igualitária, garantindo um direito fundamental de todos os brasileiros. Parabéns Wellington e muito obrigado por imortalizar no seu livro essa emocionante aventura, que tanto tem contribuído para manter viva e nos fazer acreditar nessa utopia.

Sérgio Mamberti

INTRODUÇÃO

Uma História de Amor e Paixão – é o título que escolhi para este livro. Nasceu de maneira espontânea e absolutamente natural. Embora o termo “paixão” possa parecer mero trocadilho, considerando o tema central da obra: a história da encenação da Paixão de Cristo em Cubatão, a intenção vai muito mais além!

Amor e paixão traduzem com exatidão os sentimentos que movem uns tantos milhares de pessoas abnegadas que há 50 anos se unem, num misto de fé e amor à Arte, para levar mensagens de paz a todos quantos assistem as encenações.

Esta obra nasceu de um convite que recebi da amiga Carla Vieira, da Associação Incena Brasil, responsável pela montagem do espetáculo. A aceitação foi imediata. Trata-se de um projeto de resgate da memória da mais importante e significativa manifestação cultural do município de Cubatão e uma das mais importantes do país, no gênero.

A peça é apresentada ininterruptamente desde 1970, a partir da proposta de um grupo de pessoas e o entusiasmo do pároco da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Lapa, o Cônego Antonio Pedron. De lá para cá, se transformou numa marca da cidade.

A encenação da Paixão de Cristo em Cubatão é responsável pela iniciação de centenas de pessoas nas artes cênicas. O Centro Organizador do Teatro Amador de Cubatão, o COTAC foi uma escola para atores e atrizes que hoje se destacam em palcos de todo o Brasil. Também serviu para o aperfeiçoamento profissional de iluminadores e sonoplastas, além de outros tantos trabalhadores da cultura que atuam no município e na região.

Iniciei o texto apresentando um panorama geral das produções teatrais com foco na Paixão de Cristo, desde a Idade Média

até os dias atuais, sua importância para a formação de plateia, das classes mais humildes às mais abastadas, cujas apresentações tornaram-se tradicionais em muitos municípios brasileiros. Abordei também, o panorama cultural de Cubatão da década de 1960 até meados da década de 1980, quando acontecem as principais iniciativas culturais do município que são referências para as produções artísticas até os dias de hoje.

Utilizei variadas fontes de pesquisa: bibliográficas referentes ao tema (livros, trabalhos acadêmicos e sites especializados), recortes da imprensa local, regional e de circulação nacional, além de textos avulsos produzidos por pessoas que estiveram diretamente envolvidas nas primeiras encenações. São memórias do Cônego Antonio Pedron, Enéδιο Martins dos Santos (Sorinho), Reginaldo Ramos Martins e outros cujas autorias não foram possíveis identificar.

Da mesma forma, as atas da Comissão de Organização da Paixão e Morte de Cristo (COPMC) criada em 1969, foram de grande valia. Infelizmente, grande parte dos arquivos da COPMC e do Centro Organizador do Teatro Amador de Cubatão (COTAC), foi perdida. Muitos documentos desapareceram em decorrência de enchentes ocorridas no município. Tais fatores dificultaram a produção de um texto mais consistente em termos de fatos históricos relevantes. Procurei, nas entrevistas e depoimentos de pessoas que participaram das primeiras edições e as que vieram a participar mais recentemente do elenco, extrair aquilo que pudesse ocupar esta lacuna e colaborar para a compreensão da importância da encenação no cenário cultural da cidade. Sobre o COTAC, foi importante o levantamento da documentação referente às prestações de contas de subvenções recebidas pela entidade existentes no Serviço de Arquivo da Prefeitura Municipal de Cubatão (Arquivo Intermediário).

Para completar, pude contar com um riquíssimo acervo iconográfico, muito importante para ilustrar e dar vida à obra. Tra-

ta-se de acervos do COTAC/Incena Brasil, do Arquivo Histórico (Arquivo Permanente) da Prefeitura Municipal de Cubatão e de particulares, colecionados ao longo de meio século de História.

Por fim, as conversas com o memorialista Arlindo Ferreira foram importantíssimas e enriquecedoras.

Procurei escrever de forma acessível com o objetivo de facilitar o entendimento do tema, na expectativa de que a encenação da Paixão de Cristo em nosso município seja assimilada como um genuíno patrimônio de nossa gente e que precisa ser preservada e apoiada por toda comunidade e pelo Poder Público, sobretudo o local.

Ao final, procurei relacionar a encenação da Paixão de Cristo com a construção da identidade cultural cubatense que, por seu simbolismo, contribui para o reconhecimento do espetáculo e a visibilidade da cidade. Cubatão, explorada de forma tão negativa, por seu histórico de poluição e de agressão ao meio-ambiente nas décadas passadas, carece de políticas culturais que valorizem sua história e seu riquíssimo patrimônio cultural (material e imaterial). Para tanto, é necessário investimento no setor. Afinal, investir em cultura é investir num direito fundamental das pessoas.

PARTE 1 – O TEATRO E O DRAMA SACRO DA PAIXÃO DE CRISTO

1. Antecedentes Históricos

As festas religiosas são manifestações culturais por excelência e estão presentes nas mais variadas religiões do mundo. Expressam-se na dança, na música, no teatro e no folclore de cada povo ou lugar.

Do ponto de vista cristão, a Igreja Católica celebra em seu Calendário Litúrgico, durante todo o ano, as principais passagens bíblicas tendo como fundamento central, o Mistério Pascal.

Este é o ponto alto das celebrações e ocorre durante a Semana Santa, período em que os católicos recordam a morte e a ressurreição de Jesus Cristo.

Na Idade Média, com o objetivo de catequizar as grandes massas populares da Europa, geralmente iletradas, a temática religiosa começa a ser teatralizada, pois era de fácil assimilação. Segundo Chauí, “essa era uma função da arte pedagógica. Na época da Contra Reforma, a arte barroca era bastante utilizada para emocionar os fiéis, mostrando-lhes a grandeza do céu, numa tentativa de mantê-los fiéis à Igreja Católica, ameaçada pela reforma protestante”. (CHAUÍ, 1995, p. 379-380). A vida dos santos e a vida de Cristo (notadamente sua morte e ressurreição) eram os temas centrais.

No Brasil, na primeira metade do século passado até a década de 1960, as companhias teatrais tinham o costume de interromper seus espetáculos, considerados profanos, durante a Semana Santa. Dessa forma, teatros e cinemas substituíam suas programações por peças e filmes que encenavam passagens da vida de Jesus Cristo. Até mesmo os circos adequavam seus espetáculos aos temas religiosos. O jornal Diário da Noite¹, de 2 de abril de 1980, na matéria intitulada A Paixão de Cristo Revivida Pela Arte, afirmou que:

(...) Sem contar que a maioria dos circos em todo o País, tem por hábito apresentar a Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo e os cinemas mudam a programação durante a Semana Santa, muitas apresentações artísticas fazem parte oficial do calendário. Portanto, hoje e amanhã, o público tanto da Capital como do Interior, poderá optar e assistir a mais uma encenação do eterno tema que chega até nós através dos séculos.

¹O Diário da Noite foi um jornal que circulou em São Paulo entre 1925 e 1980. Fonte: Wikipédia

Neste contexto, os teatros e os circos aproveitavam o próprio elenco e atores amadores do povo para a produção dos espetáculos.

2. O “Mártir do Calvário”

Divulgação



EDUARDO GARRIDO

A produção teatral sobre a Paixão de Cristo mais famosa a estrear no Brasil foi O Mártir do Calvário, drama sacro do teatrólogo português Eduardo Garrido que estreou no Rio de Janeiro em 1902. O autor a definiu como “mistério sacro em 5 atos e 16 quadros”. Foi dirigido pelo também escritor Eduardo Vitorino que encomendou a peça ao amigo português. O

“Mártir do Calvário” foi utilizado em inúmeras produções teatrais em todo o país.

De acordo com o texto O Teatro e a Paixão de Cristo, extraído do Blog de Luís Nassif, somente no início do século passado é que a encenação da Paixão de Cristo ganhou os palcos teatrais e passou a ser explorado por autores e companhias teatrais profissionais.

Hoje, diversas cidades brasileiras realizam, todos os anos, a dramatização da Paixão de Cristo. Algumas cidades se destacam no cenário cultural nacional pelo forte apelo turístico. Como exemplo, citamos a encenação de Paixão de Nova Jerusalém em Pernambuco.

3. Nova Jerusalém

É a maior e mais expressiva peça teatral a retratar o drama sacro no Brasil, realizada em Brejo da Madre de Deus no estado de Pernambuco.

²NASSIF, Luís. O Teatro e a Paixão de Cristo. Artigo acessado em 26 de janeiro de 2019. Disponível em <https://jornalgnn.com.br/blog/luisnassif/o-teatro-e-a-paixao-de-cristo>

O site Wikipédia traz a seguinte informação a respeito da peça:

Paixão de Cristo de Nova Jerusalém é uma peça teatral brasileira feita por Plínio Pacheco em 1956, baseada na Paixão sendo celebrada todos os anos durante a Semana Santa, em Brejo da Madre de Deus. A peça é encenada tradicionalmente ao ar livre e celebra os últimos passos de Jesus na Terra, e já reuniu mais de 2,5 milhões de pessoas.

Divulgação



PAIXÃO DE CRISTO DE NOVA JERUSALÉM

A peça, que acontece anualmente na cidade-teatro de Nova Jerusalém é considerada o maior espetáculo ao ar livre do mundo. Tem suas origens nas encenações realizadas nas ruas da vila de Fazenda Nova, nos anos de 1951 a 1962. Seu idealizador foi Epaminondas Mendonça, patriarca da família Mendonça – comerciante e político local. Após ter lido numa revista de variedades, uma matéria que tratava da encenação da Paixão de Cristo que era realizada pelos habitantes da cidade de Oberammergau, na Baviera alemã e como esta movimentava o comércio com a atração de turistas, Epaminondas quis então, realizar um evento semelhante na Semana Santa com o mesmo objetivo. A ideia de se construir a vila cenográfica foi de Plínio Pacheco, quando chegou a Fazenda Nova em 1956.

PARTE 2 – A ENCENAÇÃO DA PAIXÃO DE CRISTO EM CUBATÃO

1. Antecedentes históricos e culturais do município

No início da década de 1960, Cubatão era um município em ebulição em razão do processo de industrialização, iniciado na década anterior. Este processo provocou a vinda de milhares de pessoas de diversos locais do país, sobretudo dos estados do Nordeste e de Minas Gerais. A população era bastante heterogênea e, de alguma forma, procurava desenvolver uma identidade cultural própria. Em 1960, a cidade possuía 25 mil habitantes, saltando para 50 mil em 1970.

Nesse período, foi criado o Centro de Ciências, Letras e Artes de Cubatão (CCLAC).³

Arquivo Histórico (PMC)



PEÇA “CALA BOCA ETELVINA” – INÍCIO DA DÉCADA DE 1960 – ESPORTE CLUBE CUBATÃO DE PÉ, DA DIREITA PARA A ESQUERDA: JOSÉ DAS NEVES, ELZA PEREIRA DOS SANTOS, JOSÉ DOS SANTOS, MARIO RODRIGUES DE MELLO, LAMUEL CAMARGO MARTINS, MARIO SIMÃO, EDÍSTIO DIAS REBOUÇAS FILHO, ANTONIO ALVES NEVES. SENTADAS: IRENE COUTO, VALQUÍRIA MARTINS E JUDITH STOCK

A partir da década de 1970, surgiram diversos grupos artísticos em Cubatão. A Banda Sinfônica, Grupo Rinascita e o Coral Zanzalá que mais tarde, juntamente com outros grupos (Cia. de Dança, Banda Marcial e Coral Raízes da Serra), formaram os Corpos Estáveis do Município. Os investimentos no setor cultural permitiram a realização de Salões de Artes Plásticas, eventos musicais e literários. Destacamos a atuação do pintor ítalo-francês, Jean Ange Luciano, autor de trabalhos icônicos como as telas “Menino Felipe” (1977), “Martim Afonso de Souza” (1974),

³O CCLAC foi criado em meados da década de 1950. Seus fundadores foram: Salim Farah, Jefferson Grandis do Amaral, Antonio Simões de Almeida, Irene Terras Saragoza, Gilberto Coríntio, Cláudio Ribeiro, José Edgard da Silva, Malvina César e Álvaro Almeida. Destacou-se como grande fomentador da cultura cubatense.

“Encontro de Martim Afonso e João Ramalho no Porto de Piaçaguera” (1974). Na Literatura, destacamos a “Semana Afonso Schmidt”, realizada anualmente a partir de 1974 com o objetivo de promover o conhecimento e o estudo da obra do escritor.

Arquivo Histórico (PMC)



PEÇA “MEU TIO PADRE” DE 1957 – ESPORTE CLUBE CUBATÃO
DE PÉ, DA DIREITA PARA A ESQUERDA: LUCAS GOUVEIA DOS SANTOS, GILBERTO
NOVAES, ANTONIO ALVES NEVES, EDÍSTIO DIAS REBOUÇAS FILHO, JOSÉ DOS SANTOS E GENÉ-
SIO(?). SENTADOS: IRENE COUTO, ELZA PEREIRA DOS SANTOS.

A Cia. Teatral do Dr. Lamuel amargo Martins foi precursora do movimento teatral cubatense tendo surgido também neste período. Ainda no teatro, foram importantes as atuações de Edístio Dias Rebouças Filho (autor da letra do Hino de Cubatão e do primeiro Brasão do município), Lindoro Couto (um dos emancipadores do município) e sua esposa, Judith Rosa. Destaca-se a atuação do TEPOC – Teatro Popular de Cubatão, responsável pela montagem da peça *O Santo Milagroso*, de Lauro Cezar Muniz, dirigida por Benedito Gomes Ribeiro (Benê) e a criação COTAC - Centro Organizador do Teatro Amador de Cubatão - em 1974, responsável a partir deste ano, pela realização da Paixão de Cristo. Por influência desses grupos, surgiram novas companhias teatrais na cidade.

Coube a Luzia Maltez da Guarda, estudiosa da cultura cubatense, expor em sua obra *Antologia do Folclore Cubatense*, os elementos que compunham a cultura popular existente no município. Sobre o tema, a autora revela:

O folclore de Cubatão não é apenas, ou puramente, isto ou aquilo, ao contrário: resulta da criatividade de nossa gente, no amálgama mais expressivo de criação cultural. Podemos dizer que nosso folclore tem raízes lusitanas, ou podemos apontar nele traços africanos, o fato é que nem um aspecto ou outro é puramente lusitano ou africano, mas sim resultado do contato intercultural que aqui se verificou, forjando novas criações e alimentando, já agora com marcas brasileiras, a expressão do processo transculturativo ⁴ que o Brasil presenciou e fomos parte integrante. (...) Já no século XX – Cubatão emancipada – a população é composta por jovens de correntes migratórias nordestinas, que trazem em suas bagagens os traços da cultura de origem, quando vêm tentar a sorte, quando vêm em busca de melhor emprego. (...) Daí surgem as mais diversas manifestações folclóricas: os artesanatos, as esculturas, os trabalhos em rendarias, as festas folclóricas religiosas, festas juninas, as brincadeiras infantis, jogos populares, a capoeira, os usos e costumes domésticos etc., tudo como relevante carga simbólica do Nordeste, ao mesmo tempo incorporados a símbolos culturais da nova terra, desse seu novo universo (DA GUARDA, 1985, p. 19).

Sobre a encenação da Paixão de Cristo, a autora escreve:

Na Semana Santa, outro grupo de religiosos dá continuidade às cenas bíblicas, num trabalho não mais artesanal, mas sim, um trabalho teatral, onde o artesanato também é encontrado na confecção dos cenários e guarda-roupa de personagens, quando as cenas da Paixão e Morte de Jesus Cristo são mostradas às milhares de pessoas do local e também aos turistas que são atraídos pelo acontecimento na Sexta-Feira da Paixão.

São amadores que fazem uma arte profissional, de relevante importância comunitária local, pois reúnem sem distinção toda classe social e níveis etários para o evento, sendo o COTAC (Centro Organizador do Teatro Amador de Cubatão) o principal órgão responsável pela realização do mesmo. (DA GUARDA, 1985, p. 67-68).

De fato, a vocação cultural e artística da cidade, sobretudo no teatro, sempre foi muito reconhecida pelos moradores de Cubatão que historicamente é considerada um verdadeiro “celeiro de artistas” ⁵

⁴ Relativo à transformação cultural resultante do contato de duas culturas diferentes.

⁵ Vale a pena conhecer o documentário “Cubatão Celeiro de Artistas”. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=uBk9t-w3EIs>>

2. A Comissão Organizadora da Paixão e Morte de Cristo – COPMC

No dia 4 de abril de 1969, um grupo de amigos se reuniram na Casa Brasil, ao lado do prédio da Prefeitura Municipal (hoje, Biblioteca Municipal). Justamente naquela Sexta-Feira Santa, tiveram a ideia de mobilizar os paroquianos da Igreja Matriz para, no ano seguinte, encenar a Paixão e Morte de Cristo ao vivo⁶. Após o encontro, os amigos, Fued Farah (Alfredo), Agenor de Macedo, José Raimundo de Carvalho (Chapéu de Couro), Aduar Jorge Farah, Paulo Leandro Barros (Paulão), Armando Campinas Reis, Djalma Bellentani, Jurandir Silva e Adilson de Souza (Naninha), levaram a ideia ao Cônego Antonio Pedron⁷, pároco da Igreja Matriz de Cubatão. O padre, entusiasmado, aprovou a proposta. Solicitou que fosse marcada uma reunião oficial para iniciar os preparativos para a realização da encenação no ano seguinte. Também convidou alguns fiéis da igreja para colaborar na organização do espetáculo. Estava assim formada a Comissão responsável em organizar a primeira Representação da Paixão de Cristo ao Vivo em Cubatão, posteriormente batizada de Comissão Organizadora da Paixão e Morte de Cristo – COPMC.

A reunião foi realizada dez dias depois, no dia 14 de abril de 1969, na sede da Associação Atlética Guimarães onde foi eleita a Comissão Executiva, que ficou assim representada: **Presidente:** Cônego Antonio Pedron; **Vice-Presidente:** Fued Farah (Alfredo); **1º Secretário:** Agenor de Macedo; **2º Secretário:** Mario Rosa de Oliveira; **3º Secretário:** José Raimundo de Carvalho (Chapéu de Couro); **1º Tesoureiro:** Djalma Bellentani e **2º Tesoureiro:** Pedro Bianchini.

⁶ Algumas versões dão conta de que a intenção inicial do grupo era a criação de um bloco carnavalesco nos moldes do tradicional Bloco dos Cabeções existente na vila operária da Fabril.

⁷ O Cônego Antonio Pedron atuou na Paróquia de Nossa Senhora da Lapa em duas ocasiões: entre 1941 a 1944 e 1968 a 1971 quando foi transferido para a Igreja de Nossa Senhora das Graças, em São Vicente. Em 1974, foi transferido para o município de Buri (SP), atuando nesta cidade até sua morte, no ano de 1998.

Também elegeram quatro comissões: **Comissão de Finanças**: Presidente: Armando Campinas Reis; Vice-Presidente: Aduar Jorge Farah; **Comissão de Relações Públicas**: Presidente: Milton Moreira Cezar (Zico); Vice-Presidente: José Carlos Cruz; **Comissão de Direção Artística**: Presidente: Inácio Antonio Ferreira; Vice-Presidente: Benedito Gomes Ribeiro (Benê); **Comissão de Promoções**: Presidente: Jamil Farah; Vice-Presidente: Nilson Evangelista de Souza.

Outras pessoas foram sendo agregadas a estas comissões: Alex Farah, Luiz Torres, Enéδιο Martins dos Santos (Sorinho), Manoel dos Santos Páscoa Câmara, José Gouveia dos Santos, Giovani Alves da Silva, Maria do Carmo Pinheiro, Maria Celeste Madeira e José Fabiano Madeira são bastante citados nas primeiras atas da COPMC. A divisão dos trabalhos foi fundamental para a realização do espetáculo em 1970. Também buscaram o intercâmbio com um grupo de pessoas que realizavam a encenação da Paixão de Cristo no município de São Miguel Paulista para troca de experiências.

Aqui, cabem algumas palavras sobre o Cônego Antonio Pedron: nascido em Itanhaém (SP) em 12 de março de 1917, foi ordenado sacerdote ainda muito jovem no município mineiro de Mariana, no final da década de 1930.

Imagem cedida por Antonio Emanuel Ehrenberg de Oliveira (Buri - SP)



CÔNEGO ANTONIO PEDRON (IMAGEM COMEMORATIVA AO ANIVERSÁRIO DE 42 ANOS DE ORDENAÇÃO SACERDOTAL OCORRIDO EM 21 DE JANEIRO DE 1982 NO MUNICÍPIO DE BURI (SP))

Atuou em Caraguatatuba (SP), Cubatão (Paróquia Nossa Senhora da Lapa e São Judas Tadeu), Santos, São Vicente e Buri, onde faleceu em 29 de setembro de 1998. Em Cubatão, passou pela Igreja Matriz em dois períodos: entre 1941 a 1944 e 1968 a 1971. Sobre a formação da COPMC, escreveu, em 1974, um texto denominado “Glorioso Jubileu de Prata” no qual afirma:

Na Páscoa de 1969, ocorreu a ideia de, na sexta-feira santa do ano seguinte, fazer realizar, com a participação dos paroquianos cubatenses, a apresentação do drama da Paixão e Morte de Cristo.

Em 1970, ia transcorrer o “Ano Santo”, assim o intitulei, da criação canônica da Paróquia de Cubatão⁸. E no meu entender, a maneira mais expressiva de comemorar o 33º aniversário da fundação da comunidade paroquial outra não seria senão promovendo solene homenagem ao Filho de Deus humanado, em honra de seus presumíveis 33 anos passados na terra como Missionário do Eterno Pai.

Sobre tal intenção conversava com o jovem Manoel Páscoa, na época um dos meus auxiliares, e qual não foi minha agradável surpresa quando, por seu intermédio, fui informado de que, ao lado da Igreja Matriz, em casa do Sr. Fued Farah, onde meu interlocutor estivera minutos antes, um grupo de pessoas confabulava a respeito da possibilidade da encenação pública do aludido drama, daí a um ano.

Considereei tal coincidência de ideia manifestação da vontade divina.

Interessei-me por entrar em contato com o referido grupo de pessoas, dentre as quais, além de Fued Farah, estavam segundo me lembro, Sorinho, Macedo.

Naquele mesmo dia, às 20 horas, reunimo-nos na casa paroquial a fim de traçarmos plano visando à convocação de elenco de paroquianos capazes de figurarem como personagens na peça bíblica.

Formamos então uma diretoria da qual fui indicado para presidente e encarregado de redigir o “script”.

Consciente da responsabilidade assumida, implorei, no íntimo, as divinas luzes para, da melhor maneira possível, desempenhar-me da missão de redator-compiler de tão importante página religiosa.

Apelei aos companheiros da diretoria para que me auxiliassem na pesquisa de textos (valeu, amigos! Agradecido!) trazendo-me à apreciação livros, revistas, artigos literários sobre o sagrado assunto.

Com entusiasmo, embora inexperiente como “escritor de drama...”, fui compilando o texto da apresentação. Impeli-me o compromisso de, o quanto antes, redigir trabalho condigno.

Quantas vezes, em plena madrugada, o cantar do galo chamava-me a atenção para a conveniência de repousar!

Não foi tão fácil e, entretanto, tornou-se gratificante a tarefa

⁸Em 1937, a Capela de Nossa Senhora da Lapa foi elevada à condição de Paróquia, desmembrada da Paróquia Santo Antonio do Valongo, em Santos.

de cooperar para a finalidade tão elevada, como é a apresentação do mais impressionante acontecimento da vida de Jesus.

Devo fazer ressalva esclarecedora: baseado escrupulosamente em traduções oficiais do Novo Testamento resultou arcaico a linguagem com expressões fora do uso comum. Tal inconveniente foi eliminado, após a primeira apresentação, substituindo-se, por exemplo, “tu” e “vós” por “você”, “o”, “lhe” conforme a regência do verbo exigisse. Destarte as frases, os diálogos perderam o ranço do involuntário pedantismo utilizado na compilação.

Para que as pessoas inscritas se capacitassem da importância do papel a desempenharem, semanalmente convocavam-se reuniões em que se faziam leituras e meditações sobre os acontecimentos que culminaram na injusta condenação de Jesus.

Cresceu o entusiasmo dos participantes quando chegou a ocasião dos ensaios. Eram geralmente realizados no terreno dos fundos da casa paroquial. Muitas vezes, conforme as circunstâncias foram feitos em local mais amplo.

A orientação dos ensaios foi entregue ao esforçado⁹(?) estudioso da arte dramática. Pelo excelente resultado, nossos parabéns ao “bom sergipano!” Ele ficou também incumbido de providenciar, na Casa do Autor, em São Paulo, a roupa dos protagonistas¹⁰. E cumpriu a tarefa.

Adotaram cinco Livros de Ouro, realizaram quermesse comunitária e exibição pública de filmes com temas sacros. Os filmes foram exibidos no Cine Santa Rosa, gentilmente cedido ao grupo. Também mandaram confeccionar uma urna de madeira para ser instalada na porta de entrada da Igreja Matriz para recebimento de doações dos paroquianos. Todas as ações com o intuito de arrecadar os recursos necessários para cobrir as despesas do espetáculo.

Para arrematamento de sócio-participantes, organizaram um sistema de inscrições que funcionava sempre ao final das missas de domingo. Também na Casa Brasil, era possível inscrever-se para participar. Na quarta reunião do grupo, ocorrida em 28 de abril de 1969, foi aprovada a criação de uma Comissão especialmente designada para cuidar das ins-

⁹Trata-se de Antonio Inácio Ferreira. Ao que parece, o Cônego Antonio Pedron quando datilografou o texto, teve um lapso de memória e não se lembrou do nome do diretor artístico da encenação.

¹⁰Embora a Comissão organizadora tenha se esforçado para conseguir confeccionar o figurino dos protagonistas, a verba disponível não era suficiente. A solução foi alugar a indumentária na Casa Teatral de São Paulo a um custo de NCR\$ 2.000,00 (Dois Mil Cruzeiros Novos – moeda que circulou no Brasil de 13/2/1967 a 14/5/1970).

crições dos interessados. Integram esta Comissão: José Carlos Cruz, Janete Balula, Áurea Maria Sampaio, Ana Regina Silvestre, Marilene Alves Santos, Janete Farah, Creuza Conceição Madeira e José Fabiano Madeira.

Acervo IncenaBrasil/COTAC



MARILENE ALVES SANTOS

O movimento ganhou força envolvendo comunidades católicas da cidade, escolas e entidades culturais do município.

Na quinta reunião, ocorrida em 2 de maio de 1969, o grupo aprovou as indicações feitas pelo Diretor Artístico, Inácio Antonio Ferreira,

nomeando os senhores Lamuel Camargo Martins, Benedito

Acervo Reginaldo Ramos



ENSAIO

Gomes Ribeiro e Jansen Cavalcanti para colaborar na produção da primeira encenação. O Dr. Lamuel, como era mais conhecido, foi convidado para proferir uma palestra sobre as artes cênicas, já que possuía grande experiência teatral no município.

Acervo Reginaldo Ramos



ENSAIO

Acervo Reginaldo Ramos



PAUSA DURANTE O ENSAIO. O CÔNEGO ANTONIO PEDRON LADEADO A SUA DIREITA PELA ESCRITORA NAIR LACERDA E A ESQUERDA, DE PÉ, PELO DIRETOR ARTÍSTICO DA PEÇA, INÁCIO ANTONIO FERREIRA

3. A estreia do primeiro espetáculo

Acervo Reginaldo Ramos



ATORES RECEBEM A ORIENTAÇÃO DO CÔN. ANTONIO PEDRON
PARA O INÍCIO DA PRIMEIRA ENCENAÇÃO

27 de março de 1970 - Enfim, a grande estreia da *Representação da Paixão e Morte de Cristo ao Vivo em Cubatão*.

Definido pela Imprensa da época como um verdadeiro e emocionante espetáculo, a Paixão de Cristo reuniu boa parte da população cubatense e de moradores de cidades da região. A Avenida 9 de Abril foi escolhida para ser o grande palco da peça. Palanques de madeira foram montados pela Prefeitura ao longo da avenida entre a Rua Bernardino de Pinho Gomes (junto à atual entrada principal do Parque Anilinas) e a Igreja Matriz, onde foi montado o palanque que reproduzia o Gólgota, palco da crucificação. Os quadros apresentados na primeira encenação foram: Santa Ceia; Agonia no Horto das Oliveiras; Casas de Anás; Caifás; Herodes e Pilatos; Caminhada até o Calvário e a Crucificação.

Vejamos o que escreveu o Cônego Antonio Pedron sobre a estreia do espetáculo, no texto “Glorioso Jubileu de Prata”:

Chegou, afinal, o dia 27 de março de 1970, Sexta-Feira Santa! A propaganda, pela imprensa e pela rádio, despertou interesse geral.

Com a presença de pessoas moradoras em vários pontos da Baixada e com a de turistas, vindos para passarem a Semana

O elenco constituído de jovens paroquianos da cidade interpretou fielmente as cenas vividas por Jesus Cristo, estava assim formada: **Jesus** – Reginaldo Ramos Martins; **Nossa Senhora** – Altiva Mendes Oliveira; **Pedro** – Deodato Ferreira; **João** – Alex Farah; **Tomé** – Jamil Farah; **Felipe** – José Braga; **Judas** – Hélio Teobaldo da Silva; **Anás** – José Silva; **Criadas** – Rosa de Jesus, Marinalva Ribeiro, Severina Bezerra; **Caifás** – José Raimundo Carvalho; **Pilatos** – Modesto Fávero; **Judeus** – povo; **Herodes** – Antonio José da Cunha; **Cortesão** – José Quichabeira; **Chefe Judeu** – Agnaldo Gomes; **Verônica** – Geni Silva; **Mau Ladrão** – Hélio Teobaldo da Silva; **Bom Ladrão** – Geraldo Amorim; **Narradores** – José Pereira e Gabrielo Gabrielecki; **Carrasco** – Giovane Pereira; **Testemunhas** – Maria de Fátima Monteiro e Neusa Silva Costa; **Soldados** – José Quichabeira, Agnaldo Gomes, Sérgio Correia; **Acompanhantes de Nossa Senhora** – Nilda Argeu e Valquíria Argeu; **Madalena** – Vilma Matos Lima; **Barrabás** – Ramiro Lopes; Sacerdotes – Senhoras Religiosas – Soldados e Comparsarias em geral.



Arquivo IncentivoBrasil/COTIAC

ALTIVA MENDES DE OLIVEIRA VIVENDO O PAPEL DE NOSSA SENHORA AO LADO DE ALEX FARAH NO PAPEL DO APOSTOLO JOÃO

De acordo com a matéria, cerca de 150 figurantes colaboraram na encenação dos quadros da Paixão de Cristo.

Já o Jornal Cidade de Santos, do dia 29 de março de 1970, destacou a atuação dos intérpretes de Jesus e de Nossa Senhora:

Durante a representação destacaram-se dois atores: Reginaldo Ramos Martins, que fez o papel de Jesus Cristo e Altiva Mendes, que representou Nossa Senhora. Reginaldo esteve compenetrado de seu papel durante todo o tempo e chegou a emocionar populares que faziam comentários como “coitado de Jesus”, “como ele sofreu”. Altiva, no seu papel de Maria, esteve tão perfeita, que em determinados momentos chorou realmente.

Acervo Reginaldo Ramos



JESUS E SUA MÃE

refere ao resultado da primeira encenação da Paixão:

A feliz apresentação do drama sacro é abençoada conquista do povo cubatense. Nossa Senhora da Lapa, excelsa Padroeira, carinhosamente abençoe a cidade e seus habitantes!

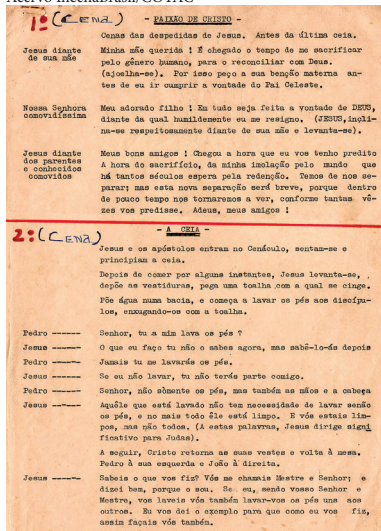
O Poder Público, o comércio, as Profissões Liberais, o Magistério, os alunos, os operários, os esportistas, todos, enfim, irmanaram-se no apoio à concretização do drama, tornando a cidade imenso palco de louvor a Jesus Cristo-Rei e Senhor.

Acervo Hélio Teobaldo da Silva



PEDRO (DEODATO FERREIRA) FERINDO A ORELHA DE MALCO, SERVO DO SUMO SACERDOTE NO MOMENTO DA TRAIÇÃO (1971)

Acervo IncenaBrasil/COTAC



PRIMEIRA PÁGINA DO ROTEIRO ORIGINAL ESCRITO PELO CÔNEGO ANTONIO PEDRON

Cônego Antonio Pedron conseguiu transformar a liturgia da Sexta-Feira Santa num grande e sublime espetáculo de fé.



CRISTO NA CRUZ (1970)

O Jornal A Tribuna de Santos, na edição do dia 15 de março de 1970, doze dias antes da estreia, apresentou uma magnífica crônica intitulada Recado Para Cubatão da jornalista Nair Lacerda ¹¹ :

Acervo Reginaldo Ramos



Público presente na primeira encenação (1970)

Talvez nem toda a gente saiba, aí em Cubatão, que na próxima Semana Santa, haverá nas ruas da cidade, a dramatização da Paixão e Morte de Cristo. Pois haverá.

Dentro desta hora que o mundo atravessa, marcada pela confusão e pela perplexidade, quando já não sabemos se

¹¹Nair Veiga Lacerda (Santos, 18 de julho de 1903 – Santo André, 29 de agosto de 1996) foi uma escritora, tradutora e jornalista brasileira. Filha do jornalista Alberto Veiga, estreou como cronista em 1932, no jornal A Tribuna. Ganhou o 4º Prêmio Jabuti na categoria melhor tradução, pela versão de As Mil e Uma Noites em oito volumes pela Editora Saraiva. Foi a 1ª secretária de Educação de Santo André de 1964 a 1969. Escreveu o conto Nha Colaquinha, Cheia de Graça, que inspirou o filme A Primeira Missa (1961), de Lima Barreto. Fonte: Wikipédia. O acervo completo da autora encontra-se no link: WWW.SANTOANDRE.SP.GOV.BR/BIBLIOTECA/NL

os nossos próprios sentimentos são autênticos ou impostos, quando a palavra serve, principalmente, às lucubrações dos grandes dissecadores da alma humana, às exposições das velhas e novas ciências, ao jargão dos sistemas políticos mais opostos e das formas religiosas mais estranhas, quando a Arte se atira, desvairada, a todos os caminhos, neles perdendo-se e encontrando-se, eis que a singela estória, contada tal como foi pelos quatro Evangelhos, ainda tem encanto irresistível bastante para que um pequeno grupo humano se resolva representá-la diante de quantos passarem pelas ruas onde ela irá desenrolar.

Ruas que terão, para aqueles artistas humildes, a autenticidade da Via Dolorosa, porque bem se vê que cada um deles sente reviver em si a tragédia do Calvário, como se a tivesse testemunhado.

Gente simples, mal conseguindo memorizar as frases do Evangelho, transmitidas pelo seu vigário, gente que abre mão das poucas horas de seu repouso, a fim de preparar um espetáculo de que se orgulha.

Um retalho de terra, vestes alugadas à Casa Teatral, azul imenso lá em cima, feixes de sol a iluminar o cenário de tábuas e caixotes. Ensaio. Tão a sério, tão rigoroso, tão honesto, como a de qualquer grupo profissional. Ninguém, ali, jamais aprendeu coisa alguma, que se relacionasse com o Teatro. Ninguém, ali, sabe coisa alguma do que é, hoje, o Teatro. Nada parece, àqueles homens e àquelas mulheres, mais teatral, mais terrivelmente trágico do que a Paixão e Morte do Nazareno. Que eles amam, que eles querem reverenciar com aquela dramatização que tanto sacrifício lhes custa.

Pedem, apenas, que o governo da cidade lhes mande fazer os palanques. E, porque Clovis Pereira de Carvalho é o secretário de Educação e dono de inteligência e sensibilidade bastante para saber que também aquilo é tarefa de educação, o Prefeito terá conhecimento do pedido humilde e também saberá compreender o que o espetáculo representa para os que o idealizaram. Eles terão o auxílio oficial, com certeza.

“Queremos apenas mostrar ao povo o pouco que sabemos”. Assim escrita, a frase pouco revela. Mas foi comovente nos lábios do trabalhador que se incumbem da direção do trabalho. Eu gostaria de vir a saber que toda a gente, em Cubatão, foi assistir àquele espetáculo. Principalmente a gente de prol da cidade. Gostaria de saber que houve compreensão e aplauso para o grupo que a tanta fadiga se vem sujeitando para que a Semana Santa seja bem diferente, em Cubatão.

No limiar do terceiro milênio, dentro de uma civilização fria, praticamente tecnocrata, refresca a alma essa ingênua dramatização onde se afirma o espírito de religiosidade que

ainda não morreu de todo entre os simples. Tão simples, que comovem. Tão simples, que nos levam a amá-los. Nós, os contaminados pelo convívio com a cética inteligência, demolidora da simplicidade, da inteligência que repele tudo quanto não trouxer a marca da sofisticação e do intelecto. Sem gramática e sem talento histriônico, irão para a rua os trabalhadores humildes que desejam reverenciar seu Senhor. Levam o coração nas mãos, e é preciso ir vê-los a erguer esse coração bem ao alto, nas ruas da cidade. Da cidade que já não é “uma estrada, um bambual que rumoreja ao vento”, mas um fervilhante centro industrial ao qual as vozes de seus operários, erguendo-se na representação do Evangelho, dão, ainda, muita humanidade.

4. “Paixão e Morte Foi Atração”

Acervo Hélio Teobaldo da Silva



CRISTO CAI PELA PRIMEIRA VEZ (1971)

Com esta manchete, o Jornal de Cubatão, em 16 de abril de 1971, noticiou o grande sucesso da segunda edição da Paixão de Cristo em Cubatão.

Segundo a matéria, mais de oito mil pessoas assistiram ao espetáculo que

(...) obteve amplo sucesso, chegando a ser considerado por críticos especializados de São Paulo, como um dos melhores já apresentados no Estado, o que compensou o esforço do grupo de jovens católicos que se empenha em ensaios durante todo o ano.

A matéria ainda destacou que a encenação

(...) deu um aspecto de respeito, na noite da Sexta-Feira Santa, foi organizada e dirigida por uma Comissão sob a orientação do Cônego Antonio Pedron, ex-Vigário da Paróquia.

Cônego Antonio Pedron havia recentemente sido transferido para a Igreja Nossa Senhora das Graças no município vizinho de São Vicente, mas fazia questão de orientar e estar presente às encenações.

O evento coincidiu com as comemorações do aniversário de emancipação política e administrativa de Cubatão, no dia 9 de abril, e, portanto, inserido na programação oficial. Dessa forma, contou com mais apoio da prefeitura.

Na Câmara Municipal, por iniciativa do vereador Orlando Gomes Pereira, com apoio dos vereadores Francisco Inácio Júnior, José Jaime Ruivo, Ruth Appolonia Toniolo da Silva e Renato de Oliveira da Silva¹², foi aprovado Requerimento concedendo voto de louvor aos participantes da encenação. O Padre Baltazar Vicente Benito, então pároco da Igreja Matriz, e o Cônego Antonio Pedron receberam ofícios comunicando a decisão do Legislativo cubatense.

5. Os altos e baixos da Paixão

O sucesso alcançado nas duas primeiras edições, não garantiu o apoio do Poder Público necessário para a realização do espetáculo no ano de 1972. Sob o pretexto de falta de recursos orçamentários para a compra de material para a montagem dos palanques, a prefeitura se negou a colaborar. O fato resultou numa crise entre a COPMC e a Administração Municipal.

O prefeito na ocasião era o engenheiro Zadir Castelo Branco. Zadir havia tomado posse no dia 24 de maio do ano anterior vindo do Rio de Janeiro. Foi o segundo interventor a ser nomeado prefeito de Cubatão¹³.

A justificativa apresentada pelo prefeito à imprensa foi a de que, para cobrir os custos necessários na construção dos nove palanques, o município teria que arcar com uma despesa de cerca de Cr\$ 40.000,00 (quarenta mil cruzeiros), valores não previstos no orçamento daquele ano. Alegou que o assunto não havia sido tratado com antecedência e que não haveria tempo hábil para as providências. O Diretor de Cultura, Esportes e Turismo na ocasião era o Padre Heládio Alvarez Rodrigues¹⁴,

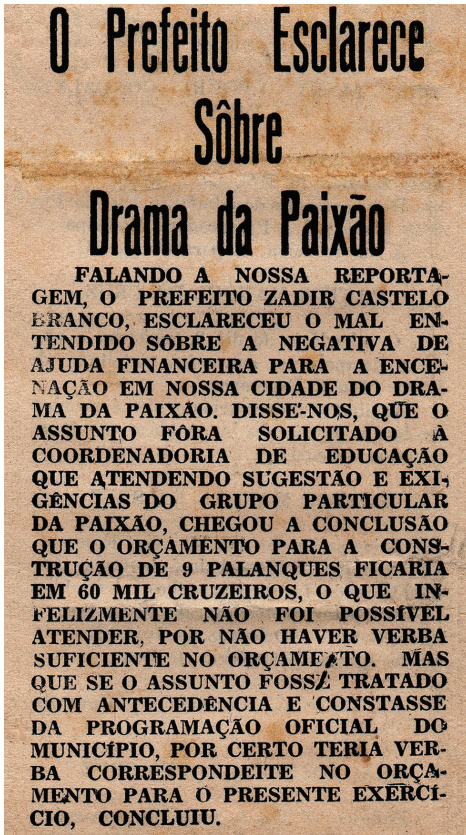
¹² Vereadores da 6ª Legislatura (1969-1973).

¹³ A partir de 1968, o governo militar cassou a autonomia do município. Cubatão passou a ser considerada Área de Segurança Nacional. As eleições foram suspensas e os prefeitos passaram a ser nomeados pelo Presidente da República. A autonomia política somente foi reconquistada em 1985 com o fim da ditadura. O primeiro interventor foi o engenheiro Aurélio Araújo (1969-1971) e, após este, o engenheiro Zadir Castelo Branco (1971-1975).

¹⁴ Padre Heládio atuou durante muitos anos na Paróquia São Francisco de Assis, no bairro de Vila Nova auxiliando o Padre Primitivo Baltazar Flores Zevallos. Atualmente encontra-se aposentado vivendo no município de Santos.

que informou à Comissão que seu Departamento possuía apenas a quantia de Cr\$ 1.000,00 (mil cruzeiros,) em seu Orçamento, insuficientes, portanto, para cobrir todas as despesas.

Acervo EncenaBrasil/COTAC



JORNAL DE CUBATÃO – 19 DE MARÇO DE 1972

E, foi assim que, naquele ano de 1972, a encenação da Paixão de Cristo deixou o solo cubatense para ser apresentada na cidade vizinha. O palco escolhido para receber o elenco da Paixão de Cristo foi a Avenida Presidente Wilson entre as ruas Tibiriçá e Benedito Calixto. A encenação ocorreu no dia 31 de março daquele ano e contou com a presença do Prefeito de São Vicente, Jonas Rodrigues e inúmeras autoridades civis e eclesiásticas. O público entusiasmado aplaudiu a apresentação do drama sacro, realizado pelos cubatenses. Hélio Teobaldo, em entrevista, calculou um público de cerca de 100 mil pessoas. O próprio Cônego Antonio Pedron assumiu a locução do espetáculo utilizando-se do sistema de alto-falantes espalhado pela avenida para transmitir as mensagens da Via Sacra.

A sugestão do Secretário de Obras, Engenheiro Gaspar, acabou por jogar uma “pá de cal” no projeto de realização do evento. O secretário propôs que a encenação fosse realizada em carrocerias de caminhões para baratear os custos.

Mas, quando tudo parecia perdido e o desânimo tomava conta do elenco, o Cônego Antonio Pedron surpreendeu a todos com uma proposta que ninguém sequer havia imaginado.

Ele havia articulado com o prefeito de São Vicente e conseguido o apoio necessário para a realização do espetáculo naquele município.

Acervo Hélio Teobaldo da Silva



CONCENTRAÇÃO NO PÁTIO PAROQUIAL DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA PARA A APRESENTAÇÃO DE 1972, NA AVENIDA PRESIDENTE WILSON (SÃO VICENTE)

O jornal A Tribuna de Santos, do dia 2 de abril de 1972, trouxe a manchete: *Tremeu a terra e partiram-se as pedras*. De fato, o céu desabou naquele dia. Chuvas fortes, relâmpagos e trovões justamente no momento em que Reginaldo Ramos, no papel de Cristo, dava seus últimos suspiros, pendurado na cruz.

Acervo Hélio Teobaldo da Silva



CRISTO CARREGANDO A CRUZ (AV. PRES. WILSON, 1972)

Para amenizar a decepção de ver a encenação da Paixão de Cristo em outra cidade, a população cubatense teve a oportunidade de participar do evento. A Prefeitura de Cubatão, com a colaboração da *Viação Santos-Cubatão*, viabilizou alguns ônibus para levar gratuitamente os cubatenses à Avenida Presidente Wilson.

Na edição do dia 28 de março de 1972 do Jornal A Tribuna de Santos, a matéria intitulada *Prefeito de São Vicente visita Zadir e faz convite*, parece querer minimizar algum constrangimento entre os dois:

Convidar o prefeito Zadir Castelo Branco para assistir à apresentação do drama Paixão de Cristo foi um dos motivos da visita do prefeito de São Vicente, Jonas Rodrigues, a Cubatão ontem à tarde.

“Estamos fazendo uma programação conjunta. O grupo é de Cubatão, mas neste ano se apresentará em São Vicente”, fala Jonas Rodrigues, que também entrou em entendimentos para programação de ordem cultural e turística, com apresentação em Cubatão da Orquestra e do Coral Vicentino.

“A Prefeitura de Cubatão é fiadora dos excelentes resultados que a apresentação do grupo alcançará em São Vicente e quanto à orquestra e o coral, só temos a agradecer ao prefeito Jonas Rodrigues, pois devemos aproveitar a experiência e a qualidade dos conjuntos de São Vicente, e sempre que possível o incluiremos em nossas programações oficiais”, disse o engenheiro Zadir Castelo Branco.

A encenação retornou revigorada ao ninho cubatense em 1973. O grupo apresentou um belíssimo espetáculo na Avenida 9 de Abril. A Prefeitura Municipal, para evitar os problemas do ano anterior, providenciou a montagem dos palanques ao longo da avenida e forneceu o sistema de som.

O jornal Cubatão – o Jornal da Cidade – do dia 16 de dezembro de 1973, destacou que o espetáculo daquele ano foi um sucesso, atraindo uma multidão de pessoas. Apontou, como principal dificuldade da Comissão, a necessidade de um local adequado para armazenar as peças do guarda-roupa (cerca de trezentas unidades) avaliadas em Cr\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros). Pretendiam solicitar ao prefeito, um espaço adequado para a guarda da indumentária, cenários e demais objetos utilizados na encenação.

É importante destacar que a maioria dos participantes da encenação quase sempre arcava com as despesas de confecção de sua própria indumentária. O comércio, como já citado, colaborava muito, cabendo a prefeitura a montagem dos palcos e fornecimento dos equipamentos de som e iluminação.

6. Novos rumos

O ano de 1974 começou com grandes novidades para os moradores de Cubatão. A cidade estava comemorando seu Jubileu de Prata. Emancipada desde 1949, Cubatão se preparava para realizar inúmeros eventos e inaugurações, sendo uma destas a inauguração da Praça Independência, no Jardim Casqueiro, uma das maiores da região.

Com a intenção de abrilhantar o evento de entrega da praça,

o prefeito Zadir Castelo Branco manifestou o desejo de realizar a encenação naquele local. Prometeu à COPMC todo o apoio na montagem dos palanques, sistema de som e divulgação. Mas a proposta não foi bem recebida e o evento ficou mesmo na Avenida 9 de Abril como até então sempre ocorrera.

Neste ano, a encenação ganhou maior visibilidade. O programa Clube dos Artistas de Airton Rodrigues¹⁵ da TV Tupi apresentou, ao vivo, para todos os telespectadores do programa o quadro da crucificação de Cristo, atraindo uma excelente audiência.

O Jornal Cubatão, em dia 24 de março de 1974, informou que a encenação contou com aproximadamente 300 figurantes levando mais de 20 mil pessoas as ruas. A Comissão recebeu carta de incentivo do Cônego Antonio Pedron que, naquela ocasião, já se encontrava atuando no município de Buri, no interior do estado de São Paulo.

Aliás, com a saída do Cônego Antonio Pedron da Igreja Matriz de Cubatão, as relações entre os membros da COPMC e novo pároco, o Padre Baltazar Vicente Benito¹⁶, já não eram mais as mesmas.

Como pároco, Padre Baltazar era também o presidente da COPMC, seguindo a tradição iniciada com o Cônego Antonio Pedron. Porém, em janeiro de 1973, um fato corriqueiro colaborou para o distanciamento entre o sacerdote e os membros da Comissão: Padre Baltazar contava com a colaboração de Manoel dos Santos Páscoa Câmara nos assuntos referentes à encenação. Ocorre que, num dos ensaios de um dos quadros da peça, um certo exercício corporal foi proposto aos participantes. No entanto, a atividade foi interpretada por Páscoa como sendo uma *concentração espírita*, o que não poderia ser aceito pela Igreja Católica. Segundo o depoimento de Hélio Teobaldo, tratava-se apenas de uma técnica de relaxamento em que uma certa pessoa, de tão relaxada, custou a voltar a si. O ocorrido provocou uma crise entre membros do grupo e o Padre Baltazar, que renunciou à presidência da Comissão. Como consequência, a Congregação Mariana da paróquia passou a proibir o uso do espaço para as atividades e ensaios do grupo. Por algum tempo, a Comissão passou a utilizar uma sala cedida por Manoel João Inácio, no número 2027 da Avenida 9 de Abril.

¹⁵ Hairton Rodrigues Leite (Campinas, 6/4/1922 – Santos 1/11/1993) foi um apresentador de televisão brasileiro. Apresentou junto de sua esposa Lolita Rodrigues, durante muitos anos, os programas Almoço com as Estrelas e depois Clube dos Artistas, na extinta TV Tupi (Canal 4) de São Paulo. Fonte: Wikipédia

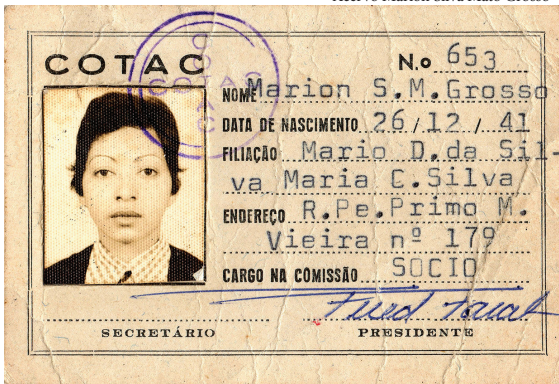
¹⁶ O Padre Baltazar Vicente Benito assumiu a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Lapa em 1971 permanecendo na paróquia até 1981 quando assumiram os padres José Porfírio de Deus Filho e Nivaldo Vicente dos Santos.

Para a encenação do ano de 1974, a COPMC, em respeito às suas origens, solicitou o apoio do padre para a organização e realização do evento. Embora o pároco tenha se colocado à disposição, acabou por não se envolver diretamente nos preparativos.

Tradicionalmente a Procissão do Senhor Morto era realizada após o último ato do drama sacro, a crucificação. Mas, naquela Sexta-Feira Santa, o padre alterou seu horário para as 19 horas, portanto antes da encenação, sem prévia comunicação. O fato provocou um grande desgaste entre os participantes da peça, marcando a ruptura com a Igreja Matriz. Na prática, a encenação deixou de ser uma manifestação religiosa (integrada à liturgia), assumindo a característica de espetáculo teatral.

A partir daí a organização do evento ficou exclusivamente a cargo da COPMC, que pouco tempo depois se transformou no Centro Organizador do Teatro Amador de Cubatão, o COTAC. Embora apartados da Igreja Matriz, os dirigentes da nova entidade ainda podiam contar com o apoio, mesmo de longe, do Cônego Antonio Pedron, que, da cidade de Buri, continuava a colaborar com o grupo.

Acervo Marion Silva Mato Grosso



A primeira diretoria do COTAC foi empossada em 24 de maio de 1974. O presidente eleito foi Mario Rodrigues Mello. Mario era veterano nas artes cênicas, tendo atuado, no início da década

de 1960, na peça Cala a Boca Etelvina¹⁷, ao lado de Lamuel Camargo Martins e Edístio Dias Rebouças Filho. Sob sua presidência foi elaborado o Estatuto Social da entidade e providenciado os registros nos órgãos oficiais. Por seu estatuto, o COTAC possuía a finalidade de desenvolver o Teatro Amador em nível cultural e social. A entidade se constituía sem fins lucrativos, sem ideologia política ou religiosa.

¹⁷ Adaptação do filme homônimo de 1959 que reuniu um grande elenco de atores e atrizes, entre os quais Dercy Gonçalves, Otelo Zeloni, Paulo Goulart, Zezé Macedo e Wilson Frey e sob a direção de Eurides Ramos e Hélio Barrozo Netto.

Com isso, ficou apta a firmar convênios com o município com o objetivo de receber ajuda financeira e recursos provenientes de subvenção municipal.

A primeira diretoria do COTAC ficou assim constituída: Presidente: **Mario Rodrigues de Mello**; Vice-Presidente: **José Raimundo de Carvalho** (Chapéu de Couro); 2º Vice-Presidente: **Deodato Ferreira**; Tesoureiro: **Jamil Farah**; Secretário: **Agenor de Macedo**; Relações Públicas: **Alex Farah**; Diretor de Patrimônio: **Marilene Alves**; Diretor Artístico: **Enéδιο Martins** (Sorinho); Diretor Assistente: **Benedito Gomes Ribeiro** (Benê); Comunicação Externa: **João Farah e Jorge Luiz**; Decoração: **Ramiro Lopes**.

Acervo IncenaBrasil/COTAC

TEATRO

Se você gosta de fazer TEATRO, faça sua inscrição URGENTE no COTAC - CENTRO ORGANIZADOR DO TEATRO AMADOR DE CUBATÃO - CGC n.º 46.833.497/0001-20.

Nossa previsão é de promover cursos de TEATRO e montagens de novas peças.

Participe do elenco da peça Sacra:

PAIXÃO E MORTE DE CRISTO,
que será apresentado no DIA: 20 de abril próximo,
Sexta-feira SANTA, pela 15.ª vez na Cidade de Cubatão - SP.
LOCAL: Atraz do PAÇO MUNICIPAL DE CUBATÃO.

Oferecemos GRÁTIS: Orientações, ENSAIOS, Maquiagens, emprestamos roupas típicas, etc.

Local de Inscrição: ESCOLA ESTADUAL PROF. JOSE DA COSTA
End.: Bairro 31 de Março - CUBATÃO - SP.
DIAS: Todos os DOMINGOS das 14 às 17 hs.

VAGAS LIMITADAS — Inscrições até o DIA: 20-03-1984

Procurar os Srs.: AGENOR CAMARGO, ALEX FARAH,
HÉLIO TEOBALDO, ESPÍNDULA, NADO
ou VILSON VEDA.

Ajude a conservar sua Escola e o seu Bairro

Apoio: PREFEITURA MUNICIPAL DE CUBATÃO

COTAC - Sede provisória: Av. 9 de Abril, 2205
3.º Andar - Cubatão - SP.

Pretendiam também atuar em outras produções teatrais no município e em outras cidades.

Nos anos de 1990 a 1994, por exemplo, o COTAC realizou o drama da Paixão de Cristo nos jardins do Memorial Necrópole Ecumênica de Santos e, em 1998, realizou o espetáculo na Praça das Bandeiras, no município de Santos e na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo (SP).

Sobre o COTAC, o Cônego Antonio Pedron escreveu:

A cidade, orgulhosa, está comemorando o Jubileu de Prata e a fundação do COTAC (Centro Organizador do Teatro Amador de Cubatão), entidade responsável pela apresentação da “Paixão e Morte de Cristo”.

É ao mesmo tempo piedosa ação de graças pelas conversões havidas, - só Deus sabe quantas! - no transcurso desses anos. Tenho para mim que a encenação dos capítulos evangélicos equivale a popular “missão relâmpago” para toda a Baixada, no dia em que a Cristandade está agradecendo e louvando ao Filho de Deus por sua “prova de amor”, morrendo crucificado para nos reabrir os céus.

Palmas aos COTACistas!

Todos têm se desempenhado maravilhosamente em seus respectivos papéis como figurantes de Jesus, Maria Santíssima, João Evangelista, Madalena, Pôncio Pilatos, Rei Herodes, José de Arimatéia, Nicodemos, Anciãos do Sinédrio, Pedro, Judas Iscariotes, Apóstolos, Guardas Romanos, piedosas mulheres, serviçais e pessoas do povo hebreu. A população de Cubatão tem vocação de artistas natos¹⁸!

A criação do COTAC foi um verdadeiro marco para a cultura da cidade, pois representou a continuidade de um trabalho de formação artística que a cada ano envolvia mais pessoas, entre atores profissionais e amadores além de técnicos de som, iluminação, maquiadores, cabeleireiros, entre outros profissionais.

Com o tempo, a entidade organizou o cadastro de todos os associados e distribuiu carteiras associativas que ofereciam descontos no comércio local além de outras vantagens. Outra importante conquista foi à cessão do terreno localizado na Rua Marechal Rondon, no qual foi construída sua sede social. Tratava-se de um pleito que a entidade havia levado ao então prefeito Nei Eduardo Serra, que resultou no Decreto 4.070 de 3 de abril de 1985 concedendo à entidade, o uso do imóvel de propriedade da Municipalidade.

Em 1975, o COTAC realizou a sexta edição da Paixão de Cristo e seu primeiro espetáculo como entidade cultural. Contou com os costumeiros apoiadores, realizando um belo espetáculo. Sobre a apresentação daquele ano, o Jornal A Tribuna de Santos, do dia 30 de março de 1975, destacou:

A TV Globo e uma rádio local registraram todas as cenas, reproduzidas ontem, embora atrapalhassem o desenrolar da trama, interrompendo constantemente as cenas para trocar os rolos das máquinas de filmar.

Em 1976, a encenação trouxe uma novidade. Após seis anos representando Cristo, o ator Reginaldo Ramos Martins, despediu-se do elenco. Reginaldo havia se transferido, no ano anterior, para a cidade do Rio de Janeiro onde atuou em algu-

¹⁸ PEDRON, Cônego Antonio. Glorioso Jubileu de Prata, 1974

Paixão com Reginaldo pela sexta vez

Pela sexta vez consecutiva, Reginaldo Ramos Martins, vai encenar Cristo, no Drama da Paixão, a ser encenado ao vivo no dia 28, às 20 horas, na Av. 9 de Abril.

Reginaldo foi recepcionado pelo Rotary Clube durante a reunião de quarta-feira, no Restaurante Bandeirante, oportunidade em que falou à reportagem do JC, informando de sua participação, já que ficará entre nós até fins de abril. Reginaldo que participou da novela "Fogo Sobre Terra" (empregado de Gonzaga), casou-se no dia 11 de maio do ano passado, com a Sra. Juçara Coutinho Martins, na Guanabara, Palácio do governador daquele Estado, pretende radicarse na Baixada, embora deseje participar da novela "Escalada", para o qual foi convidado. Seus pais residem no Jardim Casqueiro, há mais de 20 anos, um dos motivos de pretender fixar-se definitivamente aqui.

CENAS REAIS

Segundo o Sr. Mário R. Melo, presidente da COTAC — Centro Organizador do Teatro Amador de Cubatão, — Reginaldo fará cenas reais no Drama: A fragelação e a crucificação serão prá valer. E intenção da COTAC transformar a peça num autêntico meio de atração turística, e para isso, conta com a efetiva colaboração da Prefeitura Municipal de Cubatão.

JORNAL DE CUBATÃO — 15 DE MARÇO DE 1975

mas novelas da TV Globo. Estreou, então, o jovem Francisco de Assis Salles, um estudante da escola Afonso Schmidt que já atuava no elenco da peça. Seu desempenho foi muito elogiado pela população embora tenha sido sua única participação no papel principal.

Sobre a encenação daquele ano, o Jornal Cidade de Santos, do dia 18 de abril de 1976, produziu uma matéria bastante significativa, pois citou fatos que ocorreram nos bastidores do espetáculo que nos ajudam a compreender os detalhes da organização do evento:



CRISTO (FRANCISCO SALLES DE ASSIS) ENCONTRA SUA MÃE (REINALICE GONÇALVES) AMPARADA PELO APÓSTOLO JOÃO (ALEX FARAH). 1976

Outras inovações que agradaram foram os palanques mais altos e os cenários pintados. O problema maior foi o deslocamento do povo da Nove de Abril, na altura da Rua Ceará, onde foram apresentadas quase todas as cenas, até a Praça Bernardo Pinto¹⁹.

¹⁹ Atual Praça Portugal.

Os 25 policiais militares, a muito custo, mas sem qualquer violência, conseguiram conter a multidão que queria seguir Cristo, já carregando a pesada cruz de madeira, em seu trajeto de 850 metros até a praça.



Acervo Hélio Teobaldo da Silva

CRISTO (FRANCISCO SALLES DE ASSIS) CONFORTA AS MULHERES PIEDOSAS (1976)

Cerca de 90 mil cruzeiros custou a apresentação do drama. A Prefeitura colaborou com 70 mil cruzeiros e o restante o Cotac conseguiu passando um livro de ouro. Os comerciantes ajudaram bastante, inclusive doando 700 sanduíches para os atores, além do pão especial repartido por Jesus aos apóstolos. Também os comerciantes deram os alimentos para a Santa Ceia: peixes, vinho, frutas. Maquilagem e penteados feitos gratuitamente por Tony e sua equipe.

Acervo Hélio Teobaldo da Silva



ELENCO POSANDO PARA FOTOGRAFIA PARA A ENCENAÇÃO DE 1977

A matéria faz ainda um resumo histórico da encenação da Paixão na cidade:

Acervo Hélio Teobaldo da Silva



MULTIDÃO APLAUDE A ENCENAÇÃO DE 1976

A ideia de apresentar o drama em Cubatão nasceu depois que Alfredo Farah viu a apresentação em São Miguel Paulista. Emocionado, ele contou aos amigos e ao padre Antonio Pedron, quando vigário da Igreja Matriz de Cubatão. Todos apoiaram e a primeira apresentação aconteceu em 1969 (sic). Em 1972, o prefeito ficou “um tanto indiferente”, segundo o organizador e o drama foi realizado em São Vicente.

Acervo Hélio Teobaldo da Silva



CRISTO ORANDO COM SEUS DISCÍPULOS (1976)

Este ano, o prefeito Carlos Frederico Soares Campos²⁰ deu muito apoio e inclusive incluiu o Drama da Paixão e Morte de Cristo no calendário turístico da cidade (...).

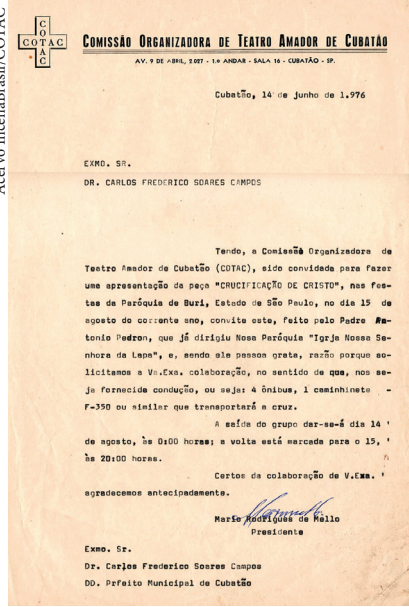
²⁰ Carlos Frederico Soares Campos foi o terceiro prefeito nomeado (interventor) após a cassação da autonomia do município em 1968. Sua gestão teve início no dia 11 de dezembro de 1975 e terminou no dia 17 de fevereiro de 1982.

Acervo IncenaBrasil/COTIAC



CHARGE DO CARTUNISTA CUBATENSE MARIOS PUBLICADA NO JORNAL DE CUBATÃO DE 25 DE ABRIL DE 1976

Acervo IncenaBrasil/COTIAC



Outro fato marcou o ano de 1976: o grupo recebeu com euforia um convite do Cônego Antonio Pedron para a montagem e exibição da peça Crucificação de Cristo, no município de Buri.

Acervo Hélio Teobaldo da Silva



PROCESSÃO ANTECEDENDO A APRESENTAÇÃO DA ENCENAÇÃO DA PAIXÃO NO MUNICÍPIO DE BURI (SP) EM 1976

A apresentação ocorreu no dia 15 de agosto daquele ano, dia em que os católicos comemoram a festa da Assunção de Nossa Senhora. Os cubatenses comemoram neste mesmo dia, sua padroeira, Nossa Senhora da Lapa. Para viabilizar a viagem, o grupo solicitou da prefeitura a colaboração na cessão de ônibus e de uma camionete para o transporte da cruz e dos materiais a serem utilizados na peça. O grupo ainda retornaria àquela cidade em outras ocasiões, sempre a convite do Cônego Antonio Pedron.

No ano em que a encenação completava 10 anos de existência, em 1979, a Paixão de Cristo em Cubatão era um evento de sucesso consolidado. O Jornal Folha de São Paulo, na edição do dia 25 de março de 1979, trouxe uma matéria afirmando que pelo 10º ano consecutivo,

(...) o Centro Organizador do Teatro Amador de Cubatão (COTAC) encenará na sexta-feira Santa o espetáculo da Paixão de Cristo, na principal avenida desta cidade, incluído, pela sua grandiosidade, no calendário turístico do município.

Arquivo Histórico (PMC)



ENCONTRO COM VERÔNICA (1982)

Na mesma matéria, o Diretor Artístico da encenação, Benedito Gomes Ribeiro, o Benê, deu o seguinte depoimento:

No começo, éramos poucos, e, em 1970, montar um trabalho desse vulto chegava quase a ser desanimador, porque tudo girava em torno de uns poucos abnegados do COTAC. Depois, veio o sucesso (cerca de 20 mil pessoas assistiram à segunda apresentação) e, de lá para cá, com o auxílio da Prefeitura (som, iluminação, verbas para complementar) e o apoio do comércio e da indústria, montamos este elenco que este ano, deverá se apresentar ante uma plateia de 70 mil pessoas, dando ao espetáculo uma grandiosidade merecida. (...) É um espetáculo que merece ser visto, não só pela mise-en-scène, beleza plástica e capacidade de realização de uma pequena comunidade, mas, sobretudo, como manifestação de religiosidade de um povo que, ainda dá ao significado da Paixão a maior importância, nos dias que ocorrem.



Arquivo Histórico (PMC)

CRISTO CARREGANDO A CRUZ (1982)

Naquele ano, alguns atores da encenação participaram da gravação de um programa da TV Tupi, antigo Canal 4, para divulgar o evento. Estavam todos paramentados: Agenor de Camargo como São Judas Tadeu, Francisco de Assis Salles como Herodes, Jurandir Silva como Anás e Inácio Ferreira como Caifás.

O Jornal A Tribuna de Santos do dia 8 de abril de 1979 produziu uma excelente cobertura da encenação. Sob o título Paixão de Cristo terá a sua 10ª apresentação, a matéria trouxe um depoimento divertido de Alex Farah sobre sua participação dois anos antes, quando reviveu Judas, o Iscariotes. A matéria dizia:

Há dois anos, quando reviveu o papel de Judas, Alex se lembra das consequências dramáticas da principal cena do traidor. Ele repete o diálogo, já decorado:

“Eu estava conversando com os sacerdotes, e os conduzia, com os soldados, ao horto onde se encontrava Jesus. E eu dizia para os soldados: - Chegarei a ele e o beijarei. Este será o sinal para avançardes, prendê-lo e conduzi-lo com preocupação. Eu estava dizendo isso bem perto da multidão que assistia ao espetáculo, pois dali teria que subir o palanque onde ficava o horto. Então, eu percebi um movimento no meio do público. Parecia que alguém discutia. Deu para perceber alguém falando: - É um cabra safado, isso é sujeira ... num vou deixar não ... Mas, não liguei, pois tinha de entrar no horto, para beijar o Cristo. No momento do beijo eu entendi a razão do movimento no meio da assistência.

- Cabra safado, peste ... tu merece mesmo é morrer, traidor de Deus!



Arquivo Histórico (PMC)

CRISTO E OS APÓSTOLOS NO JARDIM DAS OLIVEIRAS (1982)

Já na edição do dia 15 de abril de 1979, o mesmo jornal produziu uma matéria destacando as principais atrações da peça. Sob o título *Paixão de Cristo emociona Cubatão*, o texto afirmou:

Com efeitos especiais seguindo o estilo hollywoodiano, apresentando músicas, explosões, raios e chuva artificial, além da cena da flagelação ao vivo, o Centro Organizador do Teatro Amador de Cubatão – Cotac, apresentou pela décima vez, a encenação da Paixão e Morte de Cristo, ao ar livre, na Avenida 9 de Abril, reunindo cerca de 50 mil pessoas.

Justamente devido a esses efeitos, a cena de flagelação que pela primeira vez foi apresentada, devido ao realismo provocou revolta no público, que começou a atirar pedras nos guardas romanos, obrigando a intervenção policial para acalmar os ânimos. A coroa de espinhos, feita de matéria plástica, possuía nas laterais, duas seringas que, comprimidas na cabeça do ator, lançava um líquido vermelho.

Nesta cena foi muito importante a participação de Lúcio Jalongo – que personificava a figura de um dos carrascos e que se sobressaiu em todos os papéis representados, como o sacerdote de Caifaz e Chefe dos Judeus, além de homem do povo.

Esta matéria é particularmente interessante, pois revela dados importantes a respeito da montagem do espetáculo. O texto continua, destacando que:

Para a realização do espetáculo, com a participação de 220 figurantes do Cotac contou como apoio da Prefeitura Municipal de Cubatão e do comércio local. Além disso, foram instaladas 15 caixas acústicas e 30 cornetas da Instalsom, o que possibilitou a todos ouvir o texto em qualquer ponto da avenida.

E ajudando no sistema de microfones, montagem e desmontagem de cenas nos diversos palanques armados pela Prefeitura, havia cerca de 50 membros do Cotac. Grande parte das vestimentas foi renovada, exceção feita à Guarda Romana, que tem o mesmo traje há sete anos. O serviço de marcenaria esteve a cargo de Pedro Bispo que diz ser o marceneiro da Paixão, pois além das lanças, a preparação da cruz e outros acessórios também esteve a seu cargo.

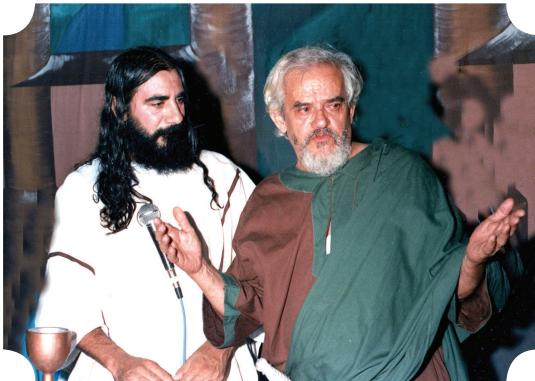
(...) Os artistas ficaram concentrados para maquilagem e vestuário desde as 14 horas, nas dependências do Ginásio Esportivo localizado na Rua Embaixador Pedro de Toledo e, segundo Alfredo Farah – presidente do Cotac – o espetáculo só começou com 10 minutos de atraso (21h10) devido ao mau tempo.

Aos artistas foram servidos cerca de mil lanches e 480 garrafas de refrigerantes. Os ensaios duraram três meses e dos artistas principais, a vestimenta mais cara foi a de Pilatos, estimada em Cr\$ 4.000,00, uma vez que só o metro da fazenda do manto dourado custou Cr\$ 300,00.

A Prefeitura contribuiu com a madeira, e luz, além do cachê dos artistas, perfazendo um total de 225 mil cruzeiros e o restante foi conseguido junto às indústrias e comércio local. José Augusto Silvério é assistente técnico da Cosipa e viveu pela segunda vez o papel de Cristo, impressionando pelo realismo de sua caracterização. Barba e cabelos próprios. Judas foi interpretado por Alex Farah, um dos grandes incentivadores do Cotac.

A 10ª encenação da Paixão de Cristo foi um dos mais aplaudidos espetáculos encenados na cidade.

Acervo IncenaBrasil/COTAC



SANTA CEIA: ZITO NO PAPEL DE CRISTO
AO LADO DE DEODATO FERREIRA
REPRESENTANDO O APÓSTOLO PEDRO

A 12ª encenação, realizada no ano de 1981, ficou marcada por um incidente envolvendo 18 pessoas, entre atores, atrizes e figurantes do espetáculo. Justamente no momento da crucificação, a rampa de acesso ao palanque não suportou o peso das pessoas e todos despencaram de uma altura de cerca de um metro. Embora ninguém tenha se ferido com gravidade, Lúcio lalongo, que interpretava o rei Herodes, sofreu um corte na perna, necessitando de alguns pontos no Pronto Socorro.

Acervo IncenaBrasil/COTAC



ECCE HOMO (EIS O HOMEM). DÉCADA DE 1980

Este não foi o único incidente da noite. Momentos antes de se iniciar o espetáculo, a cruz na qual Zito seria crucificado, quebrou-se, provocando certo alvoroço entre os integrantes do COTAC. A cruz foi prontamente restaurada e o espetáculo pode prosseguir. Porém, mesmo

com essas ocorrências e do mal tempo, a encenação foi muito elogiada pelos seguintes aspectos: excelente atuação dos atores, boa qualidade de som e iluminação.

O Jornal A Tribuna de Santos, de 19 de abril de 1981, destacou a atuação do locutor oficial da peça, o radialista Orlando Curti, que, por muitos anos, emocionou o público presente nos espetáculos com sua voz:

Acervo IncenaBrasil/COTAC

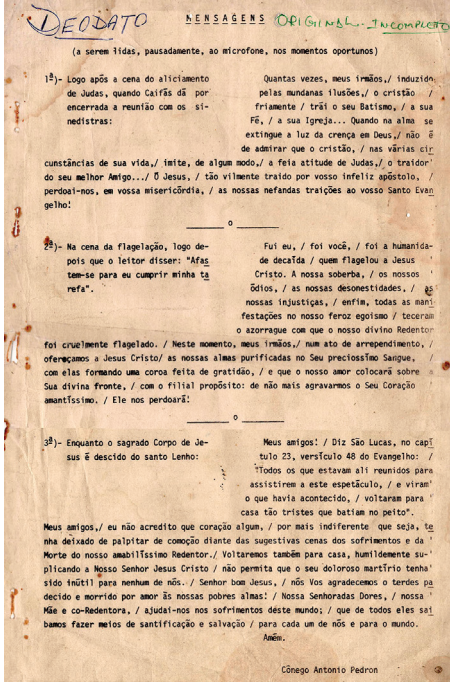


MARIA AMPARA O FILHO MORTO (PIETÁ). DÉCADA DE 1980

O clima emocional que cercava a cena (da traição de Judas), entretanto, cresceu à medida que o locutor oficial, Orlando Curti, narrava os acontecimentos que introduzem a história: “Quantas vezes meus irmãos, induzido pelas mundanas

ilusões, o cristão friamente trai o seu Batismo, a sua fé, a sua Igreja... não é de admirar que o cristão, nas várias circunstâncias de sua vida, imite de algum modo, a feia atitude de Judas, o traidor do seu melhor amigo... Jesus”

Acervo IncenaBrasil/COTAC



O script original, escrito pelo Cónego Antonio Pedron era permeado de mensagens cujo objetivo era levar as pessoas, a reflexão. E a voz empostada de Orlando Curti, provocava nas pessoas um sentimento de respeito e dignidade.

7. Os palcos da Paixão em Cubatão

No dia 18 de fevereiro de 1982, tomou posse no cargo de prefeito do município de Cubatão, o advogado José Osvaldo Passarelli ²¹. Sua administração foi marcada por diversas obras de embelezamento da cidade, sendo uma delas, a reforma da Avenida Nove de Abril, que recebeu uma série de cuidados. E, como consequência dessas obras, as exhibições da encenação na avenida ficaram inviabilizadas. O grande afluxo de pessoas nos dias da apresentação provocava a destruição do jardim central, além de muita sujeira espalhada pelas calçadas como se pode observar numa matéria do jornal A Tribuna de Santos, de 15 de abril de 1979:

²¹José Osvaldo Passarelli tomou posse como interventor, em 18 de fevereiro de 1982 tendo sido indicado pelo então Governador do Estado de São Paulo, Dr. Paulo Salim Maluf. Foi eleito prefeito por mais duas vezes (1 de janeiro de 1986 a 31 de dezembro de 1988 e de 1 de janeiro de 1993 a 31 de dezembro de 1996).

Arquivo Histórico (PMC)



AVENIDA 9 DE ABRIL. DÉCADA DE 1970

As palmeiras e os ramos de canaviais que cobriam o horto artificial definhavam e o canteiro central da avenida estava todo pisado, as flores destruídas; e três cruces vazias, no palanque em frente à Igreja Matriz, mostravam todo o ar de desolação, no sábado de aleluia.

Na noite da véspera, entretanto, mais de quinze mil pessoas lotaram a Avenida Nove de Abril e havia vida, movimento, tensão (...).

Arquivo Histórico (PMC)



APRESENTAÇÃO NA AV. 9 DE ABRIL. 1982

Como era de se esperar, os comerciantes não aprovaram a mudança do local da peça. Afinal, ganhavam um bom dinheiro nos dias em que ocorriam as encenações. Porém, não houve alternativa. A partir de 1983, um novo local foi estabelecido: um terreno atrás do Paço Municipal na confluência das ruas Bernardo Pinto e Embaixador Pedro de Toledo. Anos depois, este terreno

Arquivo Histórico (PMC)



APRESENTAÇÃO NA AV. 9 DE ABRIL. 1982

passaria a abrigar o Kartódromo Municipal. A encenação foi apresentada neste local até o ano de 1990. A prefeitura também havia adquirido, na época, uma área que antes pertencera a Petrobras, bem ao lado da escola estadual Afonso Schmidt onde foi construído, anos depois, o Centro Poliesportivo “Professor Roberto Dick”. Este terreno, inclusive, serviu de estacionamento para veículos em algumas encenações.

Neste novo local, não foram mais montados os costumeiros palanques. A prefeitura construiu pequenos montes de terra que serviram de palcos. Um destes montes recebeu vegetação composta de pequenos arbustos e plantas para se assemelhar ao Monte das Oliveiras, um dos quadros do drama sacro.

Arquivo Histórico (PMC)



APRESENTAÇÃO NA AV. 9 DE ABRIL. 1982

O Jornal A Tribuna de Santos, na edição do dia 28 de março de 1983, estampou matéria com o seguinte título: Paixão de Cristo deve atrair 30 mil este ano. O texto destacou os motivos que levaram o prefeito a mudar o local do evento, enaltecendo as vantagens deste novo espaço.



Arquivo Histórico (PMC)

PREFEITO JOSÉ OSVALDO PASSARELLI AO LADO DE SUA ESPOSA, MARIA CECÍLIA PASSARELLI PRESTIGIANDO A ENCENAÇÃO DE 1982

Acervo IncenaBrasil/COTAC



CENA DA CRUCIFICAÇÃO NO KARTÓDROMO MUNICIPAL. 1990

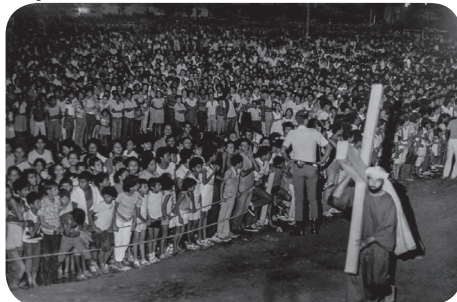
Por outro lado, atores, atrizes, figurantes e o próprio público reclamaram muito das condições oferecidas. Havia muita lama no lugar, dificultando sobremaneira o desenrolar do espetáculo.

Arquivo Histórico (PMC)



PREFEITO NEI SERRA E AUTORIDADES ACOMPANHAM A ENCENAÇÃO NO KARTÓDROMO.

Arquivo Histórico (PMC)



MULTIDÃO ASSISTE AO ESPETÁCULO NO KARTÓDROMO EM 1985

Nesta mesma matéria, o presidente do COTAC, Agenor Antonio de Camargo declarou:

“É uma numerosa equipe de abnegados que não mede esforços para dar, cada vez mais, lazer e cultura para o povo humilde de nossa cidade”. (...) De acordo com ele, esse grupo é considerado pela crítica o segundo melhor do país no gênero, sendo que o primeiro se encontra em Nova Jerusalém, Pernambuco.



Arquivo Histórico (PMC)

JESUS ENCONTRA AS MULHERES PIEDOSAS: “FILHAS DE JERUSALÉM, NÃO CHOREIS POR MIM. CHORAI POR VÓS MESMAS E POR VOSSOS FILHOS”. 1985

Outro trecho da matéria cita que

“O grupo vem ensaiando desde dezembro último para essa apresentação na próxima sexta-feira, numa escola cedida pela Prefeitura, já que não possui sede própria. Hélio Teobaldo, o diretor artístico, é o único que tem experiência teatral mais profunda, tendo estudado com Serafim Gonzalez, Natalia Timberg, Ziembinski e Ednor Messias”.



Arquivo Histórico (PMC)

O REI HERODES VIVIDO POR LÚCIO IALONGO. KARTÓDROMO, 1985

Em 1991, outro local passou a abrigar as encenações. Um terreno aos fundos do Centro Social Urbano – CSU, local também denominado Parque do Trabalhador. Naquele ano, o Grupo de Dança Espaço Inverso, composto por bailarinos do município, abriram o espetáculo com a coreografia Máquinas que Falam, em alusão ao desenvolvimento industrial de Cubatão, de autoria do coreógrafo cubatense, Zeca Rodrigues.

O Parque do Trabalhador foi utilizado ininterruptamente até o ano 2000.

No ano de 2001, o espetáculo foi realizado no Centro Esportivo Humberto de Alencar Castelo Branco, atual Ayrton

Romero da Nóbrega. Nos anos de 2002 a 2005, voltou a ser encenado na área agora já denominada Kartódromo Municipal e, a partir de 2006 até os dias atuais, no Centro Social Urbano ou Parque do Trabalhador.

Este último demonstrou ser um excelente local para a encenação. A denominação Parque do Trabalhador era, na verdade, um projeto do prefeito Nei Eduardo Serra²² que acabou não se concretizando.

Com o objetivo de transformar o lugar num local adequado para a realização do evento, a prefeitura promoveu ali, uma série de melhorias. Contando com um pequeno monte com cobertura vegetal e uma ampla área com capacidade para receber centenas de atores, atrizes e figurantes, e uma excelente infraestrutura para a montagem de arquibancadas e torres de som e iluminação, o local foi aprovado por todos. No dia 30 de março de 1991, o prefeito inaugurou o mirante existente no local.

8. Inovações técnicas

Uma das mais importantes inovações adotadas nas encenações foi o uso, a partir de 2006, da gravação das falas em estúdio profissional. Isso, aliado aos recursos de efeitos sonoros, trouxe uma nova dinâmica ao espetáculo. Desde o início, os problemas mais comuns das apresentações foram as constantes falhas do sistema de som. No início, os atores tinham que falar utilizando microfones pendurados no pescoço ou contando com a ajuda de técnicos de som. Embora, no ano de 1985, as falas tivessem sido gravadas antecipadamente, mas de forma rudimentar, o uso dos microfones voltou a ser utilizado a partir do ano seguinte. Estas falhas recorrentes dificultavam muito a compreensão do enredo da peça.

Por outro lado, não havia um sistema de iluminação cenográfica que valorizasse as apresentações. Tudo isso mudou radicalmente com a profissionalização e o uso das tecnologias que ficaram cada vez mais acessíveis. As apresentações atuais contam com o que há de mais avançado em termos de luz e som, causando um enorme impacto nas pessoas.

²²Nei Eduardo Serra foi o último interventor nomeado pelo Governador do Estado de São Paulo, Dr. André Franco Montoro. Sua nomeação se deu no período de transição democrática tendo tomado posse em 6 de fevereiro de 1985 permanecendo à frente da Prefeitura até 31 de dezembro de 1985. Foi prefeito por mais duas vezes (1 de janeiro de 1989 a 31 de dezembro de 1992 e de 1 de janeiro de 1997 a 31 de dezembro de 2000). Nestes dois mandatos, foi eleito pelo voto popular.



TÉCNICO DE SOM DA PREFEITURA CAPTANDO O ÁUDIO DA GUARDA ROMANA

9. Participações especiais

Algumas encenações puderam contar com a participação de consagrados atores, atrizes, diretores artísticos e pessoas que, contando com suas experiências no teatro, valorizaram ainda mais o espetáculo. É o caso da atriz e diretora teatral, **Maria Tornatore**, que atuou como diretora artística na montagem de 2005. Neste mesmo ano, o ator de novelas **Raimundo de Souza** fez uma participação dando vida ao governador Pilatos.

Em 2010, o ator **Paulo Goulart Filho** também interpretou Pilatos na 41ª encenação. O ator, em depoimento emocionado, disse que participar da Paixão de Cristo em Cubatão foi um momento muito especial, pois iniciou sua carreira de ator justamente numa encenação da Paixão aos 16 anos de idade.

Já em 2014, na 45ª encenação, a participação especial ficou por conta do ator **João Vitti**, bastante conhecido por seus trabalhos em novelas da TV Globo, SBT e Record. A encenação também contou com a participação da cantora gospel, **Carolina Dantas**, que emocionou a todos no encerramento do espetáculo.

A encenação de 2014 foi marcada de forma bastante significativa pelo retorno às origens da Paixão de Cristo em Cubatão, uma vez que contou com a participação efetiva do pároco da Igreja Matriz da época, o padre **Carlos Miranda Alves**. O site oficial da Prefeitura Municipal de Cubatão divulgou uma matéria na qual destacamos o seguinte trecho:

O enfoque com base nos escritos do apóstolo João, enaltecendo a importância das pregações de Jesus e seus milagres, foi sugerido pelo padre Carlos Miranda Alves, pároco da igreja Matriz. Ele também abriu a encenação, explicando seu sig-

nificado e a visão peculiar do apóstolo João: "Não é simplesmente um texto, mas um convite à conversão, a celebrarmos este gesto de profunda entrega de Jesus, a tomarmos posse do imenso amor de Cristo". Ele citou ainda um texto do pensador Gibran Khalil Gibran: "Quando o amor vos chamar, segui-o, ainda que os seus caminhos sejam agrestes e escarpados..."²³

SECOM/PMC



PE. CARLOS MIRANDA ALVES RECEBENDO HOMENAGEM

Como há muito tempo não era realizada, a tradicional procissão da Sexta-Feira Santa foi incorporada à encenação resultando num clima de fé e devoção.

E, neste ano de 2019, coroando o elenco da encenação da Paixão de Cristo em Cubatão, o papel do rei Herodes foi vivido por Sérgio Mamberti²⁴, um dos mais consagrados e premiados atores brasileiros e que produziu o lindo texto que prefacia este livro.

²³PAIXÃO DE CRISTO: 45ª Encenação Cubatense é a quinta maior do Brasil. Acessado em: 9 fev. 2019. Disponível em: <<http://www.cubatao.sp.gov.br/noticia/8533-paixao-de-cristo-45a-encenacao-cubatense-e-a-quinta-maior-do-brasil/>>

²⁴ Sérgio Mamberti (Santos, SP 1939). Ator e diretor. Intérprete eclético e desembaraçado, ligado a importantes iniciativas de fomento das atividades teatrais desde o fim dos anos 1960, com sólida carreira nos palcos e na TV. Veja o texto completo acessando: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa107275/sergio-mamberti>> Acesso em: 6 mar. 2019.



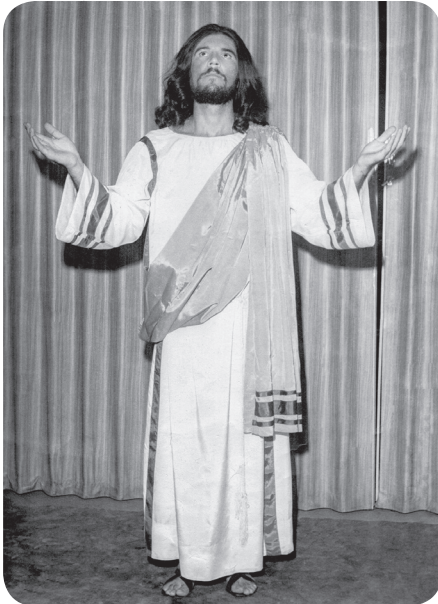
Acervo IncenaBrasil - Foto Julimar Gomes

ATOR SÉRGIO MAMBERTI REPRESENTANDO O REI HERODES (2019)

10. Os “Cristos” da Paixão

Ao longo desses 50 anos de espetáculo, Cristo foi representado por atores que imprimiram de maneira particular, a personalidade e o sentimento de cada um.

Acervo Reginaldo Ramos



REGINALDO RAMOS COMO CRISTO (1970)

Como já relatado, o ator **Reginaldo Ramos Martins**, deu vida ao principal personagem nos seis primeiros anos do espetáculo: de 1970 a 1975, retornando em 1994 para fazer uma apresentação especial ao lado de José Augusto Silvério, o Zito, em comemoração ao Jubileu de Prata da encenação. O ator participa até os dias de hoje em diferentes papéis.

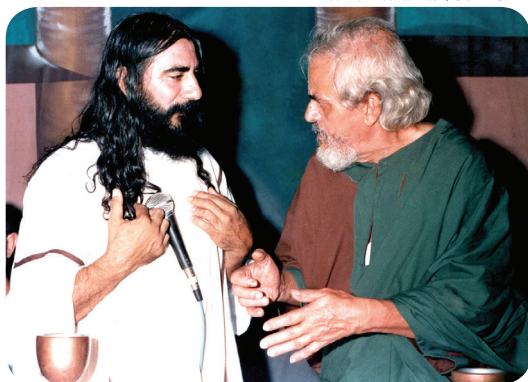
Em seguida, o jovem **Francisco Salles de Assis**, viveu o papel principal apenas no ano de 1976, substituído por **José Augusto Silvério**, que representou Cristo por 32 anos seguidos: de 1977 a 2009. Zito, como era mais conhecido, foi assistente técnico de manutenção da então COSIPA, Companhia Siderúrgi-

ca Paulista e já fazia parte do elenco da peça desde a primeira edição, atuando em outros papéis.



FRANCISCO SALLES DE ASSIS NO PAPEL DE CRISTO (1976)

Sua atuação no papel de Cristo é, provavelmente, a mais longeva que se tem notícias, tendo, inclusive, pleiteado seu reconhecimento no Guinness World Records, o Livro dos Recordes²⁵. Na época, a comunidade cubatense foi mobilizada e milhares de assinaturas foram coletadas para colaborar com seu intento.



SANTA CEIA: CRISTO (ZITO) DIALOGA COM PEDRO (DEODATO FERREIRA)



CRISTO CRUCIFICADO (ZITO). DÉCADA DE 1980

Em 2009, Zito representou Cristo pela última vez ao lado do ator **Roney Gomes**, na época, com apenas 22 anos. Eram dois atores representando o mesmo personagem (o Cristo Divino representado por Zito e o Cristo Sofredor, representado por Roney).

²⁵O Guinness World Records é uma edição publicada anualmente, que contém uma coleção de recordes e superlativos reconhecidos internacionalmente, tanto em termos de performances humanas como de extremos da natureza. Fonte Wikipédia

SECOM/PMC – Foto Dilson S. Mato Grosso



O CRISTO DIVINO (INTERPRETADO POR ZITO) AJUDANDO O CRISTO SOFREDOR (RONEY GOMES) A CARREGAR SUA CRUZ (2009)

Na verdade, foi a despedida do ator veterano e o início de um novo momento na história da encenação. A partir daí, novos atores foram convidados a atuar no papel principal do elenco. Roney Gomes ainda encarnaria o Cristo nos anos de 2010 e 2011 e em 2013.

SECOM/PMC – Foto Dilson S. Mato Grosso



CRISTO (RONEY GOMES) CARREGANDO A CRUZ AMPARADO PELO CRISTO DIVINO INTERPRETADO POR ZITO (2009)

SECOM/PMC – Foto Dilson S. Mato Grosso



CRISTO CRUCIFICADO (RONEY GOMES). 2009

Foto Maurice Pirotte (gentilmente por Gabriel Muglia)



Maurice Pirotte (CC BY-NC-SA)

SANTA CEIA: CRISTO (GABRIEL MUGLIA) DIALOGA COM SEUS DISCÍPULOS (2017)

Em 2012 e 2017, Cristo foi representado por **Gabriel Muglia**, ator profissional, com trabalhos realizados no teatro, cinema, séries e novelas, sempre ao lado de grandes nomes. O ator também participou da encenação nos anos de 2010 e 2011 interpretando João Batista. Recentemente, atuou na série Assédio produzida pela Globoplay, no papel de Henrique Sadala. A série, composta de dez episódios, estreou na TV aberta (Globo) em três de maio de 2019, dividida em dez capítulos.

SECOM/PMC



VICTOR LOVECCHIO NO PAPEL DE CRISTO (2014)

Em 2014, **Vitor Lovechio**, advogado por formação, ator amador e vocalista de banda de Rock nas horas vagas, reviveu o papel de Cristo sendo bastante elogiado.

Nos anos de 2015 e 2016, **Vidah Santos**, ator da região com inúmeros trabalhos realizados, foi o convidado para o papel de Cristo. Interpretou também os apóstolos Judas Iscariotes e Pedro, em outras edições.



O CRISTO MORTO (VIDAH ALVES) SENDO AMPARADO POR SUA MÃE E DISCÍPULOS (2015)

Em 2018, o papel foi representado pelo ator, diretor e pesquisador teatral, **Luiz Campos**



CRISTO (LUIZ CAMPOS) SENDO AÇOITADO (2018)

E, neste ano de 2019, em comemoração ao Jubileu de Ouro da encenação, Cristo foi representado por cinco atores: **Vidah Santos, Bruno Fracchia, Alex Cruz, Fabiano di Melo e Hugo Henrique.**



Acervo IncenaBrasil - Foto Julimar Gomes

OS ATORES VIDAH SANTOS, BRUNO FRACHIA, ALEX CRUZ, FABIANO DI MELO E HUGO HENRIQUE, REPRESENTANDO SIMULTANEAMENTE O PAPEL DE CRISTO (2019)

11. Quem fez e quem faz a Paixão em Cubatão

Como já citado, a encenação da Paixão foi inicialmente produzida pela COPMC, Comissão de Organização da Paixão e Morte de Cristo instituída em 1969, realizando o espetáculo até 1974.

A partir de 1975, o COTAC, Centro Organizador do Teatro Amador de Cubatão, assumiu a tarefa de realizar o evento buscando recursos do Poder Público e empresas do polo industrial, comércio e comunidade. Como vimos anteriormente, a participação do Poder Público local, sempre foi muito importante para a realização do evento, seja na montagem dos palanques e fornecimento de sistema de som, ou na destinação de recursos financeiros. A partir de 1982, a entidade começou a receber a Subvenção Municipal, cuja principal vantagem era o repasse antecipado dos recursos, possibilitando a aquisição dos materiais necessários aos preparativos do espetáculo. Por outro lado, a entidade assumia a responsabilidade de elaborar a prestação de contas destas verbas, cumprindo todas as exigências contábeis e fiscais. Dessa forma, realizou o evento até o ano de 2006, quando ficou impedida de receber novos recursos financeiros em virtude de problemas apresentados em prestações de contas anteriores.

Entre os anos de 2007 e 2008, a organização do evento ficou por conta da AGTAC – Associação dos Grupos Teatrais Amadores de Cubatão. Nos anos de 2009 e 2010, a Associação Incena Brasil realizou os espetáculos. Nos anos de 2011 e 2012,

os espetáculos foram produzidos pela Flair Produções.

A partir de 2013 até os dias atuais, o espetáculo passou a ser produzido pela Associação Incena Brasil, entidade civil sem fins lucrativos com sede no município de Cubatão. Recentemente, a entidade foi declarada de Utilidade Pública (Lei Municipal nº 3.889 de 10 de abril de 2018). Criada em 2008 com o objetivo de realizar o espetáculo da Paixão de Cristo em Cubatão, atua também na produção teatral do município. Em 2018, a entidade realizou a 15ª edição do Festival de Teatro de Cubatão, Festac. A Associação foi reconhecida, neste mesmo ano, pelo Governo do Estado de São Paulo, como Ponto de Cultura, recebendo como prêmio, um kit audiovisual da Secretaria de Estado da Cultura. Para viabilizar a realização de eventos teatrais, a entidade elabora projetos de captação de recursos utilizando as leis de incentivo à cultura (ProAC/SP e Rouanet)²⁶.

Acervo Arquivo Histórico/PMC



O PRESIDENTE DO COTAC, AGENOR ANTONIO DE CAMARGO RECEBE DA 1ª DAMA DO MUNICÍPIO, MARIA CECÍLIA PASSARELLI, O CHEQUE DA SUBVENÇÃO MUNICIPAL PARA A REALIZAÇÃO DA ENCENAÇÃO DO ANO DE 1984

12. Enfim, o jubileu de Ouro!

A noite do dia 19 de abril de 2019, Sexta-Feira Santa, foi muito especial para Cubatão. Cerca de quatro mil pessoas foram prestigiar a 50ª apresentação da encenação da Paixão de Cristo na cidade. Para recordar as origens do espetáculo, a peça se iniciou nas ruas próximas a “cidade cenográfica”, montada no

²⁶ ProAC/SP – Lei de incentivo cultural do estado de São Paulo (Lei nº 12.268/2206) prevê a dedução fiscal de empresas patrocinadoras de projetos culturais, deduzindo parte do imposto devido (ICMS). Lei Rouanet – Principal instrumento de incentivo a cultura no Brasil, como é conhecida a Lei nº8313/91 que instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC). Prevê isenções fiscais do Imposto de Renda.

Centro Social Urbano, emocionando àqueles mais antigos que vivenciaram as primeiras edições do drama sacro.

Acervo IncenaBrasil - Foto Julimar Gomes



AS DIRETORAS DO INCENABRASIL, CARLA E ROSE VIEIRA E A DIRETORA DO ESPETÁCULO, CIBELE PIACENTINI (AO CENTRO)

Sob a direção de Cibele Piacentini e assistência de direção de Juliana Sousa, o espetáculo apresentou um grande elenco de atores e inúmeras pessoas da comunidade. Foram aproximadamente duzentas pessoas envolvidas entre artistas, técnicos, produtores além

das participações do Coral Zanzalá e Khalawa's Danças e Bem Estar. Os personagens principais foram vividos por: **Nossa Senhora:** Lúcia Oliver e Jade Oliver; **Pedro:** Roney Maya (Gomes); **João Batista/André:** Murilo Tenório; **Judas Iscariotes:** Marcelo Vitor; **Anás:** Gustavo Roemer; **Caifás:** Fernando Rino; **Pilatos:** Natan Alencar; **Herodes:** Sérgio Mamberti; **Verônica/Mulher Impura:** Aline Leone; **Centurião:** Marcelo; **Maria Madalena:** Thais Miranda e Allana Santos; **Barrabás:** Ramiro Lopes; **João:** Rafael Almeida; **Cláudia (mulher de Pilatos):** Angélica Magenta **Herodiade:** Rosane Paulo; **Salomé:** Emely Cruz; **Mateus:** Daniel Nachalo; **Thiago:** Josué Salvino; **Zerah (sacerdote do Sinédrio):** Vanderlei Abrelli; **Nicodemos:** Carlos Belini; **Arimatéia:** Evaldo Santana; **Irmão de Maria Madalena:** Fernando Santos; **Marta:** Cláudia Torres; **Jesus:** Vidah Santos, Bruno Fracchia (Cristo ressuscitado), Alex Cruz, Fabiano di Melo e Hugo Henrique (Cristo crucificado).

Acervo IncenaBrasil - Foto Julimar Gomes



INÍCIO DO ESPETÁCULO ENCENADO NAS RUAS PRÓXIMAS AO CSU/PARQUE DO TRABALHADOR (2019)

Acervo IncenaBrasil - Foto Julimar Gomes



CRISTO SENDO AÇOITADO (2019)

Acervo IncenaBrasil - Foto Julimar Gomes



O ELENCO DA ENCENAÇÃO DE 2019

Acervo IncenaBrasil - Foto Julimar Gomes



A GUARDA ROMANA (2019)

Acervo IncenaBrasil - Foto Julimar Gomes



PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DO CORAL MUNICIPAL ZANZALÁ (2019)

Acervo IncenaBrasil - Foto Julimar Gomes



O PÚBLICO LOTA AS ARQUIBANCADAS DA ENCENAÇÃO (2019)

E, para encerrar o texto, neste ano, por iniciativa do vereador Aguinaldo Alves de Araújo, a encenação da Paixão de Cristo em Cubatão finalmente passou a constar no Calendário Oficial da cidade. Em 26 de abril de 2019, o prefeito Ademário Silva Oliveira sancionou a Lei Municipal nº 3.983 reconhecendo a importância do espetáculo para a cultura do município.

PARTE 3 – ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

Para a realização dessa etapa foram realizadas entrevistas por meio da coleta de informações em áudio e posterior transcrição das falas. Em virtude da necessidade de se resumir os diálogos por questões de logística, somente as informações consideradas mais relevantes foram aqui transcritas. As gravações, porém, foram conservadas integralmente e arquivadas em formato digital para eventualmente serem utilizadas em outras pesquisas.

Nos depoimentos, as pessoas foram convidadas a escrever um texto e enviá-lo por meio de endereço eletrônico narrando os fatos mais relevantes de sua experiência na encenação.

Tais registros foram considerados, no contexto da História Oral, elementos importantes para a compreensão do passado ao lado dos documentos escritos (atas, documentos impressos, jornais e textos) e acervo iconográfico (fotografias).

Atualmente, o uso de fontes orais na investigação histórica permite aos pesquisadores realizar novas construções dos acontecimentos a partir da memória de pessoas que presenciaram os eventos.

Índice (em ordem alfabética)

1. Agenor Antonio de Camargo - pág.73
2. Agenor de Macedo - pág.74
3. Aguinaldo Alves de Araújo - pág.75
4. Alex Farah - pág.76
5. Arlindo Ferreira - pág.77
6. Armando Campinas Reis - pág.78
7. Benedito Gomes Ribeiro - pág.79
8. Carla Vieira - pág.80
9. Djalma Bellentani - pág.81
10. Edson Araújo dos Santos - pág.81
11. Euzébio Florêncio da Silva - pág.82
12. Evaldo Santana- pág.83
13. Gabriel Muglia- pág.84
14. Hélio Teobaldo da Silva- pág.87
15. Janete Farah- pág.88
16. José Augusto Silvério- pág.89
17. Lourimar da Silva Vieira- pág.91
18. Lúcia Oliver- pág.92
19. Luiz Campos- pág.93
20. Manoel Messias Alves Santos- pág.94
21. Maria Herondina R. A. de Faria (Nina Faria)- pág.95
22. Natanael Gomes de Alencar- pág.97
23. Ramiro Lopes- pág.98
24. Reginaldo Ramos Martins- pág.99
25. Reinalice Gonçalves- pág.100
26. Vanderlei Abrelli- pág.101
27. Victor Augusto Lovecchio- pág.102
28. Vidah Alves- pág.103

1. Agenor Antonio de Camargo

Foto Dilson S. Mato Grosso



Eu comecei a participar em 1980, depois fui presidente do Cotac. Na minha gestão, passamos a receber as verbas da Prefeitura de forma antecipada. Naquela época, a Prefeitura colaborava com uma ajuda de custo que sempre vinha depois da encenação. O prefeito era o Dr. Passarelli e foi ele quem repassou os recursos antes do evento e nós pudemos adquirir os materiais para fazer a encenação. Era bem mais primário, não tinha pessoas credenciadas para orientar o pessoal.

Eu fiz Judas Iscariotes e Judas Tadeu, mas o que mais me emocionou foi interpretar Judas Iscariotes. Eu me joguei no suicídio dele! Senti a brutalidade da cena. É um papel muito forte. Naquela época, a apresentação era feita na Avenida Nove de Abril e a gente levava guarda-chuvas das senhoras que acompanhavam a encenação.

Um fato interessante foi quando fomos para Buri. O padre Pedron, fundador da Paixão de Cristo, era nosso coordenador antes de ir para aquela cidade. Nós fizemos uma apresentação no dia da padroeira da cidade e todo mundo dormiu na casa paroquial. Fomos recebidos pelo prefeito! O público se emocionava com a apresentação.

O Cotac foi uma entidade muito forte. A Paixão de Cristo para Cubatão é importante porque atrai todas as camadas sociais da Cidade. Você pode assistir a Paixão de Cristo dez vezes, cada vez é uma emoção diferente e nessa, que comemoramos os 50 anos vocês vão perceber isso: vai ser uma nova emoção que nos acolhe, e transmite a nova geração, afetividade e vontade de participar. A Paixão de Cristo é uma referência na cidade e diga-se, é tecnicamente mais bem apresentada na baixada e no Estado de São Paulo.

Hoje, eu estou contente com a Paixão de Cristo e com essa equipe que trouxe outro nível, que dá mais segurança e técnicas nas apresentações e isso é muito importante e necessário.

Acervo IncenaBrasil/COTAC



O PRESIDENTE DO COTAC, AGENOR ANTONIO DE CAMARGO (EM PRIMEIRO PLANO) E O ELENCO DA ENCENAÇÃO DE 1983

2. Agenor de Macedo

Foto Dilson S. Mato Grosso



A ideia de se fazer a encenação surgiu em 1969, com o Fued Farah. Ele havia assistido a uma peça da Paixão de Cristo no interior de São Paulo e ficou entusiasmado. Então nos convidou para um bate-papo que aconteceu no comércio dele, na Avenida 9 de Abril. Os presentes na ocasião foram: eu, Paulo Leandro de Barros, o Paulão, Mario Rosa, Djalma Bellentani, Armando Campinas e o Manga.

Depois, fomos conversar com o padre Antonio Pedron, da Matriz que também já tinha visto essa Paixão de Cristo e gostou da ideia de fazer em Cubatão. Começamos, então, a nos organizar para re-realizar a Paixão no ano seguinte. Eu fui o secretário geral da Comissão, o Mario Rosa, meu assistente, o Raimundo “Chapéu de Couro”, era o encarregado de tratar dos assuntos externos e buscar apoio. E tinham as meninas que ajudavam a Marilene, mãe da Carla, que cuidava de todos os detalhes para acontecer a Paixão.

O figurino era alugado na Casa do Ator em São Paulo e o Raimundo “Chapéu de Couro” trazia de São Paulo aquela trouxa enorme na cabeça. Ele era realmente fanático pela encenação. Colocava tanta fé, que brigava com todo mundo para que as coisas acontecessem.

Também contamos com a ajuda do Antonio Inácio Ferreira, que era o artista, o homem que vivia do teatro. Ele inclusive trouxe uma vez a jornalista do jornal A Tribuna, Nair Lacerda, para assistir a um ensaio do espetáculo e adorou. Depois ela fez uma matéria sobre a encenação e publicou no jornal. Foi aí que a Paixão começou a aparecer. O padre Pedron anunciava na igreja, convidava os paroquianos e todos davam apoio.

O primeiro texto foi escrito pelo padre Pedron. Lembro-me que eu datilografei todo texto. Eu nunca trabalhei como ator na encenação, eu só escrevia, eu era o redator, a pessoa responsável pela correspondência, tudo o que fosse relacionado com a comunicação. Solicitávamos apoio do comércio, da prefeitura e das indústrias. Fui secretário até o ano de 1974.

O padre Pedron era muito querido, ele tratava a gente com muito carinho, dava ouvidos para as pessoas, dava conselhos e era adorado pelos fiéis. Ele tinha sempre uma palavra amiga e foi o incentivador da Paixão de Cristo em Cubatão.

3. Aguinaldo Alves de Araújo

Foto Dilson S. Mato Grosso



A minha primeira participação na Paixão de Cristo foi fazendo o papel de juiz (aquele que lia o pergaminho com a sentença da crucificação). Depois, fiz Pilatos, Judas Iscariotes e Caifás.

Recordo-me do Alex Farah no papel de Judas Iscariotes. Confesso que me espelhei nele quando fui fazer o personagem, pois ele representava muito bem o papel.

A Paixão de Cristo sempre foi uma das grandes marcas da cidade de Cubatão, mas acredito que naquele tempo a gente conseguia sensibilizar mais o povo, ou o povo era mais sensível, porque o pessoal chorava mesmo. Lembro-me de ouvir a divulgação da Paixão pelo serviço de alto-falante em um veículo com a voz do Orlando Curti, que foi um dos grandes narradores da encenação. Com sua morte, eu acabei assumindo a narração da peça. Talvez pelo fato de ser radialista e de minha atuação nas igrejas, a narração precisava de emoção e espiritualidade.

Na minha trajetória política fui eleito vereador e, como representante do povo, procurei valorizar a Paixão de Cristo. É de minha autoria a Lei Municipal nº 3.889 de 10 de abril de 2018 que declarou de utilidade pública a Associação Incena Brasil, entidade que realiza o espetáculo. Também sou o autor da Lei Municipal nº 3.983 que institui no Calendário Oficial do Município a Encenação da Paixão de Cristo. Fiz isso em reconhecimento a tudo o que a encenação me proporcionou, ou seja, meu desenvolvimento profissional e enquanto pessoa, os amigos que fiz... Nunca me esqueci das minhas origens, das pessoas que me ajudaram. Uma dessas pessoas foi o Lúcio Ialongo, meu grande amigo de saudosa memória. Foi ele quem me incentivou a ser radialista. Ele, inclusive, me matriculou no curso de radialista do SENAC. Como esquecer isso?!

Acervo IncenaBrasil/COTAC



AGUINALDO ARAÚJO (AO CENTRO) NO PAPEL DE CAIFÁS (AO LADO, O CÔNEGO ANTONIO PEDRON). DÉCADA DE 1970

Aproveito para agradecer também a família Farah, a Carla que assumiu a encenação, ao meu amigo Neco, que era o nosso diretor e incentivador, ao Hélio Teobaldo, ao Zito que é meu amigo de infância e de adolescência. Eu só queria deixar isso registrado.

4. Alex Farah

Foto Dilson S. Mato Grosso



O início dessa História já foi contado por meus colegas, mas, como vocês sabem, tudo começou na casa do meu pai. Depois daquela reunião com o Cônego Antonio Pedron, os trabalhos para realização da Paixão de Cristo em Cubatão foram iniciados.

Uma das primeiras providências adotadas foi uma visita que o Cônego Antonio Pedron, o Inácio, o Chapéu de couro e o José Carlos Cruz fizeram a um padre de São Miguel Paulista De lá, trouxeram um texto que serviu de base para o Padre Pedron escrever o primeiro script.

Começaram então os ensaios. O Inácio era o Diretor Artístico. Foi ele quem convidou o Reginaldo para interpretar o Cristo. As inscrições eram na Igreja Matriz e na loja do meu pai. As primeiras roupas nós buscamos com um veículo cedido pela Cosipa. Fomos buscá-las na Casa Teatral, em São Paulo. Como haviam sido usadas no desfile das Escolas de Samba, chegaram todas amassadas e impregnadas de confetes. Foi assim que, com muita dificuldade, começamos a fazer as primeiras apresentações. Os ensaios eram feitos na casa paroquial e a apresentação na Nove de Abril.

Para conseguir recursos, nós realizávamos quermesses e exibição de filmes no Cine Santa Rosa. Numa ocasião, o Chapéu de Couro foi sozinho a São Paulo buscar várias latas contendo os filmes a serem exibidos.

Recordo-me de um fato inusitado: numa das primeiras encenações, nós combinamos com um pipoqueiro para que ele guardasse a coroa de espinhos e no momento da flagelação de Cristo, pegaríamos de volta. Mas, quando fomos buscá-la, o pipoqueiro havia desaparecido. Só conseguimos encontrá-lo depois de muita procura.

Acervo Hélio Teobaldo da Silva



Cristo orando com seus discípulos (1976)

A Prefeitura sempre ajudou, mas teve um ano em que não conseguimos fazer a apresentação na cidade porque o prefeito não quis mandar fazer os palanques oferecendo caminhões para servirem de palcos. Como a proposta não foi aceita pelo Cotac, o Padre Pedron, que na época era pároco

em São Vicente, nos convidou para apresentar a Paixão de Cristo lá.

Minha família tinha um relacionamento muito bom com o Padre Pedron, colaborávamos com a Igreja, fazíamos leituras na missa. Eu me dediquei muito a Igreja Católica. As pessoas que faziam a Paixão, na época, faziam mais pela religião do que pelo teatro.

O Sorinho, que também foi nosso diretor artístico, era muito ligado à Igreja. Éramos um grupo de amadores, o único que tinha experiência em teatro era o Reginaldo. Na encenação, eu interpretei o apóstolo João durante oito anos e depois interpretei o Judas Iscariotes.

Gostaria de citar a colaboração do jornalista Maneco, do Jornal A Tribuna, pois sempre nos atendeu muito bem e acompanhou as apresentações. É interessante registrar o carinho que ele teve com a Paixão de Cristo nesses anos todos, o repórter que mais tempo trabalhou em Cubatão.

5. Arlindo Ferreira

Foto Dilson S. Mato Grosso



Eu nunca participei da encenação, mas sempre procurei colaborar como podia. O que sempre gostei de fazer foi registrar os causos da cidade. Escrevi dois livros narrando estas histórias. No livro Causos Cubatenses, existem duas histórias sobre a Paixão:

Ajudante Enrolado: escalaram Paulão para representar Simão Cirineu em uma das peças da Paixão, do Cotac. Cirineu é aquele cidadão que, compadecido do sacrifício de Cristo ao carregar a cruz, tenta ajudá-lo. Deram ao Paulão um feixe de lenha, para melhor brilhantismo do seu personagem. Como o Cristo (Reginaldo Ramos) ia demorar aproximadamente 60 minutos até o local onde deveria ser ajudado por Simão, Paulão, já caracterizado, escondeu seu feixe de lenha pesado atrás do muro do terreno, onde hoje está o prédio da Caixa Econômica Federal, na Avenida Nove de Abril. No momento de entrar em ação, Paulão foi buscar seu feixe de lenha e não o encontrou, pois, por brincadeira, Jurandir Silva, o Manga, tirou do lugar. Procura daqui e de lá, o tempo passou e Cristo passou direto, sem ajuda de Simão Cirineu.

Parecia Milagre: retornando de Santos em um ônibus fretado, os componentes do Centro Organizador do Teatro Amador de Cubatão (Cotac), vestidos com os figurinos da peça, após apresentação da Paixão de Cristo no Memorial, tiveram a infelicidade de ver o ônibus quebrar a alguns metros do Forte Apache (apelido dado ao posto da Polícia Rodoviária), na Via Anchieta. Carla Oliveira, que nesse dia representava Maria, mãe de Jesus, saiu às providências para socorrer o veículo. A

recepção dos Vigilantes Rodoviários era toda envidraçada e Carla, pelo vidro, reparou que o único vigilante de plantão estava diligentemente puxando o maior ronco. Escutando o bater no vidro, o rodoviário, católico fervoroso, levou o maior susto. Estava ali diante dos seus olhos, nada mais, nada menos, que Maria, a Mãe de Cristo. Pensando ser uma aparição de Nossa Senhora, não sabia como proceder, de tão emocionado. Para complicar, logo em seguida chegou o Zito, vestindo o manto sagrado, e ainda com a coroa de espinhos na cabeça. Era muito para o pobre soldado: além da Mãe, estava ali também seu Filho Sagrado. Para completar o quadro, foram chegando em seguida Pilatos, Caifás, São Pedro, Judas, Maria Madalena e outros, todos curiosos nas providências do socorro. Esclarecida a confusão, outro ônibus foi chamado, para tranquilidade do rodoviário dorminhoco.

6. Armando Campinas Reis

Foto Dilson S. Mato Grosso



Naquela época, nós não tínhamos muito o que fazer em Cubatão. Uma de minhas diversões era assistir as missas aos domingos. Costumava ir na missa das dez da manhã pois era o horário em que a molecadinha ia, as meninas também iam numa espécie de desfile de moda... Depois, Bar do Farah. Era nosso ponto de encontro.

A comida era muito boa, principalmente o quibe e o charuto que o Aduar fazia. E foi ali onde tudo começou. A convivência com as pessoas era muito boa pois éramos todos amigos. A ideia da Paixão nasceu numa dessas conversas. Tem muitas histórias. Me recordo de uma engraçada envolvendo o Paulão (Paulo Leandro Barros). Ele representava o Cirineu que ajudava Jesus numa de suas quedas e o local onde ele entrava em cena era em frente ao Bar Berimbau (na esquina com a Avenida Joaquim Miguel Couto). E aí ele me chamou para ficar fazendo companhia com ele aguardando a chegada do Reginaldo que representava Cristo. Aí, papo vai, papo vem, tomamos uns aperitivos ... Quando o Paulão percebeu, o Reginaldo já estava caído e procurando a ajuda do prestativo Cirineu que saiu correndo do bar para cumprir seu papel. Sobre o Reginaldo, me lembro bem dele, uma excelente pessoa humana. Enfim, foram bons tempos.

7. Benedito Gomes Ribeiro (Benê)

Foto Dilson S. Mato Grosso



Fui convidado para participar da Paixão de Cristo pelo Raimundo (Chapéu de Couro). Confesso que naquele momento, não era de minha vontade participar da encenação, pois meu foco era outro. Minha experiência teatral não tinha nada a ver com religião e muito menos com uma apresentação de rua. Na época, eu havia tido um AVC e relutei em aceitar o convite. Mas quem já fez teatro sabe muito bem que o teatro é um bichinho que fica lá dentro mexendo com a gente e aí

eu voltei um dia e falei que iria fazer. Nesse tempo, eu trabalhava em uma empreiteira e tinha pouco tempo para assimilar o texto e participar dos ensaios que eram aos domingos. Mas com todos esses problemas, fui fazer o Herodes. Recordo-me da atuação do Reginaldo. Tive com ele uma ótima sintonia.

Nessa época, quem dirigia o espetáculo eram o Inácio e o Hélio Teobaldo e a presidência da Comissão era de algum dos Farahs, porém, nesse ínterim foi eleito o Mario Mello como presidente do Cotac, em 1974.

Em 1976, o Mario Mello questionou a vinda do Reginaldo do Rio de Janeiro para Cubatão, porque ele trabalhava lá e teria que faltar alguns dias no trabalho por conta dos ensaios. Nessa época, já se cogitava a possibilidade de eu dirigir o espetáculo. Foi quando o Mario me fez o convite para dirigir a encenação e formar o elenco. Convidamos o Chico (Francisco Salles de Assis) para fazer o Cristo e trouxemos o Euzébio para o papel de Pilatos, a Maria, a Reinalice, a Janete Farah e o Lúcio Ialonga, que fez o Herodes.

Quando cheguei a Cubatão, tive contato com o pessoal do Centro de Ciências, Letras e Artes de Cubatão, CCLAC. Ali, conheci o Tonho, o Euzébio, o Chico, a Nalva. Esse pessoal tinha muita bagagem e pude contar com eles.

O espetáculo recebia verba da Prefeitura que também construía os palanques. A verba servia também para comprar a indumentária dos personagens. Montávamos um cenário muito bonito e a parte técnica ficava a cargo do Edson “Ceará” e da Nalva e outras pessoas que trabalhavam na parte técnica. Recordo-me de uma matéria muito bonita do Maneco do jornal A Tribuna citando os efeitos especiais que colocamos na peça. Ele chamou esses efeitos de hollywoodianos.

Fiquei na direção por uns dois anos. A minha intenção na Paixão de Cristo era dar um enfoque mais teatral, levar um pouco mais de dramaticidade para as pessoas.

Quanto ao público, este sempre prestigiava as encenações. Havia uma boa divulgação e as inovações chamavam a atenção das pessoas.

8. Carla Vieira

Foto:Alex Laire



Falar dos 50 anos da Paixão de Cristo é um tanto desafiador para quem tem 40 anos de experiência nesta longa jornada. Minha trajetória se deu no ventre da minha mãe, e no ano seguinte estava lá eu no carrinho e passando de colo em colo do elenco. Os anos foram se sucedendo e eu fui crescendo.

Fiz figuração no povo judeu e, com nove anos, fui anjo. Aos 12, fui Claudia, mas porque era bem desenvolvida corporalmente. Aos 16, fui a Maria mais jovem (pausa pra lágrimas, pois me vem uma lembrança muito forte da minha mãe se emocionando no cantinho do palco), depois, fui Maria Madalena até assumir a Presidência do Cotac e passar a ser a Produtora Executiva da encenação.

Com o falecimento da minha mãe, me tornei figurinista por motivos de força maior. E, com tudo que vivi, tenho mistos no meu emocional que, por muitas vezes, me levam a querer desistir. Mas, olho pro lado e vejo o quanto foi árdua a batalha até chegar aqui e o quanto ainda é. Vejo que lidamos com tantas pessoas e o tanto que isso faz bem a elas, então penso: não tenho o direito de acabar com algo tão precioso, mas não é fácil percorrer todos esses anos até aqui, esse é o meu legado e eu vou segui-lo até onde o Universo me permitir, foi essa a herança que minha mãe me deixou e vou fazer meu máximo para cumprir a tarefa mais sublime do mundo, a de levar essa tocante encenação e propagação do amor que ela permite.

Acho importante poder compartilhar essas memórias que tenho guardado há tanto tempo e poder liberar essa história para que todos possam saber o tão quanto é importante a Encenação da Paixão de Cristo, que ela é transformadora, ela resgata, ela renova, ela promove. Essa senhora de 50 anos tem um cunho cultural valiosíssimo. Esses registros tornaram a encenação um marco na cidade de Cubatão, e é gratificante ser testemunha dessa história há 40 anos.

Tenho muita gratidão por todos que participaram, pelos que se foram e os que hoje ainda estão fazendo essa Cultura Mundial acontecer. Em nome da minha família que permaneceu nesta tradição, eu libero o direito de viajar por esse caminho e se apaixonar por essa história, porque é só com amor que temos a condição de cuidarmos uns dos outros.

9. Djalma Bellentani

Foto Dilson S. Mato Grosso



Estávamos numa noite, eu, o Armando, o Adilson, o Paulão, o Aduar e outros amigos no bar do Alfredo conversando, como sempre estávamos, pois naquela época não tínhamos muito mesmo o que fazer. Reuníamos ali para nos divertir. Mas, o Alfredo, nesta ocasião, propôs de fazermos a Paixão de Cristo. Eles (os Farahs) eram muito católicos, frequentavam a igreja. E todos abraçaram a ideia. Não me lembro quem foi exatamente, mas alguém levou a ideia para o padre Pedron que adorou a proposta e na mesma hora marcou a reunião com todos nós para começarmos a trabalhar na peça.

A primeira encenação foi bastante sofrida. A avenida ficou lotada. Foram colocadas cordas para isolar a 9 de Abril e onde não tinha corda a gente ficava segurando o povo para não invadir. Eu mesmo fiquei ao lado de um policial em frente ao hoje Hotel Caravelas tentando segurar a multidão, pois a encenação começava perto da Estação e vinha ao longo da avenida. Embora com todos os problemas e o som improvisado, todo mundo gostou. Foi o Gabrielo Gabrielecki quem fez a locução e ajudou bastante nos primeiros anos.

Procurei colaborar buscando apoio para a encenação. Íamos ao comércio, conseguíamos doações de sanduíches e refrigerantes para os atores. Eu nunca atuei, só ajudei nos bastidores. Inclusive, fiz muitos balancetes para a Comissão ajudando na parte contábil até a fundação do Cotac pelo Mario Mello.

10. Edson Araújo dos Santos (Ceará)

Foto Dilson S. Mato Grosso



Minha participação na encenação da Paixão foi colaborar na equipe do Benê nos anos de 1979 e 1980. Eu atuava no sistema de som e iluminação. Em nosso período, introduzimos o uso de microfone de lapela. Era um desafio ajustar o som e a luz nos vários palcos da avenida.

Alugávamos os equipamentos das empresas Instalsom e Spotlight. A prefeitura arcava com o pagamento desses serviços. Foi uma novidade todo aquele sistema de iluminação com torres. Isso em 1979 e 1980. Usávamos canhões de luz que muita gente achava que eram câmeras da televisão.

Recordo-me da Maria Albertina (Nenê). Ela gostava de colaborar e numa ocasião estava segurando um guarda-chuva para me proteger da chuva enquanto eu ajustava um canhão de luz. Ao tocar com o guarda-chuva no canhão e num fio elétrico, provocou uma descarga elétrica em mim. Foi um grande susto.

11. Euzébio Florêncio da Silva

Foto Dilson S. Mato Grosso



Eu vou começar contando como é que eu cheguei à Paixão de Cristo. Em 1973 ou 1974, se não me falha a memória, nós tínhamos um grupo de teatro chamado TEPOC – Teatro Popular de Cubatão, onde a gente já começava a fazer algumas coisas e nós éramos muito jovens. O Benê, nosso diretor, já tinha uma referência com a

Paixão de Cristo e nos convidou para fazer parte. Eu não fui fazer a Paixão de Cristo por conta da religiosidade, que nem tinha naquele momento, fui sim porque era um tipo de teatro que já me chamava muito a atenção, porque era feito na rua e esse processo de rua levava o povo à catarse, principalmente quando passava o Cristo, quando os atores passavam pelo meio da multidão. Isso me chamava muito a atenção, isso me gerava alguma inquietação.

Eu fazia parte de um grupo e fomos todos participar da Paixão de Cristo, apesar de ser muito jovem para fazer alguns personagens, já que havia uma distância entre a idade do ator e a do personagem. Comecei a fazer Herodes, depois fiz Caifás e Anás e depois eu fiz Pilatos. Esse processo não foi contínuo, pois fazia um ano, dois anos e depois ficava um tempo sem fazer, aí depois voltava.

Acervo Hélio Teobaldo da Silva



O ator no papel de Caifás (1971).

Acho que é um espetáculo muito interessante, que eu gostaria de vê-lo novamente na rua. Particpei no Kartódromo uma única vez e depois em Buri e também no Memorial, tem muita história. Agora, eu penso que a Paixão é um espetáculo que faz parte do calendário da cidade, mas faz parte também da vida das pessoas que participaram. Cinquenta anos não é pouca coisa, as pessoas reciclam, uns vão outros chegam e essa é a coisa

mais importante da Paixão. Eu só percebo agora como observador, que é um espetáculo que perdeu um pouco da sua identidade, porque deixou de ser um teatro de rua. Afastou-se do público. Se eu pudesse sugerir, pediria que ele voltasse a ser de rua. Embora existam outros teatros da Paixão de Cristo como o de Pernambuco, mais cinematográfico, realmente ele já foi feito com outro olhar, um olhar de superprodução, com atores globais. Eu penso que a Paixão de Cristo em Cubatão devia ser teatro de rua, leva muito mais público e tem mais identidade.

12. Evaldo Santana

Foto Dilson S. Mato Grosso



A primeira vez que eu me apresentei na Paixão de Cristo foi em 1973. No começo, participei fazendo figuração no povo judeu. Depois, fiz o carrasco e, por último, o Centurião da Guarda Romana. Gostava muito de participar, principalmente, quando a apresentação era na Avenida Nove de Abril. Trabalhei por 10 anos seguidos, depois dei uma parada porque mudei para o

Rio de Janeiro, onde fiquei por seis anos e depois disso vinha mais para assistir e para dar uma força junto com as meninas da montagem. Agora é que eu estou voltando a me apresentar na edição dos 50 anos.

Sobre Lúcio Ialongo: falar do Lúcio para mim é covardia, pois sempre estivemos no teatro. Juntos, fizemos algumas peças: “Pluft, o Fantasminha Camarada” e o “O Boi e o Burro a Caminho de Belém”, ambas de Maria Clara Machado, além de outras. Foi ele quem me levou para a Paixão de Cristo. Ele foi um excelente ator. O Lúcio foi presidente do Cotac

e eu fui seu assessor, aí depois entrou Agenor de Camargo. Naquela época, fazíamos a Paixão de Cristo com poucos recursos, a gente corria atrás de patrocínio. O comércio participava, a população de Cubatão participava, eles gostavam de nos ver representando, a gente não fazia nada por dinheiro, era tudo conseguido na camaradagem, de graça e na boa vontade de querer apresentar o espetáculo.



O ator no papel de Centurião

Divulgação

Importância da Encenação: eu era uma pessoa um pouco inibida, mas depois que o Lúcio me levou para a Paixão de Cristo comecei a me desenvolver mais no teatro. Então para mim foi muito importante e para Cubatão isso era um fato histórico. Todos esperavam a Paixão de Cristo acontecer, era de praxe. E a avenida enchia de gente, os comerciantes adoravam, trazia muitos turistas e vinham ônibus de fora para assistir.

Tenho que parabenizar a Carla e o pessoal que continuou com esse trabalho. É por conta deles que a Paixão não acabou e está comemorando os seus 50 anos, e foi uma coisa que começou lá atrás, com pessoas que simplesmente amavam o teatro e queriam fazer a Paixão de Cristo.

13. Gabriel Muglia

Fotografia do Autor



06 de abril de 2012, Jesus ressuscita. Uma música evocando esperança toca e ecoa por Cubatão. Crianças, simbolizando anjos, avançam do palco no ponto mais alto do terreno em direção ao público, brincam e oferecem ao público – cerca de 3.000 pessoas - sorrisos puros, inocentes e gratuitos, selando a 43ª Encenação da Paixão de Cristo de Cubatão.

As cortinas não se fecham, não há cortinas. Eu, suado e preenchido – surpreendentemente cheio de energia após estar por 2 horas e 15 minutos em cena – converso com Juliana de Sousa, artista envolvida e envolvente, figura fundamental no movimento de resistência e manutenção da tradição do espetáculo.

Comentávamos sobre a energia surreal que permeia o espetáculo e envolve a todos – artistas e público -- e sobre a sensação indescritível de interpretar Jesus Cristo, quando fui avisado de que havia pessoas do público querendo falar comigo. Peço licença e sigo em direção à arquibancada.

Avisto o aglomerado de senhoras ansiosas e emocionadas olhando em minha direção. Arrepiei-me todo, dos pés à cabeça, por estar diante da dimensão de comunicação que o espetáculo tem com o seu público e da minha responsabilidade e representatividade ao interpretar o personagem Jesus.

Aproximo-me e agradeço a presença de todas, mas, antes que consiga terminar, uma delas avança em minha direção e me dá um abraço. Fico sem reação, paralisado, porém, logo me entrego ao carinho.

Consigo sentir na pele, neste exato momento em que escrevo, a sen-

sação daquele abraço fraterno e sincero. Passado um tempo - daqueles que não se conta no relógio - e desfeito o abraço, a senhora segura em minhas mãos e pede a minha bênção.

Ela olhava no fundo dos meus olhos esperando pela bênção, envergonhado pela demora e sem saber bem o que fazer, fiz o que fiz, olhando nos olhos dela e meio confuso disse: “bênção”. “Porque fiz aquilo?”, me perguntei.

Uma segunda senhora também veio, me deu um abraço e pediu a minha bênção. Pensamentos me atravessaram, mas antes que conseguisse expressá-los, percebi a presença da “primeira” senhora ao meu lado, elas deveriam ser amigas e eu não tinha como dar a “bênção” a uma e não dar à outra. Deia bênção.

Veio a terceira senhora e pediu a minha bênção, não consegui me conter, pedi desculpas e disse que não poderia fazê-lo. Expliquei que eu era somente um ator que havia interpretado Jesus Cristo e que não me sentia à vontade em dar a “bênção” a elas, embora estivesse extremamente tocado com o carinho recebido.

Agradei, porém, uma das senhoras me interrompeu e disse: “Sabemos que você não é Jesus Cristo, mas ele te abençoou e você o representou tão bem! Você não é Jesus Cristo, mas tem a luz. Você pode nos abençoar, pois Ele nos abençoa através de ti”. Fiquei ali perplexo.

As mãos dela ainda estavam entrelaçadas às minhas, olhei no fundo de seus olhos e disse: “bênção, vá em paz”.

Como ator, participei de quatro edições da Encenação de Cubatão. Nessas experiências, interpretei João Batista (2010 e 2011) e Jesus Cristo (2012 e 2017), duas vezes cada personagem, de maneira muito intensa.

Interpretá-los foram experiências das mais fortes que já tive como ator. Quando interpretamos, nos envolvemos profundamente com uma gama de sensações, sentimentos, pensamentos, ideias, angústias, alegrias, êxtases, dúvidas, certezas, sonhos, frustrações, medos e motivações que permeiam os personagens e, por isso, costumamos dizer por analogia que “vivemos o personagem”.

Para mim, os quatro pilares principais de meu ofício são: a paixão em contar histórias, a responsabilidade sócio-política, a relação com o outro e a fé cênica, que, resumidamente, significa acreditar nos personagens, nas situações vividas por eles e nas relações que eles estabelecem. Sem este credo é impossível que o ator consiga fazer alguém acreditar nele. O primeiro a acreditar na história a ser contada deve ser o artista.

Quem foi Jesus Cristo? Essa foi a primeira pergunta que me fiz quando fui convidado a interpretá-lo. O que seria Jesus Cristo sem sua paixão em con-



Foto Maurice Pirrote (gentilmente por Gabriel Muglia)

O Cristo Sofredor (2017)

tar histórias? Era através de célebres parábolas que ele ensinava. O que seria Jesus Cristo sem sua responsabilidade sócio-política e suas relações com os outros? Jesus amou o próximo, ele tocou os intocáveis, atores sociais marginalizados: pobres, mendigos, deficientes, leprosos, prostitutas, entre outros. Lutou por direitos, deu protagonismo a eles e desbravou uma revolução espiritual na qual todos aos olhos de Deus tinham o direito de se sentir pertencentes, todos humanos portadores de qualidades e defeitos. O que seria Jesus Cristo sem sua fé? Aos trinta anos, ele decidiu ir para o deserto para, através do isolamento, conversar com Deus e o Diabo e fortificar a sua fé para então ir para os palcos da vida propagar seus ensinamentos, seu amor, sua verdade.

Identifiquei-me com o personagem ao relacionar a prática de Jesus às minhas ao realizar meu trabalho como ator. Ao estudar a texto da encenação, a bíblia, e após alguns ensaios, pude chegar às conclusões citadas acima, e foi quando entendi que as práticas de Jesus não estavam tão distantes das práticas que eu busco como ator, e foi nisso que me apoiei para construção deste personagem.

As cenas com manifestações de alegria de Jesus chamaram muita atenção e foi recebida como elogiosa a matéria veiculada pela imprensa de Cubatão cujo título dizia: “Jesus sorri.”. Por que não? Por que tornar Jesus um ser mítico distante de nós? Segundo a mitologia Católica, Jesus, filho de Deus, veio a Terra para experimentar a vida humana e compartilhar seus ensinamentos.

Gosto de pensar que Ele veio para nos entender “por dentro”. Isso implica em experimentar toda a complexa gama de “humanidades” que compõem as nossas vidas. Jesus chora, sofre? Sim, mas Jesus se diverte, ama, sorri, caso contrário, não nos identificaríamos com ele. Ele não seria um de nós.

Não posso terminar este texto sem agradecer e parabenizar outras duas figuras centrais na luta de resistência da tradição das Paixões na cidade de Cubatão: Carla de Oliveira, descendente de uma das fundadoras da tradição e Neco Messias, que há 50 anos participa do movimento artístico que fundou a Paixão de Cristo de Cubatão.

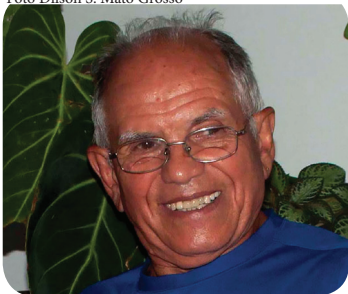


Cristo Crucificado (2017)

Foto Maurice Proite (gentilmente por Gabriel Mughlia)

14. Hélio Teobaldo da Silva

Foto Dilson S. Mato Grosso



Quando comecei a participar da Paixão de Cristo, eu já atuava no teatro. Trabalhei com o Dr. Lamuel Camargo Martins, um dos precursores do teatro em Cubatão. Nós tínhamos sido os vencedores de um festival com a peça A Bruxinha que Era Boa, da Maria Clara Machado²⁷ em 1969. Com isso, nosso

grupo ficou em evidência. Em 1970, vencemos com a peça Saltimbancos, e em 1971, com Emília No País das Maravilhas. Tive grandes professores no teatro, tendo estudado com Serafim Gonzalez, Natalia Timberg, Ziembinski e Ednor Messias.

O Antonio Inácio Ferreira, que foi o diretor artístico do espetáculo, foi quem nos convidou para atuar na peça. Reuníamos lá na loja do Farah.

Os ensaios aconteciam na Igreja Matriz. Era tudo providenciado por nós mesmos, até íamos à mata para apanhar bambu. Lembro-me de ter ido a São Paulo alugar toda a indumentária para o espetáculo. Depois, a Marielene, mãe da Carla Vieira, começou a costurar os figurinos. Aos poucos, fomos melhorando o guarda-roupa, conseguimos um terreno onde construímos uma sede para a guarda de todo o material. E assim, fomos crescendo.

Recordo-me do Cônego Antonio Pedron. Ele era uma pessoa muito amiga. Jogava bola com a gente. Nunca perdia a paciência. Nos ensaios, nos incentivava muito. O primeiro script foi escrito por ele. No segundo, eu pesquisei e escrevi. Neste período eu estava me preparando para ir para a faculdade.



Carrascos interpretados por Hélio Teobaldo e Lúcio Jalongo (1980)

Uma das dificuldades dos primeiros espetáculos foi com uma parte do elenco que não sabia ler. Eu tinha que fazer a leitura dos textos várias vezes para a pessoa decorar sua fala. Mas, no fim, tudo dava certo.

Na encenação eu fiz o mau ladrão e o carrasco e gostava muito. Também fui diretor por muitos anos. Participei da encenação até 2009, na 40ª edição.

²⁷ MARIA CLARA MACHADO (Belo Horizonte, 3 de abril de 1921 – 30 de abril de 2001) foi uma escritora e dramaturga brasileira, autora de famosas peças infantis e fundadora do Tablado, escola de teatro do Rio de Janeiro. Filha de Aníbal Machado, escritor, futebolista, professor e homem do teatro brasileiro.

15. Janete Farah

Foto Dilson S. Mato Grosso



Jamais me esqueceria dos personagens que interpretei. Comecei como cantora – coisa que eu gosto de fazer! Por isso fui atuar no coral da encenação que era composto por várias senhoras. Entoávamos as músicas durante a Via Sacra. Esse coral era preparado exclusivamente para a apresentação da Paixão de Cristo.

Depois do Coral atuei no papel de Nossa Senhora – uma das personagens que mais me marcou. Foram momentos bastante significativos para mim, porque é uma personagem muito forte. A presença de Maria na Paixão é realmente muito forte!

Mas, outra personagem que também me marcou foi Maria Madalena. Sentia uma grande emoção em fazer a personagem. Naquele momento em que eu chegava próximo a cruz, indo ao encontro do Cristo, a emoção era incontestável e eu desabava em choro. As pessoas que estavam próximas, participando ou assistindo, ficavam igualmente muito emocionadas.

Em 1979 eu deixei de participar, pois estava me preparando para o meu casamento. Mas o Drama da Paixão realmente marcou muito. Naquela época, sob a orientação do Cônego Antonio Pedron, a encenação era muito fiel ao Evangelho. As pessoas participavam mais pela espiritualidade da peça do que pela parte artística, do teatro. Porém, já havia pessoas ligadas ao teatro que ajudaram a muito. Por exemplo, o Benê, o Reginaldo, o Hélio Teobaldo, nunca me esqueço deles.

Recordo-me de alguns fatos curiosos: nas cenas da flagelação geralmente era usado sangue artificial, mas meu irmão, o Alfredo Farah, que gostava de efeitos especiais, preparava anteriormente o corpo do ator que representava o Cristo deixando-o todo marcado com sangue e as marcas do chicote. Isso deixava as pessoas tão impressionadas com o realismo da cena, que queriam bater no carrasco.

Uma das pessoas que me recordo muito é a Marilene, a mãe da Carla. Ela fazia de tudo! Uma pessoa maravilhosa! Preocupava-se com todos os detalhes da peça, com o figurino, enfim, com tudo. Também me recordo do Lúcio (Ialonga) no papel de Herodes – ele tinha uma garra!

16. José Augusto Silvério – Zito

Fotografia do Autor



Minha vida no teatro começou em 1969. Nessa época, eu participava de um grupo na Vila Nova – o Gruta – Grupo Universal de Teatro Amador. O Aguinaldo Araújo participava comigo. Também o Dr. Lamuel e a esposa dele, a Valquíria, ajudaram muito.

Foi nessa época que me inscrevi para participar da Paixão de Cristo. Eu costumava cantar em quermesses e trabalhava no Senai que era mantido pela refinaria mas estava afastado por um problema de saúde que já vou revelar.

No final de 1969 me juntei ao Chapéu de Couro (José Raimundo de Carvalho), ao Inácio da Banca e aos Farahs para os primeiros ensaios da encenação. Como estava na moda a Jovem Guarda e eu já mantinha os cabelos compridos, fui cotado para ser o Cristo. Mas eles perceberam que talvez eu não aguentasse carregar a cruz! E eles tinham razão: na verdade eu estava afastado do trabalho por estar com tuberculose. Poucas pessoas sabem disso. Sofri bastante – tomava muitos remédios. E, nessa época, tive muitas desavenças com meu pai e até saí de casa.

Só não fui internado em Campos do Jordão porque fugi. Não queria abandonar os estudos. Tratei-me em casa mesmo. Mas, voltando a Paixão, eu realmente não aguentaria fazer o Cristo mesmo. Fui fazer o papel do apóstolo Tiago e depois o Bom Ladrão.

Em 1977, em cima da hora, me convidaram para ser o Cristo, pois o Chico (Francisco Salles de Assis) não podia fazer. Passei dias e noites com o texto na mão. Nesta época, eu já estava curado graças a Deus.

Poucas pessoas conhecem essa minha história de quase menino de rua e tuberculoso. Quando sai de casa, meu pai disse que eu iria morrer. Mas eu disse que não. No final, me reconciliei com ele e fomos grandes amigos. Tenho por ele uma imensa admiração. Era Deus no céu e meu pai na Terra – mas foi uma fase difícil.

Na Paixão, nunca recebi nada embora tivesse minhas dificuldades financeiras. Nunca achei certo cobrar nada. Quantas vezes na cruz, olhando o pessoal embaixo gritando “crucifica-o, crucifica-o”, eu chorei só de pensar no sofrimento de Jesus. Fazer o papel de Cristo para mim me deu tanta coisa boa, que se eu cobrasse para fazer, eu não teria recebido.

Uma vez, estava com meu filho participando de um jogo de futebol em Caconde, aqui perto de minha cidade (Santa Rita do Passa Quatro). Lá, encontrei uma pessoa que me olhou e perguntou: você não fez o papel de Cristo? Respondi afirmativamente e ele me disse: você mudou a minha vida! Então ele me contou sua história. Disse que era caminhoneiro e uma vez foi descarregar na Ultrafértil justamente numa Sexta-Feira Santa. Estava irritado pensando em se embriagar assim que

concluísse seu trabalho. Disse que maltratava a esposa e filhos. Mas, quando chegou a Cubatão, viu as luzes do Parque do Trabalhador, encostou o caminhão e acabou assistindo à encenação. Inclusive me viu passando por ele enquanto carregava a cruz e me acenou. Disse até que eu o olhei. Foi o último a deixar o local e fez a seguinte reflexão: “tenho meu trabalho, o caminhão está pago, tenho mulher e filhos maravilhosos e não sei reconhecer o que Deus me deu. Cristo sofreu tanto por nós”

Na boleia do caminhão, se ajoelhou e rezou e sua vida mudou! Fiquei muito feliz com seu depoimento. São muitas histórias como essa.

Quando me aposentei eu retornei para Santa Rita do Passa Quatro, a terra dos meus pais. Quis retornar às minhas origens e descobrir minha história. Estou aqui ao lado do Padre Donizete! Tenho um programa de rádio pela Internet e todos os dias o programa se inicia com a Bênção do Padre Donizete que hoje é Beato. Inclusive foi ele quem celebrou o casamento de meus pais que durou a vida inteira.

Mas retornando a Paixão, um fato curioso que não sei se as pessoas sabem é que a intenção da turma que se reuniu lá na casa dos Farahs era mesmo criar uma escola de samba, não era bem fazer a Paixão de Cristo. Como os Farahs não eram bons de samba e queriam fazer uma coisa grandiosa, escolheram fazer a Paixão. Foi a melhor escolha! A Paixão agrega muito mais as pessoas – das crianças aos idosos. Tem espaço para todos na Paixão.

O que eu realmente desejo neste ano em que comemoramos os cinquenta anos da encenação é que essa juventude dê continuidade e levem essa mensagem de amor. Que tenham isso como uma missão. Quantas pessoas que estiveram comigo já se foram. Essa história precisa continuar. A gente sabe que nem todos leem a Bíblia ou frequentam igrejas. A encenação da Paixão desperta as pessoas, toca no coração, é um espetáculo verdadeiro. Então, gostaria que essa juventude que nos substitui, leve essa mensagem, mas que seja uma mensagem autêntica, original e que ponham amor para fazer isso.



Cristo em Agonia no Jd das Oliveiras (1980)

17. Lourimar da Silva Vieira

Foto Dilson S. Mato Grosso



Fevereiro de 1981, começo do ano letivo na escola João Ramalho. Eu estava iniciando a sétima série. Recordo-me da visita, numa sexta-feira, do Lúcio Ialongo convidando aos alunos para participar da encenação da Paixão de Cristo.

O convite me deixou muito empolgado. Voltei para casa numa ansiedade que não me permitiu dormir, aguardando o horário do ensaio no dia seguinte. Fui um dos primeiros a chegar. O ensaio foi na escola Bernardo José

Maria de Lorena, na Vila Nova. Lembro-me do Hélio Teobaldo que dirigia a peça. Ele me escalou para fazer parte do povo judeu, como figurante mesmo. Mas pra mim era ser ator, eu fiquei tão empolgado com isso, que falava que já era ator, as pessoas vinham conversar e eu falava que era ator, eu achei muito importante pra mim.

A Paixão de Cristo me despertou para o teatro!

Depois fui para Santos fazer teatro na Cadeia Velha, na Praça dos Andradas, pois em Cubatão naquele tempo, não havia nenhuma iniciativa de formação teatral. É o começo de minha história. Fiquei lá até 1986, quando atuei na montagem da peça Bailei na Curva.

Junto com o Luiz Carlos Gomes, fundamos o grupo teatral Magia da Cidade, onde atuamos até o ano de 1996, quando, finalmente, fundei o Teatro do Kaos.



O ator interpretando o Demônio (2010)

SFCOM/PMC – Foto Dilson S. Mato Grosso

Sobre o Jubileu de Ouro da Paixão de Cristo, ficamos muito felizes em ver um grupo manter acesa essa chama por meio século. Desejo que cada vez mais se desenvolvam e tenham mais apoio, que todos se envolvam pra que se resgate sua grandiosidade. Sou suspeito, mas o homem consegue se enxergar, se entender e pensar o futuro através da arte. Eu falo que o teatro é o único aliado que a humanidade tem. A televisão está aí pra vender, a preocupação dela é o mercado e o consumo. O teatro não. O teatro é revolucionário e transformador. A humanidade estaria muito pior se não houvesse o teatro, a arte, a música. O que seria da vida das pessoas sem a música? Imagina que tédio. A mesma coisa se daria sem o teatro.

18. Lúcia Oliver

Foto Dilson S. Mato Grosso



Em 1970, eu estava começando no teatro, era ainda uma adolescente. Quando soube da encenação da Paixão de Cristo, fiquei muito empolgada e quis participar. Fui fazer o papel de piedosa e achava aquilo maravilhoso! Chorei muito! Afinal, eu era uma menina, e pensava: “mas eu sou tão jovem para fazer o papel de piedosa” eu tinha esse tamanho todo, jogavam aquele pano em cima de você, ninguém dizia que você tinha a idade que tem e você tinha que chorar. Eu pensava: “como vou fazer pra chorar?” Mas na hora você se envolve com a história e acaba chorando mesmo e foi um negócio maravilhoso.

Recordo-me quando ensaiei para fazer a mulher de Pilatos, mas a apenas duas semanas da encenação, a atriz que estava com o papel voltou e fiquei de fora. Eu fiquei muito brava e não quis atuar. Mas acabei fazendo outros papéis, pois o teatro já começou mesmo a tomar conta da minha vida. Com apenas 15 anos fiz um espetáculo amador, bem mais arrojado, com produção e tudo mais. Depois disso eu não parei mais.

Em 1996, a Izilda me convidou para ser a assistente dela na direção da encenação. Depois dirigi o espetáculo por duas vezes.

Uma inovação que fizemos foi acabar com o microfone e começar a gravar as falas em estúdio

que tiveram início em 2005 ou 2006. Isso aconteceu graças ao Lúcio Ialongo. Na época, teve muita resistência, mas hoje todo mundo compreende que ganha qualidade e visibilidade, você pode trabalhar melhor, os atores ficam mais livres.

A encenação arregimenta muita gente, porque tem muita gente que vai lá pela primeira vez e tem muita gente que até hoje só faz Paixão de Cristo.

Torço para que a encenação tenha mais apoio, que as pessoas possam abraçar a cultura, que compreendam que isso é um trabalho de cultura, de arte. Falta isso em nossa cidade. Precisamos de espaço, de apoio, de recursos. Caso contrário, ficamos de mãos atadas, todo mundo sofre: produção e atores.

Que todos possam ver a encenação como um trabalho que não pode parar.



A atriz no papel de Maria ampara o filho morto (Pietà). 2019

Arquivo IncenraBrasil - Foto Julimar Gomes

19. Luiz Campos

Fotografia do Autor



A minha aproximação na Encenação de Cubatão, se deu quando convidei a querida e competente Juliana Sousa, para criar a luz do espetáculo “A Oração” de Fernando Arrabal da companhia “Los Puercos”, na capital paulista e na qual estou inserido até hoje, aquele ano era 2016. Nós já nos conhecíamos, pois fizemos um trabalho lindo no ano de 2009 que se iniciou em Santos e percorreu outras cidades da Baixada Santista, que foi o espetáculo “Fando&Lis”.

Depois em 2017, com essa nossa reaproximação, a Juliana é convidada para ser a diretora geral da Encenação da Paixão de Cristo de Cubatão. Ela então me convida, para que eu fizesse uma pequena participação como um dos apóstolos do espetáculo. Naquele ano, tive o prazer de conhecer aquela magia de perto.

Foi um reencontro com as minhas raízes, com artistas da região, com a população de Cubatão, conhecendo de perto aquele trabalho gigantesco. Me encantei! Além de ser dirigido pela Juliana, tive um reencontro lindo com a sua assistente de direção, Emmanuela Alves, pois protagonizávamos juntos o espetáculo “Fando&Lis”, estava literalmente em casa.



Cristo carregando a cruz (2018)

Ali também pude conhecer as queridas e guerreiras Carla e Rose, as que arregaçam as mangas e fazem tudo acontecer. Foi um ano muito feliz, pois tive o prazer do reencontro e de fazer pela primeira vez um espetáculo bíblico da história de Jesus de Nazaré.

No mesmo ano, um pouco após a realização da Encenação de 2017, recebo o convite da Carla Vieira, para protagonizar o papel de Jesus no ano seguinte. Confesso que foi uma mistura de felicidade

com receio, pois independente da religião, o artista que é escalado para realizar um papel como este, sabe da responsabilidade e da grandeza que ele carrega. Foi um ano de preparação, parei de cortar o cabelo, a barba apenas dava leves toques para apará-la, e comecei a recorrer a obras cinematográficas, para observar o que já se tinham feito.

Fazer o papel de Jesus foi, sem dúvidas, um dos melhores presentes e desafios que pude ter em minha carreira. Tive a sorte de estar rodeado de pessoas incríveis, como a diretora Cibelle Piacentini.

A Paixão de Cristo de Cubatão é um dos principais fomentadores do fazer teatral da Baixada Santista, e já se consolidou como um tradicional e resistente evento, assim como o FESTA, Festival Santista de Teatro e o próprio FESCETE, Festival de Cenas Teatrais. A encenação não é apenas um espetáculo a céu aberto, mas sim um espaço, dos poucos, onde podemos colocar em prática essa arte milenar que é o teatro e que resiste e insiste no seu tempo.

20. Manoel Messias Alves Santos, “Neco”

Foto Dilson S. Mato Grosso



Minha primeira participação na encenação foi atuar como figurante durante três anos, depois fui ser escravo de Herodes por três anos, na época em que o Lúcio Ialongo fazia o papel do rei. Depois, fui atuar como Guarda Romano. Em seguida, Caifás, Anás, e o Centurião. Hoje, eu estou mais na manutenção do espetáculo, mas se precisar que eu atue, eu atuo. Participo desde os

meus sete anos de idade. Sou um dos mais antigos, junto com Ramiro Lopes, que é um dos fundadores da Paixão.

Fatos Curiosos: uma vez o Zito estava andando a cavalo e caiu, “quebrando” a perna. Todos nós ficamos preocupados, pois, o que fazer agora? Como arranjar outra pessoa para fazer o Cristo? Mas ele, mesmo sentindo dores, fez a Paixão. Mas, durante a via sacra, a caminho da crucificação, um dos Guardas Romanos, sem querer, pisou na perna dele e, por incrível que pareça, houve um milagre. O osso voltou para o lugar, encaixou! Quando acabou a encenação, nós o levamos ao Pronto Socorro para fazer uma radiografia e o osso estava no lugar. Esse foi o milagre da Paixão.

O COTAC foi um grande incentivador de pessoas que queriam aprender sobre teatro. Foi praticamente uma escola que abriu espaço

para muitos outros atores que hoje têm seus próprios grupos de teatro. O Lourimar, do Teatro do Kaos é um exemplo. Ele aprendeu um pouco com a gente.

Acervo IncenaBrasil/COTAC



Neco (de vermelho) no papel de escravo do rei Herodes vivido por Lúcio Jalongo

Na minha vida, como ator amador, diretor e presidente do grupo, aprendi muito com as pessoas, das mais antigas as mais novas. A gente aprende o que é ser humilde, tratar bem as pessoas, procurando ensinar aos jovens a ter respeito

por uma religião. O nosso intuito é realmente fazer com que os jovens não percam essa essência, que existe um Deus, a respeitar aos pais... É isso o que a gente procura ensinar, respeitar o outro.

Indagado a respeito da longevidade da encenação, Neco responde: Olha, graças a Deus eu sempre tive essa convicção que o grupo chegaria longe, porque vai passando gerações, as pessoas antigas vão saindo e dando espaço para os jovens e os jovens têm que dar continuação. Não sei até quando Deus vai me permitir continuar, mas pelo menos nestes 50 anos, Ele me deu essa oportunidade.

21. Maria Herondina R.A. de Faria (Nina Faria)

Fotografia da Autora



- “Vou ao ensaio do Cotac “ E dona Emília partia alegre, para mais uma participação na Paixão de Cristo.

Nem mesmo a família reunida nos almoços dominicais a detinha. Para ela, era um compromisso obrigatório. Portuguesa adotou Cubatão, aonde chegou em 1955, como o lugar onde sempre viveria.

Após o falecimento do marido, Adelino Antunes de Faria, em 1984, passou a dedicar-se a atividades comunitárias. Sua grande

religiosidade motivou-a a entrar para o grupo da encenação que representava a vida Jesus. Muitas vezes, grandes dificuldades financeiras ameaçavam a apresentação. Recorriam, então, a doações, entre as quais sempre

contavam com dona Emília que envolvia a família nessa tarefa de ajuda ao grupo teatral. Sempre atendendo generosamente

Todos admiravam a persistência dos dirigentes que não mediam esforços para acontecer o espetáculo. Comunidade, indústrias, comércio e prefeitura eram convidados a ajudar. Os próprios atores sempre ajudavam. E assim nunca houve um ano que não houvesse a Encenação da Paixão de Cristo em Cubatão.

Acervo Nina Faria



D. Emília

Não havia quem não se emocionasse com a encenação. Não só o público, mas também os atores. Dona Emília sempre contava que não conseguia segurar as lágrimas, principalmente na cena da Crucificação. Ano após ano, chorava sempre! Por sua colaboração e dedicação ao Cotac, ela foi homenageada em 2003 com uma bonita placa alusiva.

Os ensaios também foram lugar de fazer novas amizades e de grande convivência. Só por um forte motivo deixavam de ir. Assim foi com dona Emília. Dedicou-se com muito amor a esses encontros. Era do grupo de atores que representava quem acompanhava Jesus. Para ela, um orgulho e missão.

Assim foi até sua saúde não mais permitir sua participação. Foram cerca de 30 anos de entrega a este espetáculo que comove e engrandece Cubatão até hoje.

Texto: Maria Celeste Faria Campanholo - filha

Baseado nas memórias de Maria Herondina R. A. de Faria (Nina) - filha

22. Natanael Gomes de Alencar

Foto Dilson S. Mato Grosso



Para mim, participar da encenação foi muito importante, pois nunca havia me apresentado para uma plateia enorme como essa, a céu aberto. Foi uma experiência inesquecível.

A gente começou a sonhar junto com os iniciadores da Paixão de Cristo. Inclusive na construção de uma cidade (cenográfica) que contemplasse o evento, assim como em Nova Jerusalém. Mas

isso nunca foi estimulado. Nós compartilhamos os nossos sonhos com o pessoal que já estava lá na Paixão há muito tempo e nos integramos.

Lembro-me quando substitui o Orlando Curti na narração da peça. Foi muito importante, pois comecei a ver com outros olhos a encenação. Fiz a narração duas vezes. Eu sempre fiquei muito extasiado cada vez que eu participava da Paixão, que não prestava muita atenção. Mas acho que quando fiz a narração, isso me estimulou a pesquisar. Foi a primeira pesquisa que eu iniciei para saber o modo como Cristo teria morrido, detalhando seu sofrimento.

A minha primeira participação foi em 1996. Fui convidado pela Izilda Reis Carlos. Foi ela quem convidou a Lúcia Oliver e me convidou para colaborar com o teatro amador. Aí depois foram se integrando outras pessoas, melhorando cada vez mais o espetáculo. Quando nós entramos, o que mudou, talvez, foi o modo de fazer a Paixão, que eu me lembro de ter ajudado a tornar o texto um pouco mais palatável, porque tinha toda uma linguagem antiga, rebuscada e isso foi bastante importante. O Lúcio Jalongo foi muito importante para gente, sempre nos estimulou. O Nado que participava da Paixão, essas pessoas são muito importantes.

Na Paixão eu já interpretei por três vezes Pilatos e duas vezes Herodes.



Arquivo Incanabrazil - Foto Julimar Gomes

O ator interpretando o governador Pilatos (2019)

23. Ramiro Lopes

Foto Dilson S. Mato Grosso



No começo, a ideia do Alfredo Farah e do pessoal era formar um bloco de carnaval parecido com os Cabeções (da Fabril). Foi o padre Pedron que fez o grupo mudar de ideia e montar a Paixão de Cristo. Ele disse que faria o script e que ajudaria o pessoal a montar a peça.

Comecei a participar da encenação desde o início, quando ainda era a Comissão Organizadora da Paixão e Morte de Cristo. Depois veio o Cotac com o Mario como presidente. Foi ele quem acertou tudo direitinho: fez o estatuto, organizou os sócios e deu o nome para a entidade. Lembro-me que todos ajudavam. As padarias doavam os pães para o lanche e a prefeitura montava os palanques. A gente fazia quermesse, passava filmes no Cine Santa Rosa para arrecadar dinheiro.

Fui presidente do Cotac durante muitos anos e o que realmente marcou mesmo foi quando conversamos com o prefeito Nei Serra e ele nos doou o terreno para a construção da nossa sede social. Foi uma luta muito grande. Lembro-me do Alex, do Neco, do Aroldo, do Marcelo e de vários outros que me ajudaram a construir a nossa sede.

Não posso me esquecer de muita gente que nos ajudaram como a Dona Emília (mãe da Nina da empresa Serra do Mar). Ela ajudou muito o Cotac. Depois com o tempo, precisamos quase que reconstruir a sede, pois começou a estragar as coisas. O Neco e o Nado ajudaram muito e praticamente desmanchamos tudo e começamos tudo de novo. Como eu tinha amizade com o Toninho da Terracom, foi ele quem colaborou bastante doando tudo o que precisávamos de material.

Além da encenação da Paixão de Cristo nós nos apresentamos em Buri, a convite do padre Pedron e também apresentamos a peça do Domingo de Ramos na Paróquia de São Francisco de Assis, na Vila Nova por alguns anos.

Uma coisa que marcou muito foi quando o padre Pedron faleceu. Quando soubemos, consegui um carro na Câmara Municipal e fomos eu, o Ernani e o Neco para Buri nos despedir dele. Chegando lá, fizemos nossa última homenagem. Nós tínhamos que fazer isso!

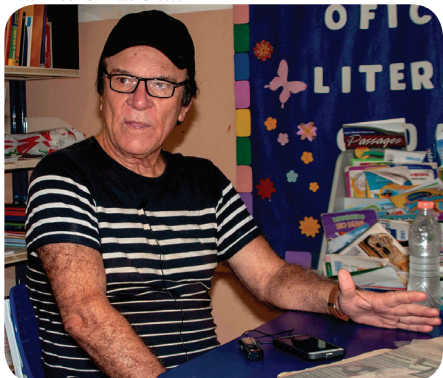


Arquivo Incentivos/COTIAC

O ator interpretando Barrabás (1970)

24. Reginaldo Ramos Martins

Foto Dilson S. Mato Grosso



Foram me pedir para retornar e encenar. Aceitei o desafio e fiz o Cristo mais uma vez.

Recordo-me que, em 1972, fomos fazer a encenação em São Vicente, pois a Prefeitura de Cubatão não tinha dinheiro. O Cônego Antonio Pedron nos convidou então para fazer a encenação na Avenida Presidente Wilson. Ele conseguiu todo o apoio e fomos para lá. Um fato curioso que ocorreu foi que no final da peça, choveu muito. Muitos raios e trovões e eu lá, pendurado na cruz sozinho, pois todos correram. Fiquei com muito medo dos raios, pois era o ponto mais alto na avenida.

Acervo Reginaldo Ramos



Jesus e Sua Mãe (1970)

No décimo e no vigésimo ano, eu fiz Pilatos. Já no vigésimo quinto ano, voltei a fazer o papel de Cristo junto com o Zito. Eu fiz a primeira parte e ele fez a segunda parte, mais pesada. Tanto que isso rendeu um comentário da filhinha do Zito que me disse: Muito bonito! A pior parte fica com meu pai! Mas isso foi um desafio para mim.

Entre o décimo e o vigésimo ano eu não fiquei sem fazer nada. Colaborei fazendo a maquiagem dos apóstolos e dos sacerdotes do Sinédrio. Procurei sempre ajudar.

Minha vida como ator começou um pouco antes de vir para a encenação. Fiz uma participação na novela Beto Rockfeller, na antiga TV

Tupi (Canal 4) ao lado de grandes atores como Luiz Gustavo, Marília Pêra, Walter Foster e Lima Duarte que, aliás, foi quem me convidou para a novela após um pedido de meu irmão que era policial militar em São Paulo. Na Tupi, ainda participei da novela Nino, o Italianinho. Depois, participei do elenco de Selva de Pedra, Assim na Terra Como no Céu e Fogo Sobre Terra na TV Globo.

Apesar de ter trabalhado sucessivamente na encenação, eu aguardava esses 50 anos. Desejava muito estar presente! Foi quando a Carla fez contato comigo. Foi o sinal de que realmente eu deveria estar no elenco. Neste ano, farei o sumo sacerdote Anás.

25 Reinalice Gonçalves

Fotografia da Autora



Participei da Paixão de Cristo em 1976 quando fui convidada pelo Benê, que dirigiu o espetáculo. Para mim, representar Maria num espetáculo de rua foi uma experiência incrível. Conheci pessoas incríveis, algumas se tornaram amigos e outras ficaram como lembranças ternas. Retornei depois no ano de 1980, convidada pelo Tonho e o inesquecível Lúcio Jalongo. Neste ano fiz grandes amigos: o Evaldo Santana e o

Jurandir Jorge Silva, que mais tarde se tornou o amor da minha vida, pois somos casados há 36 anos e temos um casal de filhos maravilhosos: o Raphael e a Nathália.

Espero que vocês tenham muito sucesso e que sempre tenha alguém disposto a não deixar esse lindo espetáculo acabar



Arquivo Hélio Teobaldo da Silva

A atriz no papel de Maria (1976)

26. Vanderlei Abrelli

Fotografia do Autor

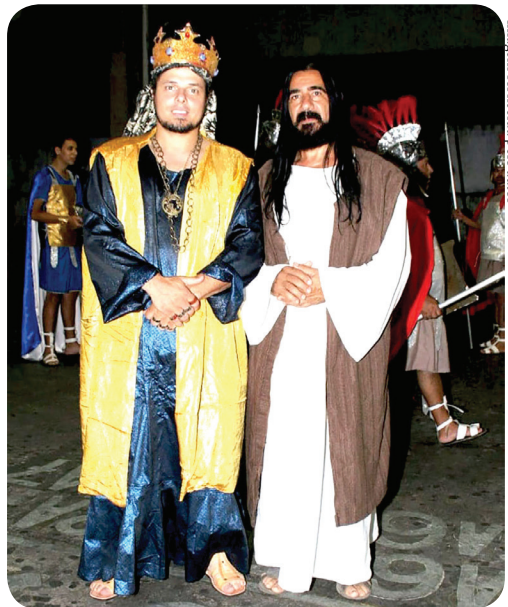


Recordo-me que, desde pequeno, junto com meu pai e alguns familiares íamos assistir a Paixão de Cristo. Primeiro participávamos da Missa e depois, a Encenação. A gente seguia a Procissão, que era ainda, na Avenida 9 de abril. O espetáculo era muito interativo e eu achava engraçado que determinados atores usavam microfones presos em varas. Escapava cada coisa!

Em 1984, morávamos na Vila Parisi, e meu pai conhecia o senhor Agenor Camargo do COTAC. Foi ele quem me fez o convite participar da encenação. Eu era muito tímido e não conhecia ninguém. Mesmo assim aceitei o desafio. Fui muito bem recebido e de cara me deram um personagem com fala: eu fiz um dos homens do Templo “Sinédrio”. Deu tudo certo, falei sem erro, gostei do resultado e a encenação passou a fazer parte de minha vida. Participei em vários anos alternados, vivi personagens variados: fiz o povo, o Rei Herodes, o Governador Pilatos, o Apóstolo Pedro, entre outros. Tive o prazer de assistir e trabalhar com Lúcio Ialongo, nosso eterno Herodes, e o nosso querido Zito, que eu assistia desde pequeno, como Jesus.

Conheci pessoas incríveis e melhorei muito a minha percepção sobre o mundo. O que destaco aqui é o fato de o COTAC ter ajudado em minha capacitação profissional como Artista. Adquiro meu registro profissional, o DRT de Ator contando com as horas que participei na encenação que, comprovadas, serviram de contagem para o documento.

E, para fechar com chave de ouro, nesse ano em que comemoramos os 50 anos da Paixão, fui convidado para fazer o mesmo personagem que fiz 1984, no Sinédrio.



O ator ao lado de Zito (Cristo), nos bastidores da encenação (1984)

Por tudo isso, agradeço a todos que se dedicam à encenação, a essa história, que é a mesma, mas sempre é contada de forma magistralmente diferente!

27. Victor Augusto Lovecchio

Fotografia do Autor



Tinha eu acabado de participar da Encenação da Fundação da Vila de São Vicente, onde emprestei, a pedido do Produtor Musical Flávio Medeiros, minha voz para o personagem “Diabo”, atuando pela primeira vez em espetáculo ao vivo, e qual não foi a minha surpresa, ao ser convidado, logo após e paradoxalmente, a encenar o personagem mais famoso da História humana, nada mais nada menos que Jesus Cristo, de quem sou eterno fã,

na 45ª edição em Cubatão. Uma tremenda honra e responsabilidade.

Não tive dúvidas e aceitei de pronto o convite feito pela Carla, a quem agradeço pela confiança depositada. Mas sabia que seria um enorme desafio, já que trabalho profissionalmente na área jurídica como Procurador da cidade de Cubatão desde 2000, e embora tenha há anos uma Banda de Rock, confesso que encenar não é algo que faça parte do meu domínio. Grata surpresa e satisfação!

Foram meses de ensaios na Igreja matriz local, no CEU e em gravações no Estúdio HM, quando me entreguei de corpo e alma na tarefa, principalmente ao constatar e presenciar, toda vontade e dedicação da população local; dos atores da cidade e de toda equipe de apoio e produção, capitaneada pela Juliana Sousa e Incena Brasil, que não mediram esforços em me incentivar e auxiliar em tudo quanto necessitei em cada um daqueles maravilhosos e inesquecíveis dias que, se exaustivos diante das repetições de atuações e falas, também o foram de uma experiência certamente inesquecível e ímpar na minha vida.

SECOM/PMC



Enfim e creiam, é de arrepiar! Foi na crucificação, ápice da encenação, que me vi chorando feito criança, interpretando, mas também sofrendo na pele toda aquela emoção da História do cara que sofreu pra nos proporcionar a redenção e trazer amor, paz, compaixão, respeito, solidariedade e

carinho que tanto nos falta no dia a dia. Amar ao próximo como a ti mesmo, algo tão óbvio e tão costumeiramente esquecido.

Foi como uma renovação da fé, como estar entre amigos que nem sequer conhecia a acolhida em cada ensaio e no Dia D da apresentação, foi fora de série, fiz e conheci muita gente boa da cidade, coisas assim devem realmente perdurar pela eternidade, pois engrandecem a cidade de Cubatão e a fazem cada vez mais forte e presente entre todos nós e pelo Brasil afora. Parabéns aos apoiadores e a todos que trabalham no Projeto, e muito obrigado eternamente por tal oportunidade. Victor Augusto Lovecchio – que, por um dia, pode viver Jesus Cristo.

28. Vidah Alves

Fotografia do Autor



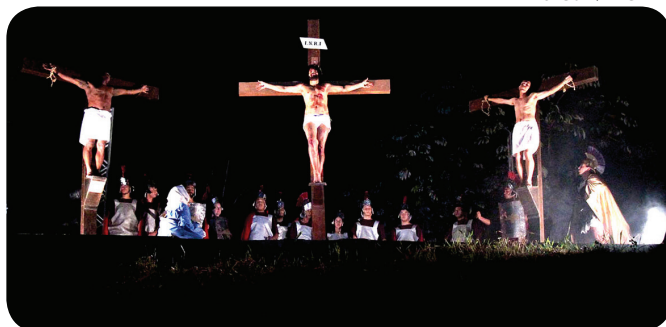
Em 1996, quando pela primeira vez, compareci aos ensaios da Encenação da Paixão de Cristo, produzida pelo COTAC, eu era um jovem ator. Sem qualquer pretensão de atuar no elenco principal. Minha vontade era participar junto com o povo judeu. Seria apenas, mais um, no meio da multidão.

Cheguei ainda muito tímido, sem conhecer absolutamente ninguém. A diretora artística na época era a inesquecível Izilda.

Contudo, a Izilda, ao olhar a minha fisionomia, um garoto cabeludo, de porte franzino e de olhar triste, sem saber ao certo, das minhas (des)qualidades de atuação, me disse resoluta: “-Você vai fazer o Judas Iscariotes “

Sem entender ainda a dimensão do personagem, fiquei tranquilo e feliz. Somente após fazer a leitura do texto, descobri o desafio que me era imposto. Ao reconhecer a carga dramática e antagonista do personagem, fiquei apavorado.

SECOM/PMC



Cristo Crucificado (2015)

Foi aí que entraram em ação, atores experientes e generosos que me ajudaram na construção do personagem: o Alex Farah (antigo Judas) que me passou todas as marcações e expressões da personagem; o inolvidável Zito – José Augusto Silvério me dava “uns toques” cênicos preciosos; a Lucia Oliver e a Izilda, que percebendo as minhas dificuldades em atingir a carga dramática necessária, me trancaram numa sala de aula do colégio Anchieta, e me fizeram gritar e chorar por algumas horas, até chegar no ponto satisfatório desejado (essas pessoas não têm ideia do quanto lhes sou grato e as admiro, e do quanto essas ações foram importantes para o meu crescimento artístico).

Foto Maurice Pirotte (gentilmente por Gabriel Muglia)



O ator no papel de João Batista. 2017

Os textos eram devidamente decorados e ditos ao vivo. Apenas os atores principais utilizavam microfones – no estilo “Silvio Santos” – que eram inclusive, revezados, para quem tinha a vez da fala. Lembro-me que, em Santos, em 1997, após a apresentação, recebi uma chuva de areia da praia

e inúmeros xingamentos do público mais afoito, enquanto outros disputavam uma foto e um abraço com o Cristo (risos). Confesso que isso me causou certa satisfação, pois demonstrava que eu estava no caminho interpretativo certo. A partir do ano 2000 fiz uma longa pausa em minhas participações.

Em 2013, reencontrei a Carla Vieira, que me ajudou a produzir a Encenação do “Encontro da Imagem de Nossa Senhora Aparecida no Rio Cubatão” em parceria com o amigo Padre Carlos de Miranda Alves (ex-paroco da Paróquia Nossa Senhora da Lapa), e dessa parceria, surgiu o convite para retornar à Paixão de Cristo. Em 2014, participei como “Apóstolo Pedro”. Em 2015 e 2016 como Cristo (que foi uma experiência indizível, que recordo sempre com os olhos lacrimejados), sob a direção de Emanuella Alves. Em 2017 e 2018 como João Batista. E neste ano 2019, do Jubileu de ouro da encenação, tenho a grata satisfação de retornar como uns dos “Cristos” ao lado de atores talentosíssimos, como Bruno Fracchia, Alex Cruz, Fabiano Di Melo e Hugo Henrique.

Agradeço à Associação Cultural Incena Brasil, por levar este legado artístico adiante, na minha, tão Amada Cubatão.

EPÍLOGO

Concluída a pesquisa histórica e a sistematização das entrevistas e depoimentos das pessoas envolvidas no processo de construção dos espetáculos ao longo de cinco décadas, algumas evidências saltam aos olhos. A primeira evidência diz respeito ao envolvimento emocional das pessoas, relacionadas à fé e ao desejo de transmitir as mensagens bíblicas ao público presente às encenações. A Paixão de Cristo em Cubatão nasceu de um impulso religioso, de uma proposta de reflexão sobre a fé cristã que um grupo de fiéis e o pároco da Igreja Matriz consideraram importante compartilhar com as pessoas. Neste contexto, o roteiro das encenações sempre esteve exclusivamente atrelado aos textos evangélicos, notadamente ao Evangelho de São João. Nas palavras do Cônego Antonio Pedron, o drama sacro representou uma “abençoada conquista do povo cubatense”.

A segunda evidência diz respeito à experiência teatral, relacionada à produção do espetáculo, aos valores estéticos das artes cênicas que se ocupa com a constante evolução da montagem da peça, da construção dos personagens, dos cenários, da iluminação e da sonorização do evento. Nos últimos anos, a história vem sendo narrada sob a ótica de outros personagens da época e em circunstâncias traçadas em paralelo à história conhecida. Em 2005, por exemplo, o roteiro foi elaborado sob a ótica de Maria de Cleófas; em 2009, a encenação propôs uma leitura a partir de interpretações do próprio texto bíblico referentes ao Juízo Final. Em 2013, o roteiro foi concebido sob a ótica de Maria, a mãe de Jesus Cristo. E, em 2019, o roteiro inspirou-se no filme *Maria Madalena* de Garth Davis (2018) e no livro *#MadalenaSemFiltro* (2018), do jornalista e escritor Rodrigo Alvarez, propondo uma reflexão quanto ao papel da personagem na história e da própria condição da mulher na sociedade atual.

Ambas as evidências podem ser sintetizadas na crônica da jornalista Nair Lacerda, transcrita na íntegra nas primeiras páginas deste livro e também no depoimento do Diretor Artístico da encenação, Benedito Gomes Ribeiro em 1979, em que diz: É um espetáculo que merece ser visto, não só pela *mise-en-scène*, beleza plástica e capacidade de realização de uma pequena comunidade, mas, sobretudo, como manifestação de religiosidade de um povo que, ainda dá ao significado da Paixão a maior importância, nos dias que ocorrem. A afirmação é atual, pois ainda hoje, há aqueles que participam da peça imbuídos de um sentimento religioso e aqueles que procuram desenvolver suas habilidades teatrais participando da encenação.

Nos últimos anos, os organizadores têm procurado oferecer atividades formativas, sempre buscando o aprimoramento das capacidades de atuação dos participantes. Neste ano de 2019, foram oferecidas oficinas de Interpretação, Adereços Cênicos, Fonoaudiologia e de Voz Original. Considerando que atualmente o financiamento das encenações é viabilizado pelas Leis de Incentivos Fiscais, ofertas de atividades como estas se fazem necessárias como contrapartidas a serem apresentadas aos

órgãos concessores.

Por outro lado, mencionei na Introdução que a relevância dessa obra reside no resgate da memória do fazer artístico da cidade por meio da encenação da Paixão de Cristo, numa perspectiva de valorização do patrimônio cultural de Cubatão. Considero esta dimensão muito importante, pois está relacionada às experiências e memórias (coletivas e individuais) de centenas de pessoas da cidade que colaboram no processo formação da identidade cubatense. Como dissemos, Cubatão se destaca no cenário cultural em diversos segmentos artísticos, sendo o teatro um dos elementos mais proeminentes.

Dessa forma, a preservação e divulgação da encenação da Paixão de Cristo são elementos essenciais para o estímulo do sentimento de pertencimento do povo e que, conseqüentemente, assegura nossa identidade cultural. Essa é uma tarefa de responsabilidade de todos.

ANEXOS

DIRETORIAS DO CENTRO ORGANIZADOR DO TEATRO AMADOR DE CUBATÃO – COTAC²⁸

24/05/1974 a 30/05/1976

Presidente: **Mario Rodrigues de Mello**; Vice-Presidente: **José Raimundo de Carvalho (Chapéu de Couro)**; 2º Vice-Presidente: **Deodato Ferreira**; Tesoureiro: **Jamil Farah**; Secretário: **Agenor de Macedo**; Relações Públicas: **Alex Farah**; Diretora de Patrimônio: **Marilene Alves**; Diretor Artístico: **Enélio Martins** (Sorinho); Diretor Assistente: **Benedito Gomes Ribeiro** (Benê); Comunicação Externa: **João Farah** e **Jorge Luiz**; Decoração: **Ramiro Lopes**.

30/05/1976 a 30/05/1978

Presidente: **Mario Rodrigues de Mello**; Vice-Presidente: **Hélio Teobaldo da Silva**; Secretário: **Deodato Ferreira**; Tesoureiro: **Jamil Farah**; Diretor de Patrimônio: **Pedro José Bispo** e **Marilene Alves Santos**; Diretor de Cenário: **Ramiro Lopes**; Relações Públicas: **Alex Farah**; Coordenador Artístico: **Enélio Martins dos Santos**; Diretor Artístico: **Benedito Gomes Ribeiro** e **Helio Teobaldo da Silva**

30/05/1978 a 30/05/1980

Presidente: **Fued Farah**; Vice-Presidente: **José Carlos Cruz**; 2º Vice-Presidente: **Enélio Martins dos Santos**; Secretário: **Alex Farah**; 2º Secretário: **Agenor Antonio de Camargo**; Tesoureiro: **Jamil Farah**; Diretor Cultural: **João Jorge Peralta**.

30/05/1980 a 30/05/1982

Presidente: **Lúcio Jalongo**; Vice-Presidente: **Alex Farah**; 2º Vice-Presidente: **Hélio Teobaldo da Silva**; Secretário: **Carlos Humberto**; 2º Secretário: **José Alves de Menezes**; Tesoureiro: **Enélio Martins dos Santos**; Diretor Social:

²⁸ Fontes de Pesquisa: Textos avulsos do COTAC e Processos Administrativos de Prestação de Contas da Entidade existentes no Serviço de Arquivo da Prefeitura Municipal de Cubatão.

Evaldo Santana e Jurandir Jorge da Silva; Diretora Cultural: **Maria Albertina Pinheiro da Silva e Edna Maria Moura Lemos**; Diretor Guarda-Roupa: **Marilene Alves Santos e José Bispo**

30/05/1982 a 30/05/1984

Presidente: **Agenor Antonio de Camargo**; Vice-Presidente: **Agnaldo Gomes da Silva**; 2º Vice-Presidente: **Carlos Galindo de Espíndola**; Tesoureiro: **Dorival da Silva Barros**; Diretor Cultural: **Cristina Paiva Barbosa**; 1º Secretária: **Noélia Barbosa**; 2º Secretário: **Wilson Veda**.

30/05/1984 a 30/05/1986

Presidente: **Ramiro Lopes**; Vice-Presidente: **Agnaldo Gomes da Silva**; 1º Secretário: **Manoel Messias Alves dos Santos**; 2º Secretário: **Wilson de Moura Pacheco**; Tesoureiro: **José Alves de Menezes**; 2º Tesoureiro: **José Alves Filho**; Diretor Artístico:

30/05/1986 a 30/05/1988

Presidente: **Ramiro Lopes**; Vice-Presidente: **Agnaldo Gomes da Silva**; Secretária: **Izilda de Fátima Reis Carlos**; 2º secretário: **Sergio Serca**; Tesoureiro: **José Alves de Menezes**; 2º Tesoureiro: **Iara de Fátima Santin**; Diretor Artístico: **Hélio Teobaldo da Silva**; Diretora de Patrimônio: **Marli das Graças Lopes**; Diretor Cultural: **Evaldo Santana**; Diretor de Cenário: **Antonio Donizete Ciriaco**; Relações Públicas: **Maria José Santos Pacheco**.

Obs.: no dia 4 de janeiro de 1987, o Sr. Ramiro Lopes solicitou seu afastamento, assumindo então o Vice-Presidente, Agnaldo Gomes da Silva.

30/05/1988 a 30/05/1990

Presidente: **Manoel Messias Alves dos Santos**; Vice-Presidente: **Pedro Ivo Aureliano**; Tesoureira: **Waldice Torreti de Jesus**; 2º Tesoureiro: **Genival Batista dos Santos**; 2ª Secretária: **Neodite Izidoro da Silva**; Diretores de Cenário: **Antonio Alves da Silva e Ernani Patrício da Silva**; Diretores Sociais: **Dayse Silva Mato Grosso e Lúcio Jalongo**; Diretor Artístico: **Agnaldo Gomes da Silva**; Relações Públicas: **Agenor Antonio de Camargo**.

30/05/1990 a 30/05/1992

Presidente: **Agnaldo Gomes da Silva**; Vice-Presidente: **Ernani Patrício da Silva**; Secretária: **Waldice Torreti de Jesus**; 2ª Secretária: **Neodite Izidoro da Silva**; Tesoureiro: **Deodato Ferreira**; 2º Tesoureiro: **Manoel Messias Alves dos Santos**; Relações Públicas: **Alex Farah**; Diretores de Patrimônio: **Marilene Santos de Oliveira e Jairo Camilo do Prado**; Diretores Sociais: **Pedro Alves de Menezes e José Adilson**; Diretores Culturais: **Sergio Serca e Lourival Francisco da Silva**; Diretor Artístico: **Lúcio Jalongo**.

22/11/1992 a 22/11/1994

Presidente: **Pedro Alves de Menezes**; Vice-Presidente: **Deodato Ferreira**; Secretária: **Waldice Torreti de Jesus**; 2ª Secretária: **Neodite Izidoro da Silva**; 1º Tesoureiro: **José Alves de Menezes**; 2º Tesoureiro: **Wilson Veda**; Diretora Social: **Maria Rosangela Bueno de Menezes**; Diretores de Guarda Roupa: **Maria Izabel Pereira e Ernani Patrício da Silva**; Diretores de Patrimônio: **Milton Ramos da Silva e Pedro Ivo Aureliano**; Relações Públicas: **Sergio Serca**; Diretor Artístico: **Agnaldo Gomes da Silva**.

1994 a 1996

Presidente: **Aguinaldo Gomes da Silva**; Vice-Presidente: **Manoel Messias Alves dos Santos**; 1ª Secretária: **Neodite Isidoro da Silva**; 2º Secretário:

José Silveira; 1º Tesoureiro: **Genoval Batista dos Santos**; 2º Tesoureiro: **Manoel Messias Alves dos Santos**; Diretor de Guarda Roupas: **Maria Ferreira**; Diretor Social: **Irma Paluci**; Diretor de Patrimônio: **Ernani Patrício**; Relações Públicas: **Alex Farah**.

1996 a 1998

Presidente: **Alex Farah**; Vice-Presidente: **Manoel Messias Alves dos Santos**; 1ª Secretária: **Alessandra Palucci**; 2ª Secretária: **Carla Luciana dos Santos**; 1º Tesoureiro: **Genoval Batista dos Santos**; 2º Tesoureiro: **Marcelo Theodoro Vieira**; Diretora Cultural: **Amélia Maltez Florêncio**; Diretor de Patrimônio: **Maria Ferreira da Costa**; Diretor Artístico: **Agnaldo Gomes da Silva**.

1998 a 2000

Presidente: **Manoel Messias Alves dos Santos**; Vice-Presidente: **Euclides José Silveira**; 1ª Secretária: **Carla Luciana Santos de Oliveira**; 2ª Secretária: **Sandra Marta Costa**; 1º Tesoureiro: **José Alves Filho**; 2º Tesoureiro: **Euclides José Silveira**; Diretor de Patrimônio: **Carlos Pinto Correa**; Diretor Cultural: **Damião Gonçalves**; Diretor Artístico: **Agnaldo Gomes da Silva**.

2000 a 2002

Presidente: **Ramiro Lopes**; Vice-Presidente: **Pedro Alves de Menezes**; 1ª Secretária: **Waldice Torreti de Jesus Menezes**; 1º Tesoureiro: **Manoel Messias Alves dos Santos**; 2º Tesoureiro: **José Alves Filho**; Diretor Cultural: **Damião Gonçalves**; Diretor Artístico: **Manoel Messias Alves dos Santos**.

2002 a 2004

Presidente: **Ramiro Lopes**; Vice-Presidente: **Maria da Costa Ferreira**; 1ª Secretária: **Maria José Santos Pacheco**; 2ª Secretária: **Carla Luciana Alves dos Santos**; 1º Tesoureiro: **Manoel Messias Alves dos Santos**; 2º Tesoureiro: **Marcelo Vieira dos Reis**; Diretor Artístico: **Agnaldo Gomes da Silva**; Diretor de Patrimônio: **Said Alves dos Santos**; Diretora Cultural: **Carla Luciana Santos Oliveira**.

2004 a 2006

Presidente: **Manoel Messias Alves dos Santos**; Vice-Presidente: **Emília Brígida Rodrigues**; 1ª Secretária: **Maria José Santos Pacheco**; 2ª Secretária: **Maria Vanessa Nunes**; 1º Tesoureiro: **Marcelo Vieira dos Reis**; 2º Tesoureiro: **Ramiro Lopes**; Diretora Artística: **Lúcia Oliver**; Diretor de Patrimônio: **José Alves Filho**; Diretor de Guarda Roupas: **João Cesar Reis Monteiro**; Diretora Social: **Marli das Graças Costa Lopes**; Diretora Cultural: **Carla Luciana Santos Oliveira**; Relações Públicas: **Michele Oliveira Carvalho**; Diretor de Cenários: **Ernani Patrício da Silva**; Sonoplastia: **Carlos Alves dos Santos**; Diretor de Manutenção: **Antonio Donizete Ciríaco**.

2006 a 2008

Uma nova diretoria foi eleita neste período sob a presidência de **Carla Luciana Santos Oliveira (Carla Vieira)**. Porém, a entidade já enfrentava dificuldades para continuar existindo, considerando a impossibilidade de receber recursos públicos para a realização da encenação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros/Trabalhos Acadêmicos

BORGES, W. R. *et al.* **Cubatão – Caminhos da História**. Cubatão: Ed. do Autor, 2008.

BORGES, Welington Ribeiro. **A Capoeira Em Cubatão (SP)** – Subsídios para a Preservação da Memória e Cultura do Município. 19f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Metropolitana de Santos, Santos, 2018.

CHAUÍ, Madalena. **O que é ideologia**. Col. Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1995. P. 379-380.

DA GUARDA, Luzia Maltez. **Antologia do Folclore Cubatense**. Cubatão: Editora do Autor, 1985.

FERREIRA, Arlindo. **Causos Cubatenses**. Cubatão: Editora do Autor, 2009.

PINTO, Celma do Carmo de Souza. **Cubatão – história de uma cidade industrial**. Cubatão, Editora do Autor, 2005.

SANTOS, Tania Maria Oliveira dos. **“Paixão e morte de Jesus Cristo”**: análise do espetáculo do grupo Terra Nossa e sua importância para o cenário artístico do município de Sena Madureira. 2014. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

Sites Especializados

AGENDA 21 – CUBATÃO 2020: Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/cubatao/ag2020l.htm>> Acesso em 31 jan. 2019.

CÂMARA MUNICIPAL DE CUBATÃO. Disponível em: <<http://camaracubatao.sp.gov.br/historia4.html>> Acesso em 14 fev. 2019

GOMES, M. M.; OLIVEIRA, C. D. M. **As Festas de Nossa Senhora da Conceição e a Encenação da Paixão de Cristo**: Desafios ao Lugar do Patrimônio Imaterial e Turístico em Pacatuba (CE). In: Revista Brasileira de Ecoturismo. Disponível em: <<http://www.sbecotur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/view/458>> Acesso em 31 jan. 2019.

MAIO, Carlos Alberto. **Turismo Religioso e Desenvolvimento Local**. In: Publicatio UEPG. Disponível em: <<http://177.101.17.124/index.php/sociais/article/view/2755/2040>> Acesso em 31 já. 2019.

O TEATRO E A PAIXÃO DE CRISTO. In: GGN **O Jornal de todos os Brasis**. Disponível em: <<https://jornalgggn.com.br/blog/luisnassif/o-teatro-e-a-paixao-de-cristo>> Acesso em: 29 de jan. 2019.

PAIXÃO DE CRISTO DE NOVA JERUSALÉM. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Paix%C3%A3o_de_Cristo_de_Nova_Jerusal%C3%A9m&oldid=53994284>. Acesso em: 29 jan. 2019.

ROCHA, Thaíse Sá Freire. Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF. In: Anpuh MG. Disponível em: <http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340766055_ARQUIVO_Artigo-Anpuh.pdf> Acesso em 10 mar. 2019.

Jornais

- A Paixão de Cristo Revivida Pela Arte. **Diário da Noite**. São Paulo. 2 abr. 1980.
- Acidente na Encenação da Paixão. **Cidade de Santos**. Santos. 19 abr. 1981.
- A Paixão de Cristo em Cubatão. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 25 mar. 1979.
- Atores Revivem o Drama da Paixão de Cristo. **A Tribuna de Santos**. Santos. 13 abr. 2001.
- Congratulações ao COTAC. **Jornal de Cubatão**. Cubatão. 25 abr. 1976. P. 3.
- Cosipano Interpreta Cristo. **O Chapa – Jornal Interno da Companhia Siderúrgica Paulista – COSIPA**. Cubatão. 31 mar. 1983. N. 441.
- Cristo Morre nas Ruas de Cubatão. **Diário de São Paulo**. 18 abr. 1976.
- Cubatão Mostra a Paixão de Cristo. **A Tribuna de Santos**. Santos. 12 abr. 1974.
- Cubatão Realiza a 14ª Apresentação do Drama. **A Tribuna de Santos**. Santos. 1 abr. 1983.
- Em Cubatão, o Drama da Paixão. **Cidade de Santos**. Santos. 18 abr. 1984.
- Em Cubatão, Milhares Vêm Paixão de Cristo. **A Tribuna de Santos**. Santos. 15 abr. 1979.
- Emoção e grandiosidade Marcam a 41ª encenação da Paixão de Cristo em Cubatão. **Reação Popular**. 9 abr. 2010.
- Emoção na Peça da Paixão de Cristo. **A Tribuna de Santos**. Santos. 19 abr. 1987.
- Encenação do Drama da Paixão Agrada ao Público. **A Tribuna de Santos**. Santos. 7 abr. 1985.
- Encenação em Cubatão envolverá 250 atores. **Jornal Costa Norte**. Bertioga. 2 mar. 2007.
- Encenação Marca a Idade de Cristo. **Jornal do Povo**. Cubatão. 28 mar. 2002.
- Grupo Teatral é Uma Grande Família. **Jornal do Povo**. 13 abr. 2001.
- Interprete de Cristo quer entrar para o Guinness. **A Tribuna de Santos**. Santos. 24 mar. 2005.
- Mais de 10 Mil Pessoas Vêm Encenação do Drama da Paixão. **A Tribuna de Santos**. Santos. 22 abr. 1984.
- Mais de 20 Mil Pessoas Assistiram o Drama da Paixão. **Jornal de Cubatão**. Cubatão. 30 mar. 1975.
- Muitos viram a morte de Cristo. **Cidade de Santos**. Santos. 19 abr. 1987.
- Nas Ruas o Drama da Paixão. **A Tribuna de Santos**. Santos. 30 mar. 1975.
- O Drama de Cristo em Cubatão. **Cidade de Santos**. Santos. 30 mar. 1975.

O Drama, Pela 7ª Vez. **Cidade de Santos**. 18 abr. 1976.

O Prefeito Esclarece Sobre o Drama da Paixão. **Jornal de Cubatão**. Cubatão. 19 mar. 1972.

Paixão com Reginaldo Pela Sexta Vez. **Jornal de Cubatão**. Cubatão. 15 mar. 1975.

Paixão de Cristo Deve Atrair 30 Mil este Ano. **A Tribuna de Santos**. Santos. 28 mar. 1983.

Paixão de Cristo é Dramatizada e Emociona Espectadores. **A Tribuna de Santos**. 6 abr. 1980.

Paixão de Cristo é Encenada por 200 Atores. **A Tribuna de Santos**. Santos. 31 mar. 1991.

Paixão de Cristo Emociona Cubatão. **A Tribuna de Santos**. Santos. 15 abr. 1979.

Paixão de Cristo no Dia 9 de Abril. **Jornal de Cubatão**. Cubatão. 4 set. 1970.

Paixão e Morte de Cristo Será Apresentada em Cubatão. **A Tribuna de Santos**. Santos. 9 abr. 1982.

Paixão de Cristo Terá a Sua 10ª Apresentação. **A Tribuna de Santos**. 8 abr. 1979.

Povo Emocionado Assistiu ao Drama da Morte de Jesus. **Cidade de Santos**. Santos. 29 mar. 1970. Caderno 1, p. 6.

Recado Para Cubatão. **A Tribuna de Santos**. Santos. 30 mar. 1970. P. 9.

RIBEIRO, Donato. Paixão e Morte de Cristo Teve Emocionante Sucesso. **Jornal de Cubatão**. Cubatão. 29 mar. 1970. Capa.

Vinte Mil Vêm a Paixão de Cristo. **Cidade de Santos**. Santos. 6 abr. 1980.

